

261

J. A. PIRES DE LIMA

**AO CORRER
DO TEMPO**



PORTO

1 9 4 7

P.

AO CORRER
DO TEMPO

AO CORRER DO TEMPO

PORTO

AO CORREIO DO TEMPO

TIP. DA LIVRARIA SIMÕES LOPES
Rua do Almada, 119—PORTO

9107

J. A. PIRES DE LIMA

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ANATOMIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO
SÓCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

AO CORRER DO TEMPO



B. 9107. P.



EDIÇÃO DA REVISTA

« ACTUALIDADES LITERÁRIAS »



1 9 4 7

Deposítário: MANUEL BARREIRA

LIVRARIA SIMÕES LOPES

Rua do Almada, 119—PORTO

DO MESMO AUTOR:

- AS ANOMALIAS DOS MEMBROS NOS PORTUGUESES — 1 vol. de 180 pág. com 85 fig. — Porto, 1927.
- FORA DA AULA (artigos de vulgarização científica) — 1 vol. de 334 pág. — Porto, 1929.
- VÍCIOS DE CONFORMAÇÃO DO SISTEMA URO-GENITAL — 1 vol. de 212 pág. com 115 fig. — Porto, 1930.
- D. AFONSO VI (a sua doença e a anulação do seu casamento) — 1 vol. de 74 pág., profusamente ilustrado (de colaboração com António Augusto Pires de Lima) — Porto, 1937.
- ARES DO CAMPO (impressões do Minho) — 1 vol. de 149 pág. — Barcelos, 1937.
- MEMÓRIAS — 1 vol. de 136 pág. — Porto, 1938.
- OS POVOS DO IMPÉRIO PORTUGUÊS (Estudos antropológicos) — 1 vol. de 208 pág. — Porto, 1938.
- TRADIÇÕES POPULARES DE ENTRE-DOURO-E-MINHO (de colaboração com Fernando de Castro Pires de Lima) — 1 vol. de 236 pág. — Barcelos, 1938.
- MOUROS, JUDEUS E NEGROS NA HISTÓRIA DE PORTUGAL — 1 vol. de 184 pág. — Porto, 1940.
- PALAVRAS DUM MÉDICO (Noções de Medicina preventiva) — 1 vol. de 176 pág. — Cova da Iria, 1940.
- QUESTÕES DE LINGUAGEM CIENTÍFICA — 1 vol. de 238 pág. — Porto, 1942.
- CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO ROMANCEIRO MINHOTO (de colaboração com Fernando de Castro Pires de Lima) — 1 vol. de 108 pág. + Album musical. — Porto, 1943.
- EPÍTOME DE HISTÓRIA DA MEDICINA PORTUGUESA — 1 vol. de 131 pág. — Porto, 1943.
- PALAVRAS DUM MÉDICO (2.^a série) — 1 vol. de 177 pág. — Cova da Iria, 1945.
- O CORPO HUMANO (rudimentos de Anatomia) — 1 vol. de 140 pág., com 36 fig. — Porto, 1945.
- O CORPO HUMANO NO ADAGIÁRIO PORTUGUÊS — 1 vol. de 182 pág. — Porto, 1946.
- NOSSA SENHORA EM PORTUGAL (de colaboração com F. C. Pires de Lima) — 1 vol. — Porto, 1946.
- NO LIMITE DE IDADE — 1 vol. — Porto, 1947.

NO PRELO:

A MEU VER...

PREFÁCIO

À MEMÓRIA DE MINHA FILHA

MARIA CLEMENTINA

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente...*

PREFÁCIO

Num livrinho publicado há nove anos ⁽¹⁾, informei: «Tenho vivido numa época muito agitada e, a pesar do meu temperamento pacífico e recolhido, lidei com muita gente e fui testemunha de variadíssimos factos, que interessam, mais ou menos, à vida política e social da nossa terra.

Há alguns anos que me lembrei de escrever as minhas memórias, extensa obra, largamente documentada. Mas a vida é breve e receio não ser possível levar a cabo o meu intento.

Por esse motivo, à medida das oportunidades, irei dando a lume algumas notas...»

Eram da mesma índole das «Memórias» alguns dos capítulos de outro livro publicado pouco antes. ⁽²⁾

(1) J. A. Pires de Lima — «Memórias». Porto 1958.

(2) Idem — «Ares do Campo». Barcelos 1957.

PRÉFÁCIO

Surge agora novo ensejo para prosseguir na publicação das recordações da minha vida.

O actual volume compreende os capítulos seguintes: I, intitulado Cortejo fúnebre, no qual recordo notas biográficas de pessoas de elevada categoria, já falecidas, com as quais muito convivi; II, Recordações, no qual passo em revista factos sociais em que tomei parte. Os cinco últimos capítulos reproduzem trabalhos que, em datas diversas, apresentei em conferências ou na imprensa científica.

Para não avolumar demasiadamente este livro, deixo para nova oportunidade outros estudos do mesmo género, quer já escritos, quer em projecto.

ANTONIO DE AZEVEDO MAA

A Escola de Porto Alegre no século XIX sob a direção dos doutores Antônio Bernardino de Almeida, Eduardo Pinheiro e Azzevedo Maia.

I

CORTEJO FÚNEBRE

Os grandes doutores portugueses, que nasceram e viveram e morreram em Portugal, não deixaram, seguramente, na imprensa médica, qualquer documentação para demonstrar a sua vida e obra, que, por esse motivo, é muito conhecida por médicos de que por trabalhos imprimeis.

Antônio de Azzevedo Maia, que viveu em Porto Alegre em 1813, nasceu no Rio





CORREJO PUEBLO

ANTÓNIO DE AZEVEDO MAIA

A Escola do Porto possuiu no século XIX três grandes cirurgiões: António Bernardino de Almeida, Eduardo Pimenta e Azevedo Maia.

Todos três dotados de grande serenidade, erudição e habilidade técnica, estava contudo reservada a Azevedo Maia, que viveu no começo da era antiséptica, a glória de iniciar no Porto, com todo o êxito, a cirurgia ginècológica e abdominal.

Os grandes cirurgiões portuenses, mais habituados a manejar o bisturi do que a pena, não deixaram, infelizmente, na imprensa médica, suficiente documentação para demonstrar o seu alto valor, que, por esse motivo, é mais conhecido por tradição do que por trabalhos impressos.

António de Azevedo Maia, que faleceu nesta cidade em 1912, nascera no con-

celho de Vila do Conde a 9 de Fevereiro de 1851.

Fez um curso distintíssimo na Escola do Porto, terminando a formatura em 1874. Logo no ano seguinte, concorria a um lugar de professor substituto da secção médica, sendo aprovado, e nomeado para esse lugar. Cinco anos depois, era promovido a lente catedrático de Fisiologia, e, em 1887, transitou para a cadeira de Clínica Médica, onde se conservou até 1907, data da sua jubilação.

A pesar de ter regido com muita proficiência as suas cadeiras, não foi precisamente a elas que deu a melhor parte da sua grande actividade.

Depois de uma viagem de estudo à Inglaterra, o prof. Azevedo Maia dedicou-se apaixonadamente à ginècologia e quase transformou a sua enfermaria de clínica médica num serviço especial de doenças das mulheres.

Por esse tempo, estava a ginècologia quase na sua infância em Portugal. Em Lisboa fizera o prof. António Maria Barbosa a primeira ovariectomia em 1866, mas a doente não escapou da intervenção, e o

mesmo succedeu a duas outras que a seguir operou Barbosa.

Alves Branco, de Lisboa, obteve a primeira cura em 1876, mas, desde esse ano até 1879, morreram-lhe várias operadas. Daí em diante é que Alves Branco começou a ser mais feliz em várias ovariectomias que praticou.

No Porto, fez o prof. Eduardo Pimenta a primeira operação dessas em 1883, mas a doente faleceu, assim como outra que operou em 1887.

Pouco depois, em 1888, obtinha Azevedo Maia, no Porto, os primeiros sucessos operatórios em ovariectomias, intervenções que não tardaram a ser também praticadas por outros cirurgiões portuenses.

Pode fazer-se ideia da grande actividade cirúrgica do prof. Azevedo Maia folheando a colecção das teses do Porto, principalmente desde 1888 até 1895. Nessa colecção, encontram-se muitas dissertações valiosas, inspiradas por aquele professor, que deve considerar-se o verdadeiro creador da ginècologia portuense.

Entre elas citarei: a de Martins dos Santos (1888), que relata minuciosa-

mente uma ovariectomia, que supponho ser a primeira, seguida de cura, feita por Azevedo Maia; a de Correia de Azevedo (1889), que traz seis observações de anexectomias, seguidas de cura, uma das quais, muito trabalhosa, foi feita em cinquenta minutos; a de Luís Maia (1889), que viu o prof. Azevedo Maia praticar oito extirpações dos anexos, com a maior perícia e felicidade; a de Correia de Matos (1889), que também se refere a salpingo-ovariotomias; a de António A. de Azevedo (1889), que trata de várias raspagens uterinas praticadas por motivo de metrites; a de Júlio Malfeito (1890), que insere 18 observações de laparotomias por motivo de inflamações pélvicas; a de Almeida Dias (1890), que arquiva duas observações de fibromiomas do útero operados igualmente por Azevedo Maia; a de Fernando Touret (1890), que publica duas observações de colecistotomias, seguidas de cura; a de Perry de Sampaio (1891), que menciona um caso de quisto do ovário, com torção do pedículo; a de Carvalho Beirão (1891), que traz duas

observações de gravidez ectópica; a de Ferreira de Castro (1891), que trata de várias salpingites operadas por Azevedo Maia; a de Fernando de Almeida (1892), que publica muitas observações de hysterectomias vaginaes por metro-anexite; a de Costa Rodrigues (1892), que menciona duas observações de quistos parováricos; a de Martins Henriques (1893), que se ocupa de miomas uterinos e a de Gonçalves de Matos (1895), que publica duas observações de oclusão intestinal, curada por laparotomia.

Dentro de poucos anos de prática cirúrgica, como se vê, o prof. Azevedo Maia executava com êxito, no nosso meio acanhado, as mais audaciosas intervenções, quer nos órgãos genitais internos, quer no fígado e tubo digestivo.

Foi no Hospital de Santo António e enfermaria de Clínica Médica que ele fez a sua educação cirúrgica, que o elevou a um dos primeiros lugares entre os maiores cirurgiões portugueses.

Mais tarde, começou a operar no Hospital de Santa Maria, e, daí em diante,

mais escasseiam as notícias acerca dos seus trabalhos.

É na colecção das teses do Porto que se podem colher os dados mais completos sobre a vida médica do eminente cirurgião.

Além das dissertações inspiradas por ele, e das suas teses, que se ocupam de fisiologia, apenas conheço do prof. Azevedo Maia um artigo publicado em 1888 na «Medicina Contemporânea» sobre uma ovariectomia praticada em sua própria casa, e a notícia de várias discussões, por vezes muito vivas, em que ele entrou, na extinta *Sociedade União Médica*, e cujo relato se pode ver na colecção da «Medicina Moderna».

Desempenhou, há muitos anos, o lugar de vice-presidente da Câmara Municipal do Porto, e outras funções estranhas à medicina; mas, felizmente, por muito pouco tempo prendeu as suas atenções a política, que em Portugal, por via de regra, esteriliza intelectualmente quantos médicos de valor se deixam enredar por ela.

(*Gazeta dos Hospitais do Porto*, vi, 1912).

SOUSA OLIVEIRA

Com 62 anos de idade, e ainda em plena actividade clínica, acaba de desaparecer o notável cirurgião portuense Francisco de Sousa Oliveira.

Nasceu no Porto em 15 de Maio de 1861, formando-se muito novo na Escola Médica desta cidade, onde defendeu tese a 23 de Julho de 1874, dissertando sobre aneurismas.

Em 11 de Março de 1878 foi nomeado, precedendo concurso, clínico-supranumerário do Hospital Geral de Santo António; em 13 de Maio de 1883 foi promovido a director de enfermaria, lugar que desempenhou ininterruptamente até à sua morte, dirigindo a enfermaria n.º 14 (hoje n.º 13). A sua grande notoriedade como operador fez com que a Mesa da Ordem do Carmo o nomeasse também director dos serviços cirúrgicos do seu Hospital.

Durante muitos anos a cirurgia por-

tuense esteve inteiramente nas mãos do prof. António Bernardino de Almeida e daí passou para as do prof. Eduardo Pimenta.

Este último deixou uma brilhante plêiade de discípulos, dois dos quais, Azevedo Maia e Sousa Oliveira, com pequeno intervalo de tempo, desapareceram do número dos vivos.

Sousa Oliveira, não sendo professor, tinha, todavia, um grande prestígio e, à hora da visita, seguia-o sempre um número considerável de médicos e alunos.

Era pouco expansivo, falava muito pouco e não era erudito, mesmo em assuntos cirúrgicos. Quando alguém lhe pedia conselho sobre uma revista a assinar ou sobre um livro a adquirir, costumava responder: — «O meu grande livro é a 14». Era um operador de raro mérito. Não se preocupava com os rigores da técnica e operava com uma simplicidade que fazia o encanto de quem assistia aos seus trabalhos.

Era principalmente ginècologista, mas nenhuma das especialidades cirúrgicas

lhe era estranha. Fazia com tanto brilho uma histerectomia como uma extracção de catarata. Nesta última era admirável de precisão: Com o monóculo entalado num olho, empunhava a faca de Graefe com igual firmeza, tanto na mão direita como na esquerda.

Desde fins de 1878, começou a dedicar-se à oftalmologia, fazendo a sua primeira operação de catarata em Dezembro daquele ano. Mais tarde, estabeleceu uma consulta especial de oftalmologia, depois dirigida pelo colega Ramos de Magalhães.

Mas foi à ginècologia que Sousa Oliveira dedicou a melhor parte da sua actividade. Em 1882 operou as primeiras fístulas vésico-vaginais; em 1884 começou a extirpar pólipos uterinos e a 9 de Agosto de 1889 fez a primeira laparotomia. Nesse ano praticou mais oito, todas seguidas de cura. Nos últimos vinte anos foi duma extraordinária actividade operatória.

Nunca viajou, e suponho mesmo que nunca saiu do Porto. Fez-se na sua enfermaria e adquiriu uma técnica um tanto

peçoal, mas tão segura, que o fazia notável em qualquer meio cirúrgico.

Sereno e frio a operar, Sousa Oliveira procurava meticolosamente a oportunidade de intervir. As suas raras qualidades de cirurgião faziam com que as suas estatísticas fossem singularmente felizes. Por isso as doentes afluíam à sua clínica e os colegas e estudantes seguiam-no cheios de interesse, não para o ouvir, porque ele raramente dizia as suas impressões sobre uma doente, mas para apreciar a sua destreza cirúrgica.

Os grandes clínicos do Porto pouco ou nada escrevem e Sousa Oliveira, se deixou alguns trabalhos dispersos pelas revistas (¹), muito mais podia ter escrito, aproveitando o material imenso que lhe passou pelas mãos.

Quem escreve estas linhas, num passado infelizmente já distante, teve a honra de acompanhar Sousa Oli-

(¹) Publicaram trabalhos de Sousa Oliveira as seguintes revistas: «*Saúde Pública*», «*Medicina Moderna*», «*Revista Portuguesa de Medicina e Cirurgia Práticas*», «*Porto Médico*» e «*Gazeta dos Hospitais do Porto*»

veira, como aluno interno da sua enfermaria.

Actualmente ausente do Porto, escrevo quase só de memória estas curtas linhas, lamentando não encontrar à mão elementos para poder redigir uma notícia mais desenvolvida, como merecia a memória do grande cirurgião portuense, e como reclamava a gratidão dum discípulo e a saudade dum amigo.

(*"Gazeta dos Hospitais do Porto"* 1913).

JOÃO MONTEIRO DE MEYRA

Meu companheiro e amigo certo nas horas fugazes da mocidade, é com emoção que venho associar-me a esta comemoração tão justa.

Já lá vão alguns anos depois que vi lançar os pobres despojos do Meyra na «sepultura humilde» onde ele queria ir, e realmente foi «perpétuamente dormir». Pois ainda não suporto, sem uma dolorosa tristeza, o pensamento de que ele desapareceu para sempre. Não foi trivial a sua vida académica: o Meyra não pensava, não estudava, nem gastava os seus ócios da mesma forma que o faziam os rapazes do seu tempo. E, como os seus deveres escolares eram cumpridos sem grande método e sem grande entusiasmo, passou o tempo de estudante mal conhecido pelos mestres e mal apreciado pelos discípulos. Só uma pequena roda de amigos sabia que ele, em constantes lei-

turas, estava adquirindo uma erudição perfeitamente rara para a sua idade e para o nosso meio. Tão sólida cultura humanista iria guiar uma brilhante carreira, que o destino tão brutalmente cortou, quase no seu início.

A sua dissertação inaugural «O Concelho de Guimarães», uma das mais notáveis que à Escola do Porto têm sido apresentadas, constituiu, para os que não o conheciam de perto, uma verdadeira revelação, e abriu-lhe, por assim dizer, as portas do magistério superior.

Pouco depois do seu ingresso no corpo docente da Escola Médica, fundou com o professor Maximiano Lemos a nova série dos «Archivos de História da Medicina Portuguesa», onde publicou alguns estudos, que são pequenas obras primas.

A maneira fácil e elegante como manejava a língua portuguesa, a sua vasta erudição, a tenacidade e a probidade com que trabalhava, e a segurança das suas deduções críticas mostravam quanto ele valia.

Cada vez é mais para sentir a falta de espíritos claros e educados como o dele,

numa época em que a nossa Pátria tem de entrar numa larga obra de reconstrução.

Sob a égide de Martins Sarmiento, surgiu uma Biblioteca e um Museu, que constituem título de glória para a milenária Guimarães. Ali se criaram Alberto Sampaio, o Abade de Tagilde e João de Meyra, investigadores de arqueologia e história, que os seus patrícios felizmente não esquecem. A melhor forma de lhes honrar a memória é seguir-lhes o exemplo, não deixando quebrar aquela tradição vimaranense. A sombra do Castelo afonsino continuará sendo ambiente deveras propício para o estudo da alma da nossa raça.

(Echos de Guimarães — 10 de Março de 1918).

ROBERTO FRIAS

Entre os consócios que a A. M. L. teve o desgosto de ver desaparecer neste semestre, destaca-se o prof. Roberto Frias, sócio fundador e antigo Presidente da Direcção e da Assembleia Geral. Além das manifestações de pesar que ficam relatadas no extracto das sessões da Direcção, o prof. Pires de Lima, como representante desta Associação, preferiu, à beira da sua sepultura, as seguintes palavras:

« Meus Senhores: — Encarregou-me a Associação Médica Lusitana de vir, em seu nome, pronunciar duas palavras de homenagem à memória do consócio que vai agora gozar a paz deste cemitério.

Não há muitos meses que o precedeu aqui outra alta figura da minha Faculdade — o prof. Plácido da Costa. De estrutura mental tão diversa, tão afastados pela sua diferente orientação filosófica, tão distintos um do outro, até pela raça,

é curioso notar como ambos conseguiram elevar-se tanto no conceito da classe, enchendo ao mesmo tempo de prestígio a sua Escola.

Alguma coisa de comum havia, sem dúvida, entre o beirão de espírito sagaz, que perdemos vai para dois anos, e o indo-português, de pura casta brámane, cuja lucidez mental nós tanto admirávamos. O traço que os ligava era o sistema educativo que os formara, a sua educação humanista inicial, baseada, sobretudo, no conhecimento das literaturas clássicas e da filosofia.

Na hora de transformações máximas que nos espera, oxalá se convença o legislador que tal base educativa é a mais profícua para disciplinar um espírito, para fazer, dum homem em formação, um profissional e não um artífice.

Como recorde, com saudade, os momentos em que me foi dado ouvir, no gabinete dos professores da Faculdade de Medicina, conversas em que o Plácido e o Frias comentavam, ora uma passagem dum autor latino, ora alguns versículos dum salmo de David!

Depois, lá ia o Plácido, rígido de corpo e de espírito, fazer a sua prelecção de fisiologia, usando uma linguagem quase tão precisa como a das matemáticas. E lá ia o Frias para a sua Clínica Cirúrgica encantar os alunos com lições eruditas, espontâneas e originais.

Clínico da velha escola de Trousseau e Sousa Martins, o prof. Roberto Frias nunca precisou de decorar códigos deontológicos. A sua conduta, como homem e como clínico, era naturalmente correcta, e limpa como a sua alma.

Inteligência cultíssima, podia ter dispersado a sua actividade, podia ter-se dedicado, por exemplo, à política, onde, sem esforço, adquirem altas situações mesmo aqueles a quem faleça o mérito.

Não o quis. Desejou apenas ser um clínico e foi, por isso, um grande clínico. (1)

(1) Sobre a história da cirurgia no Porto, ver: Maximiano Lemos — *História do ensino médico no Porto*, 1925. Hernâni Monteiro — *Idem, Suplemento*. Hernâni Monteiro — *Origens da cirurgia portuense*, 1926. *Homenagem ao cirurgião Júlio Franchini* — Porto, 1928.

Em nome da Associação Médica Lusitana, ao sábio Mestre, ao grande médico e ao homem bom que se chamou Roberto Frias, eu venho singelamente dizer: Adeus! ».

(«Boletim da Associação Médica Lusitana», 1918, p. 4)

MAXIMIANO LEMOS

Resolveu o nosso ilustre director, snr. prof. Alfredo de Magalhães, que a comemoração do I Centenário da Faculdade de Medicina do Porto fosse iniciada pela publicação da História do ensino médico nesta cidade, que ficou no espólio do prof. Maximiano Lemos.

Solicitou a colaboração artística do prof. Salazar e incumbiu-me de coordenar os manuscritos e de vigiar pela edição desta obra póstuma, a última do fecundíssimo historiador da medicina portuguesa.

Auxiliou-me na tarefa o snr. dr. Alberto Saavedra, assistente da Faculdade, que já dera provas de dedicação pela memória de tão preclaro professor, inventariando uma exaustiva bibliografia.

Ficou incompleta a presente obra, aquela, certamente, que Maximiano desejaria que fosse a mais perfeita. Começou há alguns anos a prepará-la e contava

tê-la pronta por ocasião do Centenário; infelizmente a doença, cruelíssima, foi-lhe arrebatando as forças e derrubou-o antes do fim.

Há mais de um ano que Maximiano Lemos faleceu, e ainda não podem os seus amigos recordar sem emoção o que foi o seu longo martírio. A 21 de Fevereiro de 1923, na memorável sessão solene em homenagem a Maximiano, contou o snr. prof. Ricardo Jorge, com rara beleza e inteira verdade, como foi fulminado o seu gentilíssimo espírito. «Um dia, sobre este remanso onde reinava uma felicidade infinda, nuvem sinistra pairou e fusilou o corisco. Forte como o varão da Escritura, o seu ânimo não se conturba: olhou para dentro de si e em torno de si, nada sentiu a mais que uma prova trazida pelo destino inexorável ao seu espírito intemerato e intemente: sem vacilação dum instante, encolhe estoicamente os ombros e sorri-se angêlicamente. Nem o remo sequer lhe escorrega das mãos; a faina continua com a mesma canseira, e a barca prossegue na sua rota enquanto Deus for servido. Não custa a calma prazen-

teira à sombra da boa fortuna: mas arrancar a paz da alma às garras da desventura, só o herói ou o santo».

«Trabalhando sempre indefesamente, afirmou o prof. Alfredo de Magalhães na brilhantíssima oração que proferiu na mesma solenidade, como quem conhece que só no trabalho há repouso e que o resto não é senão fadiga, leva em via de conclusão a «História da Faculdade de Medicina do Porto», prova tocante, apenas mais uma prova, da sua dedicação sem limites à Escola que o formou»: (1)

Infelizmente não chegou a concluir o seu estudo. Já por alturas da sessão solene, a sua energia física se ia esgotando. Perguntando-lhe um dia se estava adiantada a elaboração da sua obra, ele, impossibilitado de falar, puxou de um lápis e respondeu-me:

*«Custa-me fazer seja
o que for»*

(1) 21 de Fevereiro de MCMXXIII — Homenagem da Faculdade de Medicina do Porto ao Prof. Maximiano Lemos.

Conservo piedosamente uma colecção de autógrafos em que ele manifestava sempre a sua inquebrantável dedicação pela Faculdade. A 27 de Abril daquele ano, inquirindo outra vez do andamento da obra, o pobre Maximiano, esboçando um leve sorriso de perfeita resignação, traçou as seguintes linhas:

*«Isto está a acabar, o trabalho
e o autor»*

Tentei animá-lo como pude, e tive como resposta:

*«Meu caro P. de Lima. Isto
em dois meses está liquidado
(reserva)»*

Conhecia que a morte o esperava em breve, mas só a amigos muito íntimos revelava o seu prognóstico. Era segredo para as demais pessoas. E trabalhou sempre, enquanto os seus dedos mirrados puderam segurar uma pena.

Tais foram as condições em que foi elaborado este trabalho. Quem coordenou

os manuscritos teve grande dificuldade em manter, tanto quanto possível integralmente, o pensamento e a grafia do autor. Pela nossa parte, apenas fizemos a penosa revisão das provas, fixamos a separação dos últimos capítulos, organizamos o sumário e demos o título ao livro.

Depois de se ocupar das origens e instalações do ensino regular da cirurgia no Porto, o Prof. Maximiano Lemos apresenta as biografias dos professores por ordem cronológica, marcando o papel que teve cada um deles nos progressos da cultura médica portuense.

É a seguinte a lista dos professores da Escola do Porto desde a sua fundação:

- 1) *Vicente José de Carvalho*
- 2) *Francisco Pedro de Viterbo*
- 3) *António José de Sousa*
- 4) *Joaquim Inácio Valente*
- 5) *Bernardo Pereira da Fonseca Campeão*
- 6) *Alexandre de Sousa Pinto*
- 7) *Francisco de Assis e Sousa Vaz*
- 8) *Bernardo Joaquim Pinto*
- 9) *António Ferreira Braga*
- 10) *João Tiago Brandão*
- 11) *José Pereira Reis*

- 12) *Francisco Veloso da Cruz*
- 13) *José Gregório Lopes da Câmara Sínval*
- 14) *António Bernardino de Almeida*
- 15) *Januário Peres Furtado Galvão*
- 16) *Caetano Pinto de Azevedo*
- 17) *Luís Pereira da Fonseca*
- 18) *António Fortunato Martins da Cruz*
- 19) *Luís António Pereira da Silva*
- 20) *Manuel Maria da Costa Leite*
- 21) *João Ferreira da Silva Oliveira*
- 22) *António Ferreira de Macedo Pinto*
- 23) *José Alves Moreira de Barros*
- 24) *José de Andrade Gramaxo*
- 25) *José Frutuoso Aires de Gouveia Osório*
- 26) *Agostinho António do Souto*
- 27) *João Pereira Dias Lebre*
- 28) *João Xavier de Oliveira Barros*
- 29) *José Carlos Lopes Júnior*
- 30) *Pedro Augusto Dias*
- 31) *Miguel Augusto César de Andrade*
- 32) *Joaquim Guilherme Gomes Coelho*
- 33) *Ilídio Aires Pereira do Vale*
- 34) *António de Oliveira Monteiro*
- 35) *Eduardo Pereira Pimenta*
- 36) *José Joaquim da Silva Amado*
- 37) *António Joaquim de Morais Caldas*
- 38) *Manuel Rodrigues da Silva Pinto*
- 39) *Manuel de Jesus Antunes Lemos*
- 40) *António de Azevedo Maia*
- 41) *Augusto Henrique de Almeida Brandão*
- 42) *Vicente Urbino de Freitas*

- 43) *Miguel Artur da Costa Santos*
- 44) *Ricardo de Almeida Jorge*
- 45) *Cândido Augusto Correia de Pinho*
- 46) *António Plácido da Costa*
- 47) *Roberto Belarmino do Rosário Frias*
- 48) *Maximiano Augusto de Oliveira Lemos*
- 49) *João Lopes da Silva Martins Júnior*
- 50) *Alberto Pereira Pinto de Aguiar*
- 51) *Clemente Joaquim dos Santos Pinto*
- 52) *Carlos Alberto de Lima*
- 53) *Luis de Freitas Viegas*
- 54) *José Dias de Almeida Júnior*
- 55) *José Alfredo Mendes de Magalhães*
- 56) *António Joaquim de Sousa Júnior*
- 57) *Tiago Augusto de Almeida*
- 58) *Joaquim Alberto Pires de Lima*
- 59) *João Monteiro de Meira*
- 60) *José de Oliveira Lima*
- 61) *Álvaro Teixeira Bastos*
- 62) *Júlio Xavier de Matos*
- 63) *António de Sousa Magalhães e Lemos*
- 64) *Manuel Lourenço Gomes*
- 65) *Abel de Lima Salazar*
- 66) *António de Almeida Garrett*
- 67) *Alfredo da Rocha Pereira*
- 68) *Carlos Faria Moreira Ramalhão*
- 69) *Hernâni Bastos Monteiro*
- 70) *Manuel António de Morais Frias*

Maximiano Lemos parou o seu trabalho com o prof. Plácido, N.º 46 da série;

e, infelizmente, ficou incompleta a biografia de alguns, como Sínval, Almeida, Gramaxo, Monteiro, Gomes Coelho, Brandão, Pinho e Plácido.

Assim truncada como está, não deixa a «História do ensino médico no Porto» de ser uma obra deveras preciosa. Ficou traçado com mão de mestre o perfil dos professores mais antigos e é agora relativamente fácil estender até à actualidade a resenha dos sucessos mais salientes.

Esta Faculdade nasceu Escola de Cirurgia, e é curioso notar que as suas primitivas características ainda se mantêm em parte. Sobresairam de princípio dois notáveis dissectores, Vicente de Carvalho e Bernardo Pinto. Criou-se aqui o grande cirurgião Almeida, a quem sucedeu Pimenta, o verdadeiro vulgarizador da arte operatória no norte do País; e a cirurgia intraperitoneal, tornada possível após as geniais descobertas de Pasteur, veio a ser iniciada por Azevedo Maia, que logo teve imitadores e continuadores adestrados.

Orgulha-se a Escola do Porto de ter tido no número dos seus mestres a figura

insigne de Júlio Dinís e não devemos neste momento esquecer que o glorioso Camilo se sentou nas bancadas dos nossos alunos.

Se ao chorado prof. Maximiano tivesse sido possível completar esta obra, ele faria ressaltar os progressos realizados nos últimos anos, quer nas clínicas, quer nos laboratórios, quer na biblioteca da Faculdade. Significaria a acção que os legados e as reformas têm tido na evolução progressiva desta casa. E mostraria a influência que, durante cem anos, exerceu a Escola Médica do Porto na sociedade portuguesa.

Não me compete agora desenvolver estes pontos. Apenas alguns factos culminantes desejo frisar. A autonomia dos estabelecimentos de ensino superior, esboçada em 1907 e ampliada em 1911 e 1918, para ser, pouco depois, lamentavelmente cerceada, já produziu frutos bem apreciáveis. Graças à reforma de 1911, puderam chamar-se para o ensino oficial os professores Júlio de Matos e Magalhães Lemos, figuras primaciais da psiquiatria e da neurologia do nosso País.

E à reforma de 1918 se deve a possibilidade da fundação dos primeiros institutos de investigação na nossa Faculdade, os quais, acompanhando outros congéneres, se vão esforçando, tanto quanto lhes permite a sua situação material, tão precária, por criar uma obra científica modesta, mas portuguesa.

Outros trabalhos que vão publicar-se, em comemoração do Centenário, mostrarão o incremento que, nos últimos anos, têm tido os diversos serviços da Faculdade.

(Prefácio do livro de Maximiano Lemos «*História do Ensino Médico no Porto — 1925*»).

ILÍDIO DO VALE

O dr. Ilídio Aires Pereira do Vale nasceu em Valença, a 11 de Dezembro de 1841, sendo filho de Domingos António Pereira do Vale e de D. Rosa Pereira do Vale.

Matriculou-se na antiga Academia Politécnica do Porto no ano lectivo de 1856-57, estudando ali os preparatórios para a entrada na velha Escola Médico-Cirúrgica da mesma cidade, onde fez um curso brilhantíssimo, pois foi premiado em todos os anos, sendo aprovado com louvor na defesa da tese, em 1863, distinção que a Escola conferiu, então, pela primeira vez. O trabalho intitulava-se *Ensaio médico-filosófico. Considerações gerais sôbre o valor clínico da Anatomia-patológica*. Era um trabalho meramente teórico, exposto numa linguagem brilhante.

Completando a formatura, Ilídio do Vale voltou à sua terra natal, onde desem-

penhou, por pouco tempo, os lugares de médico municipal e de clínico do Hospital da Misericórdia.

Em 1868 concorreu a uma vaga de professor da Escola onde tão brilhantemente fizera o seu curso, apresentando uma tese intitulada: *Um capítulo de patologia geral. A diátese*. Esse trabalho tem o mesmo carácter especulativo da dissertação inaugural. Nomeado lente demonstrador, pouco depois era promovido a lente substituto, e, no ano seguinte, era fixado na cadeira de Patologia geral e externa, que regeu até 1876.

Em 1872 foi nomeado médico do Hospital de Santo António e em 1874 foi eleito deputado pelo Porto.

Partidário e amigo de António Rodrigues Sampaio, voltou a ser eleito deputado, por Valença, em 1881.

A sua palavra fácil e elegante fez-se ouvir numerosas vezes no Parlamento, onde se ocupou sobretudo de questões pedagógicas.

Diversas vezes o ouvi falar, com grande elogio, do tão discutido político e vigoroso jornalista Rodrigues Sampaio,

para cujo monumento, que se levantou em Esposende, contribuiu com uma quantia relativamente avultada.

Em 1876 transitou para a cadeira de Patologia geral, e em 1895 foi ocupar a cadeira de Matéria médica, em que tive a honra de ser seu aluno.

Foi Ilídio do Vale o autor dos *Formulários* do Hospital de Santo António, publicados em 1879, 1881 e 1887, e colaborou também no antigo Regulamento daquele Hospital. Em 1881 foi nomeado reitor do Liceu Central do Porto e professor de física do Instituto Industrial e Comercial da mesma cidade.

Começando a fraquejar-lhe a saúde, o prof. Ilídio foi pouco a pouco afrouxando a sua actividade: deixou a política e abandonou o serviço do Hospital em 1895; dois anos depois, pediu a exoneração do cargo de reitor do liceu e em 1907 foi-lhe concedida a jubilação no lugar de professor da Escola Médica.

Retirou-se então para Valença, onde, por pouco tempo, pôde gozar um merecido descanso. A morte da esposa querida e outros profundos desgostos aca-

brunharam-no e, a 14 de Julho de 1910, uma angina de peito vitimou-o subitamente.

*

Eis, em resumo, como foi a vida do minhoto ilustre que se chamou Ilídio do Vale. Colhi a maior parte destes dados na biografia desenvolvida que dele publicou o insigne historiador da medicina portuguesa prof. Maximiano Lemos.

Lembro-me com saudade do meu querido mestre de terapêutica, recordando as suas lições, em que manifestava uma facilidade de elocução e um brilho de linguagem como raras vezes tenho apreciado.

Ilídio do Vale foi produto do meio em que viveu. Foi um professor à maneira antiga. As suas funções docentes limitavam-se a recitar certas prelecções, em que o texto do compêndio era exposto com grande fluência de linguagem, e em ouvir, em cada dia lectivo, um aluno repetir um trecho do Manquat.

Como político, Ilídio do Vale foi um

parlamentar muito apreciado, da era dos Acácios, dos Pachecos, dos Gouvarinhos e de outros formidáveis pais da Pátria, que tão eficazmente conseguiram demolir o trono oito vezes secular de D. Afonso Henriques, D. João I, D. João II e D. Manuel I.

Se vivesse noutra época e em outro lugar, a carreira de Ilídio do Vale seria muito mais fecunda, pois que ele era, efectivamente, como disse Maximiano Lemos, um espírito penetrante e de grande cultura, um funcionário zeloso, e professor de talento brilhante, que expunha as suas lições com eloquência.

Congratulo-me por poder prestar esta simples homenagem a um bondoso mestre, que honrou sempre a terra em que nasceu.

(Anuário do Distrito de Viana do Castelo — 1952).

TIAGO DE ALMEIDA

A 28 de Junho corrente faleceu no Porto um professor que, nos últimos trinta anos, exerceu acção notável no ensino da medicina interna do norte do País.

Tiago Augusto de Almeida nasceu a 11 de Dezembro de 1864, na freguesia de Gandra, concelho de Esposende, e concluiu o seu curso na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1893. Em seguida foi exercer clínica para Viana-do-Castelo, desempenhando também, naquela cidade, os lugares de professor do Liceu e da Escola de Ensino Normal, da qual foi director. Fundou e dirigiu também em Viana-do-Castelo um dispensário anti-tuberculoso, que hoje tem o seu nome.

Foi o secretário geral do III Congresso da Liga Nacional contra a Tuberculose, que reuniu em Viana em 1902, e no qual tomaram parte os vultos mais conhecidos da medicina portuguesa de

então, como os professores Miguel Bombarda, Daniel de Matos, etc.

Em Março de 1906, concorreu a uma vaga de lente substituto da antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto, começando pouco depois a reger a cadeira de Clínica médica, até à sua jubilação, em 1931.

Foi secretário da Escola Médico-Cirúrgica desde 1907, desempenhando esse cargo com muita dedicação, até que a tormenta revolucionária de 1910 brutalmente o dispensou de tais funções. Fundou o *Anuário* daquela Escola, dirigindo-o enquanto secretário.

Foi Tiago de Almeida o primeiro professor português que realizou excursões escolares de estudo às águas minerais. A primeira dessas excursões (1911) foi relatada na *Gazeta dos Hospitais do Porto*, pelo então quintanista Américo Pires de Lima, hoje director da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Nos anos seguintes, dirigiu mais amplas excursões, cujo relato foi publicado em três volumes especiais.

Tiago de Almeida foi essencialmente

clínico e professor, um autêntico mestre, de raras qualidades.

A sua erudição clínica e os seus méritos didácticos ficaram amplamente documentados, sobretudo nos seus três volumes de «Lições de Clínica Médica», que, durante largos anos, andaram nas mãos de todos os alunos da Faculdade de Medicina do Porto.

Dedicou-se principalmente à tuberculose pulmonar e à patologia cardíaca, deixando na imprensa médica numerosas memórias sobre tais assuntos.

Quando foi celebrado o 1.º Centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia do Porto, antecessora da actual Faculdade de Medicina (1925), criou os *Arquivos de Clínica Médica*, de que saíram alguns volumes, nos quais colaborou intensamente.

Viajou muito pela Europa e, em 1924, fez uma grande viagem à América do Sul, publicando a esse propósito um excelente relatório.

A Faculdade de Medicina da Baía nomeou-o professor honorário, e Tiago de Almeida era sócio de várias agremiações

científicas, como a Academia das Ciências de Lisboa, a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, a Associação Internacional contra a tuberculose, de Berlim, etc.

É muito extensa a sua bibliografia, que está por organizar, pois que é deveras incompleta a que foi publicada no *Anuário da Faculdade de Medicina do Porto*, XIV, 1928.

Pelas suas qualidades morais e pela fama justificada dos seus méritos como clínico, deve o prof. Tiago de Almeida ser considerado o fundador da moderna escola portuense de medicina interna.

Na sua Clínica Médica havia uma disciplina verdadeiramente germânica: vieram os chamados cursos livres, mas tal escandalosa liberdade não teve guarida na aula do prof. Tiago, que era adorado pelos alunos, apesar da necessidade que tinham de não dar faltas.

A hierarquia da Clínica Médica foi sempre mantida com um rigor quase militar. Quem houvesse de servir com o prof. Tiago já sabia que tinha de lhe obedecer, e, em todos os funcionários

daquele serviço modelar, desde o mais modesto pessoal menor ou técnico até aos assistentes, aos professores auxiliares e aos catedráticos, em todos havia a marca da orientação e da autoridade do prof. Tiago de Almeida.

A Faculdade de Medicina do Porto perdeu um mestre insigne e sobretudo um grande chefe.

(*Clínica, Higiene e Hidrologia*, Ano II, p. 252, Lisboa, 1926).

O REGRESSO DE RICARDO JORGE

«Nestes princípios de disposição cemiterial, consentâneos com a educação e as ideias de hoje, temos um magnífico exemplar em Agramonte, que podemos orgulhosamente mostrar a quem quer que seja».

Ricardo Jorge - *Higiene Social* - Porto, 1885.

Há uns quarenta anos notava-se grande agitação no Porto. As medidas sanitárias, talvez excessivamente rigorosas, no combate à epidemia de peste, causaram prejuízos no comércio, e os negociantes não perdoaram ao médico municipal, a quem atribuíram as providências higiênicas e até a *invenção* da peste.

A imprensa do Porto era unânime em atacar o professor Ricardo Jorge, e até escritores de responsabilidades mentais, como Sampaio Bruno, faziam coro, chegando este último, em vibrantes artigos da «Voz Pública» a reclamar, pura e

simplesmente, a demissão de Ricardo Jorge.

Sugestionada pela imprensa e pelo praguejar dos negociantes, a plebe amotinava-se, apedrejando os médicos (1).

O rapazio, a cada esquina, cantarolava :

«Ora mete, mete, mete,
Ora mete: não é mau...
Se te doer a cabeça,
Vais p'rás *Quelas de Pau*»

Outros, mais directamente agressivos, vociferavam :

«O doutor Ricardo Jorge
Tem a peste na cartola»
.....

E improvisavam quadras, por vezes obscenas.

(1) Do descontentamento se aproveitou o partido republicano, mandando ao parlamento três deputados pelo Porto. Confronte-se o que sucedera, anos antes, no Rio de Janeiro. A mudança das instituições políticas brasileiras filia-se, em grande parte, no descontentamento dos roceiros, por causa da abolição da escravatura. Singular forma tem a liberdade de buscar elementos para o seu triunfo...

Um dia, era eu estudante de preparatórios médicos na antiga Academia Politécnica, enquanto esperava a aula de química no jardim da Cordoaria, e observava, com alguns condiscípulos, os ensaboados volumes que expunha à venda um alfarrabista, passaram dois meninos, carregados de grandes sacolas de livros, em direcção ao liceu do Porto, único da cidade, que funcionava num ignóbil casarão da Rua de S. Bento.

Apresentando os estudantinhos, informou o livreiro: — «São filhos do Ricardo Jorge. Deviam-lhes estorcegar o pescoço enquanto são nõvinhos, para que, em crescendo, não sejam como o pai!»

*

Foi para Lisboa Ricardo Jorge, corrido da sua terra natal, onde iniciara brilhantíssima carreira científica e literária.

Foi ocupar o cargo de Director Geral de Saúde, e, em breves meses, promovia a publicação de um código sanitário que, se fosse cumprido integralmente, nos poria ao lado das mais adiantadas nações.

Mas o seu extraordinário talento não podia confinar-se dentro dos estreitos limites da fronteira portuguesa.

Correu mundo, tomou parte em congressos internacionais, e ingressou nas mais notáveis corporações que se occuparam da hygiene, em Paris, em Genebra, em Londres, sendo considerado, em toda a parte, um dos mais notáveis cultores da medicina preventiva.

*

Num entardecer triste de Outono, chegou à porta escancarada do cemitério de Agramonte um carro funerário, que transportava os despojos mortais do mais insigne dos médicos portuenses. Aguardavam o caixão escasso número de admiradores do Mestre da hygiene e das letras portuguesas — professores e médicos sanitários, literatos e artistas. Já dentro do recinto sagrado, esperava-o também, de acolhedores braços abertos, a imagem de Cristo crucificado e o ministro da Sua religião.

Seguido pelo corpo da que foi sua

amantíssima esposa, lá foi, a caminho do pequeno templo, o cadáver daquele que, na mocidade, fora ardente paladino do livre-pensamento.

E na capela, enobrecida pelo fresco de Battistini, enquanto o sacerdote lançava a absolvição, puderam balbuciar uma prece alguns, como eu, que também passaram pela árida fase da descrença...

Regressou o corpo de Ricardo Jorge à terra que o viu nascer, regressou o seu luminoso espírito no seio de Deus, que sua mãe lhe ensinou a amar.

(*Bazar das Letras, das Ciências e das Artes. Suplemento literário de «A Voz» — Lisboa 29-XII-39.*)

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

Desde 1879 a 1886, frequentou a velha Escola Médico-Cirúrgica do Porto uma série de alunos, que se notabilizaram singularmente, na medicina e na cirurgia, nas ciências e nas letras, na cátedra e nos hospitais. Alguns deles tiveram grande projecção internacional, honrando sobretudo a ciência portuguesa.

Não sei se por mera coincidência, se por qualquer motivo ignorado, sentaram-se quase ao mesmo tempo nos bancos da secular Escola Médica do Porto uma plêiade de rapazes que vieram a desempenhar grande papel na sociedade portuguesa dos fins do século XIX e princípios do século XX.

Todos eles morreram já, deixando contudo luminoso rasto na história da medicina pátria.

Citarei, entre outros, o oftalmologista Plácido da Costa, cujas descobertas foram

devidamente realçadas na Alemanha; Ricardo Jorge, o maior higienista português, depois de Ribeiro Sanches; o delicioso cronista do Minho, José Augusto Vieira; o grande psiquiatra Júlio de Matos; os cirurgiões Roberto Frias e Franchini, o clínico Tito Fontes e o parteiro Maia Mendes; o historiógrafo da medicina portuguesa Maximiano Lemos; o neurologista Magalhães Lemos; o pediatra e jornalista médico Júlio Cardoso; o etnógrafo, filólogo e arqueólogo insigne, há pouco desaparecido, José Leite de Vasconcelos.

A sua dissertação inaugural, apesar de não tratar de assunto propriamente médico «A Evolução da Linguagem», foi aprovada com louvor, distinção que a Escola conferiu raríssimas vezes.

Não exerceu a profissão médica, mas honrou-a como poucos. Por isso, é justo que este jornal registre a morte do grande sábio.

Já quando cursava a Escola Médico-Cirúrgica do Porto se dedicava à etnografia portuguesa, ciência na qual se tornou o maior dos mestres. Pouco depois,

fundou os grandes periódicos científicos «Revista Lusitana» e «Arqueólogo Português», dos quais saíram, sob a sua direcção, algumas dezenas de preciosos volumes.

Doutorou-se na Faculdade de Letras de Paris (Sorbonne), fundou o grandioso Museu Etnológico Português (Jerónimos), foi professor da Faculdade de Letras de Lisboa, e, durante a sua larga e laboriosa vida, publicou centenas de valiosos trabalhos científicos, sobre etnologia, filologia, arqueologia, etc.

Não é este lugar adequado para estudar a sua prodigiosa e vastíssima obra, da qual, pelo menos de nome, todos conhecem as «*Religiões da Lusitânia*» a «*Antroponímia portuguesa*», «*De terra em terra*» e, sobretudo, a monumental «*Etnografia portuguesa*», que desgraçadamente deixou incompleta.

Apesar de se ter desviado da carreira médica, Leite de Vasconcelos nunca esqueceu a Escola onde se formou. A cada passo citava com respeito os seus velhos mestres, colaborou com uma erudita conferência nas comemorações

do I Centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia do Porto e não vinha ao Norte sem entrar na Faculdade que derivou daquela Escola; Já lá não encontrava os mestres que o ensinaram, mas dava sempre a honra de falar, por largo tempo, com o autor destas linhas, modesto sucessor daqueles.

É colossal a obra de Leite de Vasconcelos: desde 1882, em que publicou o já notável trabalho «*Tradições populares de Portugal*», até que, em 1941, a morte lhe fez cair a pena da mão, foram às centenas os volumes e opúsculos científicos, que, em sessenta anos, entregou à publicidade.

Apesar de ser um dos maiores sábios que têm florescido em terras de Portugal, ou talvez por isso mesmo, Leite de Vasconcelos usava de perfeita lealdade para com todos: acarinhava os discípulos, e animava os novos, citando benèvolamente os seus trabalhos, e com eles permutava liberalmente as suas obras.

É com a maior saudade que relembro as horas de convívio espiritual que tive com Leite de Vasconcelos, em vários

congressos científicos de Lisboa e Porto, e, sobretudo, nas visitas que anualmente me fazia, na Biblioteca da Faculdade de Medicina ou no Instituto de Anatomia. Na última vez que o vi — tinha ele mais de oitenta anos — queixou-se amargamente o Dr. Leite de Vasconcelos de um grande desgosto: já não podia trabalhar mais de quatro horas por dia...

(*"Jornal do Médico"*, n.º 13, p. 193, 1 de Junho de 1941, Porto).

JOSÉ CALDAS

Há dias, os jornais do Porto lembraram a personalidade de José Caldas, a propósito da passagem do primeiro centenário do seu nascimento.

Convivi bastante com o grande panfle-tário, nos últimos anos que precederam o advento da república.

Por esse tempo, trabalhava eu e a Dr.^a Leonor da Silva no Instituto Hidro-terápico que funcionava na rua de Sá da Bandeira, sob a direcção do prof. Augusto Brandão e do seu cunhado dr. José Vi-cente. Todas as tardes, nas horas vagas, que eram muitas, compareciam ali, à con-versa, vários médicos, políticos e escri-tores, que comentavam os acontecimentos daquela época revôlta.

José Caldas tratava com a mais vio-lenta mordacidade, tanto os vultos monár-quicos que preparavam a república,

como os seus correligionários que trama-
vam a revolução.

Não poupava ninguém, escarpelizando a obra de João Franco, de José de Alpoim, de Teixeira de Sousa, com a mesma língua assanhada com que fazia a crítica das ideias dos tribunos da plebe Afonso Costa, António José e demais triunfadores do dia seguinte.

Nunca ouvi dizer tão mal, quer dos magnates da política portuguesa, quer das pessoas importantes do Porto: políticos, jornalistas, etc.

Não era sistemática a má-língua feroz de José Caldas.

Aquele temperamento ardorosamente combativo acalmava quando lhe vinha à ideia uma tragédia familiar.

A filha de José Caldas sofria de gravíssima doença e era esse o motivo principal das suas demoradas visitas ao Instituto Hidroterápico. Desanimado pelo insucesso do tratamento de sua filha, José Caldas partiu um dia com ela para Paris, a consultar um célebre neurologista.

Passados meses, o pobre pai regressava com ela morta.

Ao chegar a Ermezinde, por motivo de uma distracção, José Caldas viu partir o combóio do Minho com o cadáver da filha.

Desesperado, alugou um combóio especial e seguiu logo atrás dela.

Com a sua cabeça branca de fora da janela, José Caldas alongava a vista, a ver se conseguia enxergar o combóio que levava para Viana os despojos mortais da sua Menina...

*

Antes de partir para Paris, apareceu-me uma tarde no consultório, de olhos esgaçados, o pobre José Caldas.

Aconselharam-lhe a aplicação de pontas de fogo ao longo da coluna vertebral da querida doente.

— Eu posso lá consentir que a minha filha seja queimada viva?!

Acendi o termocautério e procurei persuadi-lo de que a aplicação de pontas de fogo não era excessivamente dolorosa.

Durante a minha caridosa exposição, José Caldas perdeu a exaltação habitual,

mostrou um aspecto de ternura impressionante, despiu o casaco, repuxou a manga da camisa e disse-me com uma doçura de expressão que nunca lhe presenceara:

— Faça favor: aplique-me aqui uma ponta de fogo...

Porto, 1-xii-42

PROLANO DE MELO (9)

II

RECORDAÇÕES

É grande honra para mim presidir a esta sessão da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, em que vai tomar a palavra um dos mais altas representantes da Ciência Portuguesa.

Prozano de Melo, Coronel-Médico, Professor de Medicina e Radioterapia, Cirurgião, Instituto Bacteriológico, Chefe dos Serviços de Saúde na Índia, Professor Livre da Faculdade de Medicina do Porto, numa viagem etnobotânica, levou, no mês de Setembro de 1935, aos lugares de sua inteligência e um congresso realizado na Suíça, no XII Congresso Internacional de Zoologia, de que participando em Lisboa, onde aconteceu com muitos dos mais célebres biólogos do mundo inteiro, as Jornadas Médicas Galegas, e agora, final-

(9) Associação da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

FROILANO DE MELO (1)

É grande honra para mim presidir a esta sessão da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, em que vai tomar a palavra um dos mais altos representantes da Ciência Portuguesa.

Froilano de Melo, Coronel-Médico, Professor e Director da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa e do seu Instituto Bacteriológico, Chefe dos Serviços de Saúde na Índia, Professor livre da Faculdade de Medicina do Porto, numa viagem cinematográfica, levou, no mês de Setembro de 1935, os fulgores da sua inteligência a um congresso realizado na Suíça, ao XII Congresso Internacional de Zoologia, há pouco reunido em Lisboa, onde cooperou com muitos dos mais célebres biólogos do mundo inteiro, às Jornadas Médicas Galegas, e agora, finali-

(1) Apresentação na Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

zando a sua missão, vem fazer-nos uma conferência, em que vai relatar a sua acção brilhantíssima na luta contra a lepra na nossa Índia.

Nascido em 1888, formou-se na Escola de Nova Goa com cerca de 20 anos, repetindo o curso, pouco depois, na Faculdade de Medicina do Porto. Começou logo a dedicar-se a investigações de microbiologia e higiene, tendo publicado sobre tais assuntos muitas dezenas de memórias originais, que são citadas a cada passo nos tratados clássicos de parasitologia e de patologia exótica. Em 1911, tomou parte no combate contra a epidemia de peste na cidade de Vasco da Gama.

Fundou o «Boletim Geral de Medicina e Farmácia» e os «Arquivos da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa», dos quais é o principal colaborador.

Foi o delegado do Governo Português na «All India Sanitary Conference», de Lucknow, 1914. Organizou a Primeira Conferência Sanitária da Índia Portuguesa, 1916.

Fez uma série de conferências em

Pusa 1918-20, a convite do Governo da Índia inglesa.

Tomou parte no « Indian Science Congress » em Lahore e Bombaim, 1917-20.

Foi ali proclamado o mais notável micologista do Continente Asiático.

A convite da Faculdade de Medicina do Porto, fez aqui um brilhante curso livre de microbiologia, donde saíram numerosos trabalhos dele e seus discípulos.

Foi um dos mais valiosos cooperadores do 1.º Congresso Internacional de Medicina Tropical da África Ocidental, Luanda 1923.

Presidiu à « Semana Médica », de Goa 1928.

É membro da Academia das Ciências da Índia Inglesa, em cujos boletins tem colaborado largamente.

Não deixando nunca as investigações de ciência pura, lançou-se há anos, com alma de verdadeiro apóstolo, a uma formidável cruzada higiénica, combatendo o paludismo e conseguindo resolver, na nossa Índia, o grave problema da lepra.

É esta figura de sábio, que eu tenho a honra de apresentar a V.^{as} Ex.^{as}. Tem a palavra o prof. Froilano de Melo.

CAMILO E OS MÉDICOS

Entre as preciosidades arquivadas em S. Miguel de Seide, no «Museu de Camilo», avultam alguns livros que pertenceram à biblioteca do grande prosador.

Sabe-se que ele anotava a lápis muitas das obras que lia; e são por vezes curiosíssimos os comentários feitos a vários escritores.

Camilo Castelo Branco não poupava ninguém: por vezes, à margem do texto dos mais consagrados escritores, *Castilho*, *Eça*, e até da Bíblia, lá rompe, sarcástica, uma frase camiliana.

Apesar da grande admiração que tinha por *Castilho*, *Camilo* não apreciava muito as suas versões, e não achava que elas fossem próprias para ser representadas.

No verso do frontespício das «Sabi-chonas» lê-se, escrito a lápis pelo punho de *Camilo*: «O q ha de *Molière*, nesta comédia é pouco, e raras vezes fiel.^{te}

transferido p.^a portuguez; mas nem por isso deixa de ser bom e optimo (p.^a ler-se e não p.^a representar-se) o q é *do Visconde de Castilho*. Mal empregado tempo e talento! Quem se lembra de resurgir *Molière* na idade da Nana!».

Muito mais irreverente é para *Eça de Queirós*. No ante-rosto do exemplar da «Relíquia» oferecido por *Eça a Camilo*, escreveu este: «Tirante as descripçoens topographicas de alguns pontos da Palestina — decerto exageradas por tintas ficticias este livro, como romance é uma *pochade*, em q todos os caracteres são caricaturas, e armadilhas ás gargalhadas da baixa comedia. Os plagiatos são frequentes.».

No fim do livro, foi *Camilo* muito mais cruel na sua apreciação, considerando *Eça* em plena decadência.

Mas, por agora, desejo principalmente citar umas notas relativas a dois médicos eminentes.

A págs. 35-36 do «Anuario dos Progressos da Medicina em Portugal», 1.^o anno, 1883, resumia o saudoso prof. *Maximiano Lemos* um artigo, publicado

pouco tempo antes na «Medicina Contemporanea» por *Sousa Martins*. Tratava-se de um caso de doença de *Bright*, com edemas generalizados, que foi tratado pela pilocarpina. Este alcalóide tinha dado excelentes resultados em outro caso, motivo que levou *Sousa Martins* a ensaiá-lo de novo. O doente faleceu no mesmo dia e *Sousa Martins* concluiu que, na doença de *Bright* com anasarca, nunca deveria aplicar-se pilocarpina sem primeiramente se experimentar a capacidade sudorífica do tegumento externo. Naquele caso infeliz, uma electividade heterotópica levaria a pilocarpina para o líquido céfalo-raquidiano, visto ela não ter podido ser eliminada pela pele, glândulas salivares, etc.

Agora a azeda crítica de *Camilo*:

«Experiencia in anima vile. Depois explicou a razão da morte. Fez esse favor ao defuncto. Quem deixará de tremer confiando-se á therapeutica deste famoso clinico!? O q matou o doente foi a *electividade heterotopica*. Morreu muito bem, *secundum artem*.».

Com o snr. prof. *Ricardo Jorge* não é

assim duro. No final do belo prólogo do vol. 2.º (1884) daquele «Anuario», apenas aditou este leve comentário :

«*Ricardo Jorge* n-este prefacio revela bem os seus poucos annos. Q.º ele tiver 40, sentirá pesar de ter escripto isso.»

(«*A Medicina Moderna*», 1923, pág. 475).

NO CENTENÁRIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Por benévola incumbência do Conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Nova-Goa, cumpre-me representar, nas festas comemorativas do IV Centenário da fixação em Coimbra desta gloriosa Universidade, a mais ilustre instituição científica do Império Colonial Português.

Quando el-rei D. Manuel mandou as caravelas do Gama à descoberta da Índia,

«Não tínhamos ali médico astuto,
Cirurgião sutil menos se achava;»

Não havia serviços sanitários na Armada Portuguesa e, por pouco, não era exterminada a expedição, com uma epidemia de escorbuto,

«... doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.»

Felizmente, Vasco da Gama aportou a
Melinde e o rei amigo

«Mandou-lhe mais lanígeros carneiros
E galinhas domésticas cevadas,
Com as frutas que então na terra havia.»

Com estes alimentos vitaminados,
puderam os gloriosos Navegantes levar
a bom termo a sua empresa...

Os indianos tratavam-se, segundo as
regras da medicina aiurvédica, por clínicos
indígenas; mas é de crer que, pouco
depois da grandiosa obra de Gama e
Albuquerque, médicos europeus se esta-
belecessem na Índia.

Em 12 de Março de 1534, para ali
partiu, em companhia do Capitão dos
Mares Martim Afonso de Sousa, um
grande médico, porventura o mais célebre
dos médicos portugueses de todos os
tempos, Garcia de Orta, pioneiro da
patologia exótica, de cuja obra, ao ser
editada, dizia Camões:

«... .. ao grão volume
Que, impresso à luz saindo,
Dará da Medicina um vivo lume,
E descobrir-nos-á segredos certos,
A todos os antigos encobertos.»

Entre os professores da Universidade que D. João III não transferiu para Coimbra, conta-se Garcia de Orta.

Aproximo este facto da passagem por Melinde da armada de Vasco da Gama: sem o presente de frutas do rei melindano, talvez não nos coubesse a honra de descobrir a Índia; e se D. João III mandasse Garcia de Orta ensinar para Coimbra, não teriam sido escritos os «Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India», uma das obras mais notáveis da medicina universal...

Brilha também na história das ciências médicas o indo-português José Custódio de Faria, que, não sendo médico, deu contudo muito que falar à Medicina, no princípio do Século XIX. Foi o célebre Padre Faria, muito conhecido dos neurologistas, por ser considerado precursor das actuais doutrinas sobre o hipnotismo.

Vem de longa data o exercício da medicina europeia e o seu ensino rudimentar na Índia.

Segundo as investigações de Germano Correia e de Macedo Bragança, depois de algumas tentativas, o primeiro curso médico regular foi instaurado em Goa em 1801 pelo dr. Miranda e Almeida, lente substituto de Matéria médica na Universidade de Coimbra. As lutas liberais impediram que o ensino médico se desenvolvesse no começo do século passado.

Em 1842, porém, fundou-se a Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, a primeira escola de medicina que as potências europeias criaram nas suas colónias, não falando nas da Baía e do Rio de Janeiro, que el-Rei D. João VI estabeleceu, logo que se transferiu ao Brasil.

Como se vê, Portugal precedeu as outras nações colonialistas, França, Inglaterra e Holanda, na organização do ensino médico ultramarino.

Tem sido lenta e modesta a evolução da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, que não pode ombrear com as vizi-

nhas faculdades da Índia inglesa, instaladas opulentamente, à moda europeia.

Apesar da sua modéstia, a nossa escola médica colonial não se limita a diplomar profissionais: um professor de larga visão, Volfango da Silva, encheu-a de prestígio, no que foi acompanhado pelos seus colegas, entre os quais peço licença para destacar Froilano de Melo, devotadíssimo director do Instituto Bacteriológico de Nova Goa, um dos laboratórios portugueses onde mais e melhor se faz investigação científica, e Germano Correia, cujos trabalhos sobre antropologia dos povos indianos são justamente apreciados pelos melhores centros científicos da Europa.

Sinto-me feliz por vir representar nesta festa a Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, à qual desejo as maiores prosperidades.

É justo que a nossa única escola superior colonial preste homenagem ao Rei colonizador por excelência, de quem disse Barros: «A todos é notório quanto amor tem ás letras, quanto favor, quanto amparo, quanta mercê recebem dele os

letrados de toda a ciência; este amor é causa de sua corte florescer hoje tanto em letras como florece; este mesmo o faz cuidar novas maneiras e novas invenções de estudos gerais, por onde as ciências em seu reino não menos cresçam e vão adiante, que as outras virtudes.»

(Este discurso não chegou a ser pronunciado).

P. S. — Segundo o *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama*, o presente de laranjas foi dado pelo Rei de Mombaça. (*V. Américo Pires de Lima — A História Natural e o Ultramar português*. Porto, 1936).

NO CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS DA POPULAÇÃO

SÚMULA DA ACTIVIDADE DA 2.^A SECÇÃO
(ANTROPOLOGIA)

Decorreu com elevação a actividade da Secção de Antropologia do Congresso.

O seu Presidente prof. Eusébio Tamagnini, director do Instituto de Antropologia de Coimbra, limitou-se a fazer uma conferência plenária, sobre o palpitante assunto dos grupos sanguíneos.

Na sua ausência, secretariado pelo prof. Santos Júnior, presidi eu às três sessões ordinárias, fazendo-me substituir, quando tinha trabalho em outra secção, pelo eminente antropologista italiano Prof. Frassetto.

O estudo dos grupos sanguíneos nos portugueses têm sido feito em Coimbra pelo prof. Tamagnini e seus discípulos, e, no Porto, foi iniciado, com a orientação do

prof. Mendes Correia, pela doutora Seirós da Cunha.

Aproveitando os dados colhidos em Lisboa, Porto e Coimbra por diversos observadores, o dr. José Aires de Azevedo redigiu uma excelente comunicação e o prof. Ernesto de Moraes e o dr. António Fánzeres, baseando-se na mesma bibliografia e em milhares de observações pessoais, apresentaram um trabalho de grande mérito sobre os grupos sanguíneos nos portugueses do Norte.

O prof. Hourcade foi encarregado pelo prof. Guiart (de Lyon) de apresentar o trabalho, tão valioso, sobre as populações dolicocefalas da Europa meridional e da África do Norte.

Muito discutida foi a comunicação, um tanto revolucionária, do prof. Américo Pires de Lima e doutora D. Leopoldina Paulo, acerca do problema da dolicocefalia nos portugueses.

O dr. José Bernardo de Matos estudou, sob o ponto de vista antropológico e etnográfico, duas povoações trasmontanas onde existem núcleos judaicos provenientes da emigração espanhola do

tempo dos Reis Católicos; e o prof. Luís de Pina apresentou o estudo antropológico de uma centena de mulheres delinquentes do Norte de Portugal.

Os assistentes da Universidade de Coimbra doutores Duarte Santos e José Antunes Serra apresentaram importantes comunicações sobre biotipologia e antropologia física, assunto versado também pelo dr. Carlos Teixeira, na mesma sessão também, com tanta competência, pelo dr. Alfredo Ataíde; e D. Leopoldina Paulo estudou a pigmentação dos portugueses.

O eminente prof. Fabio Frassetto expoz largamente as suas conhecidas ideias sobre a sistematização racional da biotipologia, e o Presidente do Congresso, prof. Mendes Correia, fez uma longa dissertação sobre os factores degenerativos da população portuguesa.

Não compareceu, infelizmente, o sábio prof. Oskar Vogt, professor honorário da Faculdade de Medicina do Porto; todavia, remeteu uma comunicação, da qual o dr. Tavares de Sousa extraíu a proposta para um dos votos da secção de antropologia.

Esses votos, aprovados unânimemente em reunião dos presidentes das secções, são os seguintes:

1.º) Ouvido o relatório do prof. Frassetto, sobre a sistematização racional da biotipologia, a 2.ª secção exprime o voto de que os antropologistas e biotipologistas tomem na maior consideração as orientações metodológicas estabelecidas por aquele professor.

2.º) O congresso, em inteiro acôrdo com a opinião expressa pelo eminente prof. Oskar Vogt, na comunicação com que nos honrou, reconhece a necessidade e a importância da fundação de um Instituto Português para investigações sobre o cérebro.

3.º) Emite ainda o voto de que o ensino da Antropologia figure no quadro dos estudos médicos.

Antes da dispersão dos congressistas, desejo manifestar a minha grande satisfação por ter assistido, em três inolvidáveis

sessões científicas, à apresentação e serena discussão de dezenas de notáveis memórias, em que foram versadas, com grande elevação, algumas das mais notáveis questões de morfologia humana relacionadas com a população do nosso País.

(Lido na sessão de encerramento do Congresso Nacional de Ciências da População, como Vice-Presidente da 2.^a secção. Porto, 16-IX-40).

O SANTO MISSIONÁRIO JOÃO DE BRITO

Por motivos ponderosos, só hoje posso ler estas breves linhas, que foram escritas há cerca de um ano.

Durante um ano, trágicos acontecimentos perturbaram o mundo, tristíssimos acontecimentos abalaram a minha pobre vida íntima.

Durante este ano, muito avançou o processo de canonização do Beato João de Brito.

As minhas palavras quase perderam a oportunidade.

Mas, quem mas solicitou não me dispensa de as pronunciar.

Por isso, aqui estou a obedecer.

Há duzentos anos, João Bautista de Castro (Mappa de Portugal antigo e moderno) salientava a dificuldade de elaborar o catálogo completo dos santos portugueses, «tão fecundo he de Varões

Santos o Lusitano Imperio», dizia o erudito beneficiado da Basílica Patriarcal.

Menciona algumas dezenas de santos oriundos das seis províncias portuguesas, incluindo na lista alguns bem-aventurados, que floresceram no nosso território antes da fundação do Reino de Portugal.

88 Cita o luso-galaico S. Rosendo e a sua contemporânea Santa Senhorinha de Basto; S. Teotónio, companheiro de D. Afonso Henriques; o «Fausto Português», S. Frei Gil; o maior de todos os santos portugueses, Santo António; o benemérito S. João de Deus; e tantos outros.

89 Inclue na excelsa relação o nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques, que a Santa Igreja não chegou a canonizar, e o grande Condestável Nun'Álvares, que só muito mais tarde teve as honras da beatificação, e do qual poderemos esperar também a breve canonização.

90 Seria justo incluir também a doce Rainha Santa, A do Milagre das Rosas, e o Apóstolo das Índias, S. Francisco Xavier; a pesar-de não terem nascido em território do Império Lusitano, nele

tiveram gloriosa vida, nele tiveram gloriosa morte...

Por igual motivo, todo o mundo chama Santo António de Pádua ao mais ilustre dos lisbonenses...

No momento atribulado que passa o mundo, nós precisamos de Santos, precisamos de Seres bem-aventurados, que nos reconciliem com Deus.

Precisamos de nos aproximar, mais do que nunca, dos *Santos da porta*, que sempre fizeram milagres, na abençoada terra portuguesa.

Talvez por culpa nossa, há mais de duzentos anos que a Santa Sé não elevava à honra dos altares um único português.

Assim como a Revolução Francesa não precisava de sábios, também dispensava os santos o Portugal de Sebastião José de Carvalho e Melo, de Joaquim António de Aguiar e de Afonso Costa...

Mudaram os tempos, graças a Deus, e, ao anunciarem-se as festas centenárias, foi lembrada a oportunidade de galardoar um conterrâneo com a suprema distinção da Igreja.

Falou-se do Beato João de Brito,

missionário e mártir da Índia no século XVII.

Quem era João de Brito? «Herói desconhecido» lhe chamou Luís Moreira de Sá e Costa, S. I. Desconhecido era, com efeito, antes da propaganda feita pelo gentilíssimo espírito do Rev. Dr. Luís Moreira de Sá e Costa, propaganda tão árdua, que lhe roubou prematuramente a vida.

Depois das suas conferências de vulgarização, brilhantemente pronunciadas pelo País fora, deixou de ser *herói desconhecido* o Beato João de Brito, tornando-se familiares o seu nome, a sua obra e a sua vida, em Portugal inteiro.

João de Brito pertencia à aristocracia portuguesa, à velha aristocracia, que marcou o primeiro lugar na gloriosa história de Portugal. No continente do Reino e no vastíssimo Ultramar, morreram herdicamente seus irmãos, seu pai e alguns dos seus antepassados. Vivia na Corte o moço João de Brito, em época muito perturbada — lutávamos pela consolidação da independência e, diz o P.^e António Vieira, não nos foi preciso mais que meio rei para desbaratar os exércitos inva-

sores... Aludia pitorescamente o grande orador à hemiplegia de D. Afonso VI.

Era João de Brito pagem de D. Pedro II, mas não lhe sofria o ânimo aquela vida mole. Estuava-lhe nas veias o sangue dos seus maiores, e um verdadeiro fidalgo português daquelas eras tinha de dar-se em holocausto pelos seus ideais.

Obtido o consentimento de sua mãe e da Família Real, João de Brito ingressou na Companhia de Jesus, com o fito de seguir a estrada luminosa de S. Francisco Xavier.

Depois do noviciado e duma longa aprendizagem, antes de se lançar na senda missionária, João de Brito foi professor do Colégio de Santo Antão, em Lisboa.

Solicitado, porém, por vocação irresistível, João de Brito venceu todas as dificuldades e partiu para a sua carreira heróica de evangelizador do Oriente.

Após doze anos de apostolado, em que passou dolorosas privações, regressa à metrópole, onde a Família Real o recebeu de braços abertos. Por toda a parte o acolheram com a maior veneração.

Recordemos que, aqui no Porto, por onde passou, foi recebido festivamente

pelo Bispo da diocese e pela Câmara da cidade.

Mas, apesar das instâncias de el-Rei D. Pedro II, que o convidou para preceptor de seus filhos, João de Brito recusou todas as honras e decidiu partir de novo para as Missões da Índia, onde, alegremente, havia de receber a palma do martírio.

Os idólatras semi-selvagens do Maduré não perdoaram a João de Brito o puríssimo ideal por que tanto batalhou, e, por meio de crudelíssimos tormentos, mandaram para o Céu a sua alma de eleito.

Belíssimo complemento para as festas centenárias será a canonização do heróico missionário.

Deus permitiu que a Santa Igreja considerasse oportuno o momento para nos dar mais um santo.

Vai muita maldade pelo mundo . . .

Vai muita maldade pelo mundo . . .

Nós precisamos de Santos!

Nós precisamos de Santos!

(Radiodifundido pela Delegação do Porto da Emissora Nacional a 12-XI-41).

A TI' MARIA CALDAS

A primeira visita que recebem os aquistas nas Termas de Melgaço é a do Herculanhinho, débil mental, a quem um eritema pelagroso, na Primavera, exfolia a pele dos braços e das pernas. Ao encontrar hóspede conhecido, trata-o pelo nome e, estendendo o boné, suplica: — Camarada e amigo, uma esmòlinha!

O Herculanhinho é bem criado, e todos são generosos para com ele. Apesar disso, passados momentos, esquecido dos donativos recebidos, estende outra vez a mão — Uma esmòlinha, camarada e amigo!

E, para reforçar o pedido, esboça uma dança rudimentar, e cantarola:

Galeguinhos da Galiza,
Bós que bindes cá buscar?
Bimos ó binho barato
Para nos imbubedar...

Gosta muito que lhe deem dinheiro; mas também aceita espigas de milho ou um cigarrito da «fábrica do se-me-dam».

Contam-se episódios curiosos da vida do Herculanhinho.

Uma vez, o Dr. Vitoriano comprou uma pescada e encarregou-o de lha levar a casa. O pobre homem pendurou-a nos dedos pela boca e sentiu que ela o picava. «Ai, tu ferras?» E amarrou-lhe um cordel ao rabo, levando-a a rasto pelo monte acima.

Uma tarde, à hora da sesta, muitos aquistas estavam sentados nos *aviões*, à espera do correio. O Herculanhinho começou a contar os carinhos que recebia de sua mãe e a narrar como se passaram os seus últimos momentos.

O pobre rapaz era filho de namoro. Antes de expirar, a pobre mulher despediu-se pateticamente de seu filho, que deixava sozinho no mundo.

A narrativa comoveu de tal maneira, que, nos olhos das senhoras, começaram a aparecer lágrimas. E os representantes do sexo forte, para não fazerem má figura, retiraram-se discretamente... (1)

(1) Cf. *J. A. Pires de Lima — Palavras dum médico* (2.^a série) Cova da Iria 1945. Cap. XXXVII. — *Idem — De Monção ao Peso (Renascença. 1-IX-1940)*.

Na véspera de S. João, pela hora calmosa, fui-me sentar a ler debaixo duma frondosa tília, que rescendia perfume, à espera da abertura da Fonte principal.

As aves soltavam os seus gorgeios, acompanhadas pelos zumbidos das abelhas e pelos ruídos metálicos dos grilos.

Uma formosíssima libélula de cores vivas poisou no livro aberto, e não tive mais coragem de virar a folha em que ela mostrava as suas brilhantes asitas.

Lembrei-me de um episódio contado por Venceslau de Moraes. A noite era escura e o escritor não acertava a encontrar o buraco da chave da porta de casa. Nisto, um pirilampo poisou na fechadura. O luminoso bichinho, que ajudou Venceslau de Moraes a abrir a porta, seria o espírito, já libertado pela morte, de alguma das suas bem amadas do Extremo Oriente?

Que mensagem me traria o subtil e formoso insecto? Estava nestas cogitações, quando reparei que, sobre a ponte do ribeiro de Martingo, a contemplar a

queda da água, estava uma mulher esguia, vestida de branco, de longas saias.

Aproximou-se de mim, dizendo textualmente:

— «Eu sou santa. Estive a conversar com a água, e soube que o senhor está em perigo; vá depressa para o Porto, senão matam-no. Por causa da *frota* (1), está a cadeia cheia de gente e vão matá-la toda. Fuja para o Porto, fuja enquanto é tempo!»

E a pobre louca, que está convencida de que é a Rainha Santa Isabel, só me largou quando lhe prometi solenemente que aceitaria o seu conselho.

*

Outra mendiga bem conhecida dos frequentadores das Águas do Peso é a Ti' Maria Caldas, nonagenária que costuma guardar cabras pelos montes de Paderne e que, na época balnear, desce,

(1) Chamam *frota* às pessoas que se dedicam ao contrabando, que se desenvolveu escandalosamente em Melgaço. Para a Galiza levam milho, sabão, café, ovos e galinhas, e trazem de lá medicamentos e perfumes.

trôpega, à ribeira, apegada a duas canas, com uma linda cestinha de Monção enfiada no braço.

Traz ali a sua roca, em que fia linho. Fala constantemente, quer encontre interlocutor, quer esteja só. Conta histórias muito longas e, com as suas informações, poderia escrever-se um livro inteiro de folclore do Alto-Minho.

Vive de esmolas, mas tem um carácter inteiramente diverso do do Herculaninho. Enquanto este revela uma ganância hebraica, Ti' Maria Caldas quase não pede. E, quando lhe dão esmola, ela, às vezes, recusa-a orgulhosamente, explicando: «Hoje não preciso».

Um dia, estava Ti' Maria Caldas a contar as suas intermináveis histórias em dialecto minhoto, tão próximo do galego. Um dos ouvintes disse a meia voz: «Eu não a entendo!». E ela, com um ar de orgulhosa superioridade: «Como é que me há-de entender, se isto é latim?...»

A memória da nonagenária de Paderne é verdadeiramente notável. Para exemplificar, arquivarei, por fim, um lindo



romance ouvido da boca da Ti' Maria
Caldas:

A PASTORINHA

- Deus te salve, pastorinha,
Que vosso gado guardais!
- Vinde com Deus, passageiro,
De Deus salvado sejais!
- Eu salvei, vós salvastes,
Cumprí o meu dever;
- Foi criação que me deram,
De a tudo responder.
- Uma bela rapariga
Como vós, linda pastora,
Tão bela e tão formosa,
Fala tão encantadora...
- Não venha o senhor, de fino,
Escarnecer da inocente,
Que anda a guardar o seu gado:
Na serra principalmente,
Sempre foi habitação minha
Pelo meu gado olhar...
Como pode o cidadão
Vir-se de mim agradar?
Ando a guardar o meu gado,
É o meu entretenimento.
Eu não posso acreditar
Em falas dadas ao vento.
- Eu dou-te a minha palavra,
Não queres acreditar nela?
Anda comigo, pastorinha,
Deixa ficar essa serra.
- Nada posso estranhar,
Sendo na serra nascida.
Como posso ir p'ra cidade,
Sem ter lá modo de vida?

- Para comer e beber
E andar bem asseada
Bem te bonda a formosura,
De seres tão delicada.
- Já que o senhor me promete
O meu casamento seguro,
Eu a vós me entrego,
Desde hoje para o futuro.
Digo adeus à minha terra,
Aos adros dos meus pais:
Agora vou acompanhar
Quem me quer fazer feliz.
Adeus pai, adeus mãe,
E gado que eu guardei!
Adeus manos, adeus manas,
E terra onde me criei!»

Talvez se trate de variante do romance «Linda-a-Pastora», recolhido no Romanço de Garrett.

Assim começa o romance «Linda-a-Pastora», que, segundo Garrett, tem o título de *Pastorinha* em outras partes:

- «Linda pastorinha, que fazeis aqui?
«Procuro o meu gado que por aqui perdi.»
— Tão gentil senhora a guardar o gado?!
«Senhor, já nascemos para esse fado.»
— «Por estas montanhas em tão grande perigo!
Diga-me, ó menina, se quer vir comigo.»

Fernando de Castro Pires de Lima colheu duas versões em S. Simão de No-

vais (V. N. de Famalicão). Uma delas principia assim:

«Deus te salve, Rosa,
Cravo, serafim!
Bela pastorinha,
Que faz por aqui?

Bela pastorinha,
Anda a olhar o gado?
Saiba o senhor
Que é correr meu fado.» (1)

(1) *J. A. Pires de Lima e F. C. Pires de Lima*
«Romanceiro Minhoto» — Porto, 1943.

HÀ MEIO SÉCULO

TROÇAS ACADÉMICAS

A notícia da morte do doutor António Coutinho Lemos Ferreira fez-me recordar a época longínqua em que ambos ingressamos na velha Academia Politécnica do Porto.

No mês de Outubro, estava o Jardim da Cordoaria em estado de sítio, por causa das chamadas troças académicas, feitas aos caloiros pelos alunos mais antigos.

Nesse tempo, dirigia as troças o simpático António de Almeida Trinta, que veio a ser director clínico das Termas de S. Pedro do Sul.

Não se imagina o terror de que se apoderavam os caloiros, quando o Trinta aparecia, com as suas crespas barbas loiras, o clássico bengalão e o chapéu de palha de dura aba horizontal...

A sua alegria esfusiante não impedia que o Trinta, chefe dos veteranos, rejeitasse algumas brincadeiras mais brutais.

Recordo-me da indignação com que ele não consentiu que se forçasse um tímido caloiro a engraxar as botas a um veterano!

Os rapazes mais vexados eram aqueles que pertenciam às mais nobres famílias.

Num cortejo grotesco de caloiros, que deu a volta à Cordoaria, ia à frente, a tocar campainha, um rapazinho minúsculo, o mais pequeno de todos. Esse rapazinho veio a ser um notável engenheiro naval, professor ilustre e governador de um distrito ultramarino: o malgrado Visconde de Almeida Garrett.

Mas a procissão dos caloiros era precedida de torneio oratório no átrio da Academia. Os alunos, que pela primeira vez se matriculavam, eram convidados a falar sobre os mais estranhos assuntos.

Um deles era o seguinte: «Influência do bacalhau na atmosfera».

Às vezes, originavam conflitos graves as troças académicas.

Um belo dia, o que havia de vir a ser

o ilustre professor João de Meira, aluno já dos últimos anos da Escola Médica, apareceu no átrio da Academia a presenciar a tourada aos caloiros.

Alguns veteranos, que não conheciam o Meira, atreveram-se a dirigir-lhe alguns remoques. A audácia de desfeitear assim um *doutor* saiu cara aos imprudentes estudantes, cujas ventas experimentaram amplamente o poder do murro hercúleo de João de Meira.

Eram às vezes muito pitorescos os discursos pronunciados pelos caloiros, sobretudo quando versavam tema à sua escolha.

Uma bela tarde, coube a vez de fazer a sua oração ao *Ferreira dos queixos*, como era conhecido o, falecido ontem, doutor António Coutinho Lemos Ferreira, que tanto viria a salientar-se na propaganda nacionalista e religiosa.

Com a longa mandíbula trémula, Lemos Ferreira trepou a um banco e começou a recitar, em voz timbrada:

«As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados»

.....

E continuou, por aí fora, a proposição dos «Lusíadas», até a rapaziada se dar por satisfeita.

Mais impressiva foi, um dia, a oração de certo caloiro, também pertencente à boa sociedade portuense:

«No princípio criou Deus o céu e a terra. E disse: Façamos o homem à nossa imagem, e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas, e a todos os reptis que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra.

E criou Deus o homem à sua imagem: ele o criou à imagem de Deus, macho e fêmea os criou.

Deus os abençoou e disse »:

E, em vez de exprimir as palavras do *Genesis*: «Crescei, multiplicai-vos», o espirituoso caloiro, virando-se para a multidão de rapazes, simbolizando neles o primeiro casal humano do Paraíso Terreal, pronunciou, irreverente, uma curta frase, em grosseiro calão, que fez terminar a festa com estrepitosas gargalhadas.

TRABALHADORES PORTUGUESES EM FRANÇA

Em conferência pronunciada na Sociedade de Martins Sarmento, em Guimarães, a 15 de Março de 1930 (¹), aludi à triste situação de algumas dezenas de milhares de trabalhadores portugueses que, após a chamada Grande Guerra de 1914-18, foram atraídos a França.

Está por estudar a influência material e moral dessa vasta emigração.

Por acaso, estive em contacto com alguns camponeses minhotos, que estacionaram em França durante meses. Todos enriqueceram o seu vocabulário com palavras pitorescamente deturpadas.

Um deles, que estivera empregado numa oficina, em França, vinha encantado

(¹) *J. A. Pires de Lima* — Dèmografia e Ensino (*Revista de Guimarães*, 1930) e «Ares de Campo», Barcelos, 1937.

com aquele país, onde ganhara muito dinheiro.

— Então porque veio embora, sr. Cunha?

— Foi por causa do *frué*. Se não fosse isso, ainda ali estaria hoje...

Outro, de longos bigodes loiros, o «Bigode de estopa», ou o «Francês», não foi tão feliz em terras de França. Esteve empregado nas *rutas* (*ruta*, quer dizer *estrada*, explicava); mas um dia, como os seus documentos não estivessem em ordem, foi preso pelos *Joões de armas* (*João de armas* é um polícia, — explicava o «Bigode de estopa»), e teve de regressar a Portugal, para não ir para a cadeia...

Mais curiosa é a longa entrevista que tive no Peso (Melgaço), com um antigo emigrante português em França.

Não era de Melgaço o aventureiro, mas apareceu ali depois de percorrer a pé algumas dezenas de quilómetros.

Contava cenas curiosíssimas, passadas no seu voluntário exílio, onde adquiriu pronúncia correctíssima da língua francesa. Para dar ideia perfeita do *rolar* do R, peculiar a essa língua, comprimia

a laringe, quando tinha de emitir aquela letra.

Estivera empregado, juntamente com indivíduos de muitas nacionalidades, num cemitério, para onde foram trasladados os cadáveres de numerosos soldados, que perderam a vida na *Grande Guerra*.

Um dos seus companheiros, que pertencia, creio eu, a uma raça asiática, pretendendo ser engraçado, cometeu a acção grosseiríssima de enterrar naquele cemitério o esqueleto dum jumento, cravando depois na sepultura uma cruz com o nome de um soldado que tombara no campo de honra.

Pouco depois, chegava ao local uma dama elegante, que ajoelhou junto da campa, exclamando, chorosa:

«*Oh mon pauvre fiancé!*»

E o meu informador, para dar à palavra *pauvre* toda a ternura francesa da dama que perdera o noivo, apertava levemente a maçã de Adão, para que o termo saísse com o característico trémulo gaulês...

NA SESSÃO DE ENCERRAMENTO
DA SECÇÃO DE MEDICINA DO CONGRESSO
LUSO-ESPANHOL PARA O PROGRESSO DAS
CIÊNCIAS (JUNHO DE 1942)

Não vem de longe, na nossa época, a cooperação de espanhóis e portugueses em trabalhos científicos. Por iniciativa de D. José Carracido, reitor da Universidade de Madrid, e de Gomes Teixeira, primeiro reitor da jovem Universidade do Porto, reuniu nesta cidade, em 1921, um congresso hispano-português, em que, pela primeira vez, Portugal recebeu a visita da *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, com a qual colaborou a nascente Associação portuguesa congénere.

Há vinte e um anos, reuniu-se aqui o escol dos cientistas peninsulares: de Espanha vieram, além de Carracido, os sábios Hernández Pacheco, Pi Suñer, Torres Quevedo, que encontraram a

colaboração portuguesa de D. Carolina Michaëlis, Gomes Teixeira, Leite de Vasconcelos, Ricardo Jorge, eminentes figuras da ciência lusitana, infelizmente já todas desaparecidas.

Foi brilhante a representação espanhola na secção de medicina, da qual recordarei os professores Pi Suñer, de Barcelona, e Peset de Valência, bem como os activos jornalistas médicos Fernando Coca, de Madrid, e Chabás, de Valência.

A todos presto sincera homenagem, envolvendo nela, com o maior sentimento, os nomes dos seguintes professores portugueses, que tão distintamente colaboraram no Congresso de 1921, e que todos já faleceram, no curto decorrer de vinte e um anos:

António Aurélio da Costa Ferreira, Maximiano Lemos, Tiago de Almeida, Melo Breyner, Lourenço Gomes, José Maria de Oliveira, Eduardo Pimenta, Virgílio Machado, Cardoso Pereira, Silva Teles, Baltasar Osório e Carlos França.

Não posso esquecer a notável colaboração da Escola Médico-Cirúrgica de

Nova Goa, donde veio expressamente Froilano de Melo, que nos trouxe uma série de excelentes comunicações, quer pessoais, quer de outros membros da sua Escola.

Se a morte ceifou grande parte dos melhores colaboradores do Congresso de 1921, a guerra impediu a cooperação, neste Congresso, da Escola Indo-portuguesa de medicina, que Froilano de Melo enobrece com a sua direcção.

Não vem de longe, *na nossa época*, a cooperação de espanhois e portugueses nos trabalhos científicos.

«Na nossa época», salientei eu. Porque, na era de quinhentos, foi intensíssima tal cooperação.

Na idade de ouro da história das nossas gloriosas Nações, Portugueses e Espanhois juntavam-se nas caravelas das Descobertas e mudaram por completo a face do mundo.

Depois da transformação moral operada pelo Cristianismo, nenhuma obra humana foi tão grande como a que foi realizada pelos navegadores portugueses e espanhois!

Confrontando a nossa época com a da dinastia e Avis e dos Reis Católicos, encontro certas semelhanças:

Para unificar a raça e a crença religiosa, foram então expulsos mouros e judeus; e agora, com o mesmo intuito, a Espanha teve de esmagar os *vermelhos*, e nós, felizmente com menor sacrifício, pudemos evitar que eles aqui se instalassem.

Na Renascença retalhava-se a Europa central em tremendas lutas religiosas, enquanto nós, pacificamente, chamávamos à Civilização mais de meio mundo. Hoje, também a guerra assola quási toda a superfície do globo, e nós, neste canto ocidental da Europa, realizamos, na paz, um torneio científico.

É simbólica esta aproximação, no campo das ciências, entre espanhóis e portugueses. Da que se realizou na Renascença, resultou a suprema glória de Portugal e de Espanha.

Depois de um período de decadência para as nações peninsulares, vemos agora sinais evidentes de progresso.

É curioso que, nesta altura, surgiu a

ideia de cooperação científica entre os dois povos. Em duas dezenas de anos, o resultado é modesto, confessêmo-lo.

Mas, ao mesmo tempo, devemos exortar os jovens cientistas de Espanha e de Portugal a que unam os seus esforços, para que surja, outra vez, na Península, um foco brilhante de cultura científica.

Lembremo-nos todos que pertencemos às pátrias gloriosíssimas de Pedro Nunes e de Ramón y Cajal!

HÁ MEIO SÉCULO

A QUESTÃO CALMON

Há quarenta e tantos anos, ainda eu era estudante de medicina, desencadeou-se no Porto violenta revolta.

A filha do consul do Brasil decidiu entrar numa ordem religiosa e tanto bastou para que estalasse na cidade grandes motins, provocados pelos republicanos livres-pensadores e incitados pela imprensa e pelos estudantes.

Estes agremiaram-se em sociedades secretas, a que chamavam «*comités* académico-operários», por na sua constituição entrarem também trabalhadores revolucionários.

Os alunos mais distintos das escolas do Porto, Manuel Laranjeira, Manuel de Oliveira, Pádua Correia, dirigiam o movimento na sombra e, depois, as deliberações tomadas secretamente eram ingê-

nuamente sancionadas nas chamadas assembleias gerais da Academia.

Às portas das igrejas, à hora da missa, distribuíam-se aos milhares panfletos revolucionários escritos por estudantes; dos fios telefónicos pendiam grandes bonecos, que representavam frades e freiras; a imprensa diária, como no tempo da peste, açulava o povo; e a polícia, impotente ou complacente, fechava os olhos à agitação revolucionária. Júlio de Matos e outros intelectuais colocaram-se abertamente ao lado dos agitadores.

E houve um padre, que foi considerado imensamente talentoso, por ter a habilitade de escrever, com a mesma pena, num jornal diário, violentas diatribes contra a *seita negra*, e, numa revista católica, a defesa calorosa dos princípios religiosos.

Com a mesma pena, esse padre jornalista atacava as ordens religiosas no «Jornal de Notícias», exaltando a opinião do *sábio Júlio de Matos* e insultava o mesmo *sábio*, defendendo as freiras, num periódico religioso...

Um belo dia atingiu o auge a excitação revolucionária.

A multidão popular ululante, dando morras à *Reacção* e à *Seita Negra*, apedrejou o palacete da família Pestana, não deixando um vidro intacto.

Com archotes acesos, tentou ainda incendiar a casa, deixando algumas janelas chamuscadas. « Abaixo a Reacção! » « Morram os padres! », gritava a população desenfreada, enquanto escavacava as vidraças do palacete. . .

*

Algum tempo depois, estava restaurada a casa da família Pestana. Por fora das vidraças, colocaram grades de ferro de estreitas malhas, que entaipavam quase por completo o grande edificio.

Mas a casa Pestana não ficou inteiramente isolada do público.

A cada passo, à porta principal, uma chusma de mendigos recebia a esmola daqueles benfeitores, que tão depressa perdoaram as ofensas do povo desvairado.

Um dia, vi lá, de mão estendida, um pobre doente, que uma hemorragia cerebral tinha inutilizado.

Nesse velho precoce, reconheci um antigo prefeito de colégio, que, anos antes, no assalto àquela casa, incitava a turba desvairada: « Abaixo a Reacção! Morram os padres! »

21-XII-42.

III

LEI BIOGENÉTICA FUNDAMENTAL

LEI BIOGENÉTICA FUNDAMENTAL (1)

Uma das mais sólidas bases da teoria transformista é a relação entre a ontogenia e a filogenia, isto é, a semelhança entre o desenvolvimento de um ser vivo qualquer e a lenta evolução de todos os seres animados, mais simples que ele.

Esta noção, que já pode ser encontrada em esboço em certos filósofos gregos, nos fins do século XVIII, depois da intensa propaganda materialista, desenvolveu-se extraordinariamente, mercê do impulso que começaram a ter os estudos das ciências da Natureza, principalmente no Museu de História Natural de Paris.

Já no princípio do século XVII, Harvey, o genial descobridor da circulação do sangue, emitira a opinião de que um ani-

(1) «Estudos Portugueses do Integralismo Lusitano» — Lisboa, 1932.

mal, na sua formação, passava pela constituição de todos os outros.

Era uma noção vaga, lançada numa época em que a embriologia estava muito atrasada; por este motivo, não foi aceita esta hipótese pelos biólogos, nem foi divulgada pelo público. O primeiro facto notável em abono desta doutrina foi descoberto em 1793 por Kielmeyer, de Stuttgart, que verificou a analogia que existe entre um embrião de Rã e um Peixe. Com efeito, as larvas de batráquios têm a forma exterior de um peixe, respiram por guelras como ele e possuem, como estes animais, uma bexiga natatória, que lhes permite deslocar-se até à superfície ou até ao fundo de um reservatório de água.

Poucos anos mais tarde, Étienne Geoffroy Saint-Hilaire, que se dedicara com êxito a assuntos de embriologia, emitiu a hipótese de que os diversos pontos de ossificação dos ossos do crânio dos mamíferos corresponderiam a determinados ossinhos independentes do complicadíssimo crânio dos peixes.

No princípio do século XIX, Frederico

Meckel, generalizando mais, defendeu a noção de que os gráus de desenvolvimento do homem, desde a sua origem até ao estado de maturidade perfeita, correspondem a formações constantes na série animal.

Mais tarde, Serres, discípulo de Saint-Hilaire, ampliou esta doutrina, dizendo que a série animal repete a série embrionária; que os embriões dos animais superiores devem atravessar, no seu desenvolvimento, os estados orgânicos que caracterizam os animais que lhe são inferiores; que a histogenia humana é uma histologia comparada transitória. Tal é a famosa lei de Serres, que tanta retumbância teve no mundo científico e até no vulgo mais ou menos cultivado.

Estabeleceram-se então em biologia a teoria transformista, pela acção heterogénea de dois grandes sábios: o francês Lamarck e o inglês Darwin.

Essa teoria, apesar de muito combatida, triunfou abertamente, e, na segunda metade do século XIX e princípios do actual século, todo o mundo a aceitou. Foi tal a sua expansão, que até os pro-

gramas dos liceus exigiam que os alunos dos cursos secundários a conhecessem nas suas linhas fundamentais.

Quem mais contribuiu para a divulgação e para a aceitação das teorias transformistas foi, sem dúvida, Ernesto Hæckel.

Aproveitando os progressos da embriologia e manejando uma linguagem extremamente clara e elegante, Hæckel concorreu mais que ninguém para vulgarizar as teorias transformistas. A lei de Serres, enriquecida por numerosos exemplos novos e revestida por um estilo acessível a todos, foi por Hæckel elevada à categoria de *lei biogenética fundamental*.

A evolução do reino animal (filogénese) seria a causa da ontogénese, ou desenvolvimento do indivíduo, e este, na sua evolução, apresentaria uma série de fases correspondentes a outras tantas formas fixas relativas aos graus sucessivos do desenvolvimento do reino animal.

Essas diversas fases foram imediatamente definidas por Hæckel. Para aquele biologista, o embrião humano, desde que começa a desenvolver-se, passa por treze

estados diversos, em que é sucessivamente amíba, infusório flagelado, anelídeo, peixe, batráquio, réptil, marsupial, lemuriário, piteciário e antropoide.

A maior parte dos cientistas e o povo semi-culto, em geral, aceitaram de bom grado as audaciosas hipóteses de Hæckel.

O estudo minucioso destas questões fez, contudo, pouco a pouco, perder o entusiasmo pela chamada lei biogenética fundamental. As pessoas sensatas e imparciais foram-se convencendo que havia nas teorias transformistas muito de fantasia e de romance, e os ultra-transformistas, como Hæckel, começaram rapidamente a perder terreno.

Para o êxito das doutrinas de Lamarck e de Darwin, muito contribuiu a filosofia monista e até a política revolucionária dominantes no século XIX.

A propaganda do transformismo foi feita por cientistas por vezes pouco austeros, que não tratavam os assuntos com a imparcialidade que exige a verdadeira ciência. Durante mais de meio século, uma legião de naturalistas ocupou-se em investigar e pôr em relevo numerosos

factos que pudessem confirmar a hipótese transformista. Tudo o que não estivesse de acordo com ela ficava na penumbra e não se tomava em consideração.

Por outro lado, Hæckel e os seus émulos tratavam de salientar todos os trabalhos que defendessem as ideias de Lamarck e de Darwin, passando em silêncio as obras que as contrariassem. As ideias de Cuvier, por exemplo, que deve considerar-se um dos primeiros e dos maiores adversários do transformismo, estavam quase completamente postas de parte, apesar do valor fundamental, para as ciências naturais, da obra de Cuvier.

Um outro grande biologista da primeira metade do século XIX, von Baer, resumiu em quatro leis as conclusões das suas demoradas investigações embriológicas.

Hæckel aproveitou largamente, para a sua propaganda transformista, três dessas leis, que ele supunha não contrariarem tais ideias, e passou por cima de uma delas, que, aliás, foi baseada na mais escrupulosa e larga observação.

Vialleton, na sua última obra, que é, por assim dizer, o seu testamento cien-

tífico (1), analisou a frio a teoria transformista, fazendo ressaltar os seus erros, as fantasias e as ilusões em que ela se firmou.

Trata-se de uma obra verdadeiramente demolidora. Depois da sua publicação, parece que ninguém mais teria o direito de se deixar inebriar pelos exageros doutrinários de Ernesto Hæckel.

Pois tal não sucedeu. Depois do aparecimento do livro de Vialleton, Binet-Sanglé editou outra obra (2), em que as ideias de Hæckel são expostas com um exagero e com um poder de fantasia, que certamente jamais terão sido usados por um biologista.

Enquanto que, para Hæckel, a linhagem humana comportaria 17 espécies, para Binet-Sanglé, o homem actual, na sua evolução filogénica e ontogénica, passaria pelo estado de nada menos de vinte e nove espécies.

O autor procura demonstrar a sua

(1) Vialleton — *L'origine des êtres vivants — L'illusion transformiste*. Paris, 1931.

(2) Binet-Sanglé — *Les ancêtres de l'Homme*. Paris, 1931.

arrojada hipótese, baseando-a em argumentos tirados da embriologia, da anatomia, da anatomia patológica, da teratologia e da pàleozoologia.

Há mais de vinte anos que me tenho dado ao trabalho de coligir observações de casos teratológicos. Esta minha especial actividade tornou-se conhecida e, por várias vezes, tenho sido honrado com o pedido de observações sobre diversos assuntos de teratologia humana e comparada.

Foi assim que o meu saudoso amigo e sábio anatómico Professor Dubreuil-Chambardel, para ilustrar um livro que teve a extremada gentileza de me dedicar ⁽¹⁾, me pediu um grande número de observações portuguesas.

Mais tarde, Henri Bouquet também me solicitou fotografias de exemplares estudados por mim, para documentar o capítulo de teratologia de uma sua volumosa obra de vulgarização ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Dubreuil-Chambardel — *Les variations du corps humain*. Paris, 1925.

⁽²⁾ H. Bouquet — *Tout le corps humain*. Paris, 1929.

O mesmo fez Binet-Sanglé (1), para o livro a que me estou referindo. Mandei-lhe de bom grado uma série de fotografias e observações minhas de vícios de conformação, mal imaginando que elas iriam ajustar-se às mil maravilhas para demonstrar a lei biogenética fundamental. Segundo o autor, todos os casos que lhe enviei são paragens de desenvolvimento, e as pobres criaturas não chegaram a atingir a categoria de seres humanos.

Um feto ectrómelo, que se conserva no museu de Anatomia patológica de Coimbra, seria uma paragem parcial do homem no estado de Anelídio. Porque o feto nasceu sem membros, isso é o bastante para não o considerar mais que um pobre verme.

Da minha rica série de hiperdáctilos (2), destacou o autor três curiosas observações para documentar o que ele chama a paragem do homem na fase de peixe de barbatanas.

(1) Binet-Sanglé — *Loc. cit.*

(2) J. A. Pires de Lima — *As anomalias dos membros nos portugueses*. Porto, 1927.

No primeiro caso, trata-se de uma menina, que, numa das mãos, em vez do polegar, tem dois dedos, de três falanges cada um, não oponíveis aos outros dedos; cada um dos dedos que ocupa o lugar do polegar articula-se com o seu metacárpico (hiperdactilia do VI grau, de Dubreuil-Chambardel).

A segunda fotografia refere-se ao pé monstruoso de um antigo varredor das ruas do Porto. Essa extremidade tinha, no seu esqueleto, tres cuneiformes, um cuboide, sete metatársicos, oito dedos (cinco dos quais apenas com duas falanges) e nove unhas.

A terceira fotografia refere-se a um interessante caso inédito de poli-sindactilia do pé. Infelizmente, creio que se me desencaminharam os apontamentos que tinha colhido para redigir essa observação.

Binet-Sanglé atribui-me ainda, por engano, a autoria da observação de outro exemplar de paragem de desenvolvimento de um homem na fase de peixe. Era um caso de nevo verrucoso, que dava ao indivíduo a aparência de ter pele de Selácio. Mas esse homem-tubarão não é

português, como se poderia depreender da legenda da respectiva estampa.

Um caso, que em tempo estudei, de bifidez do penis (1), é aproveitado por Binet-Sanglé para exemplificar a paragem parcial do homem no estado de marsupial.

Mal imaginaria o pobre lavrador de Valença, no qual estudei aquela curiosa anomalia há 18 anos, que ainda havia de ser considerado uma espécie de cangurú!

Finalmente, para exemplificar a paragem parcial do homem na fase de Pitèciano, entre outras, aproveitou Binet-Sanglé duas fotografias que lhe mandei, de uma criança que nasceu com uma cauda carnosa de 5 centímetros de comprimento (2).

Amputado o rabinho da menina, ela ficou sã e escorreita. Fácil foi, portanto, *desmacacá-la*.

São, como se vê, muito numerosas as observações portuguesas de que se serviu o autor, para procurar demonstrar a sua

(1) J. A. Pires de Lima — *Vícios de conformação do sistema uro-genital*. Porto, 1930.

(2) J. A. Pires de Lima — *Loc. cit.*

audaciosa tese. Isso levou-o a escrever a seguinte dedicatória manuscrita no exemplar que amavelmente me ofereceu: «*Au professeur Pires de Lima qui a illustré presque complètement ce livre.* — BINET SANGLÉ».

Como pode deduzir-se deste trabalho, eu não concordo com a lei de Hæckel e enjeito a responsabilidade de fornecer tão copioso material português para a sua pretendida demonstração. O autor referido não hesita diante de nenhuma dificuldade, para explicar todas as monstruosidades, pela força da *lei biogenética fundamental*.

Até os monstros duplos são, para Binet-Sanglé, paragens de desenvolvimento na fase de Medusa. Como é sabido, um monstro duplo tem exactamente a mesma significação que dois gémeos. De maneira que, para haver, na evolução do homem, uma forma que recorde o estado tão primitivo de uma medusa, foi preciso aproveitar uma monstruosidade constituída por dois indivíduos da nossa espécie. Diante de tal arrojo, desaparecem todas as dificuldades, e tudo se explica.

Sou de opinião que os biólogos não devem ser tão ambiciosos. Precisam, antes de mais nada, de estudar bem os factos, amontoar observações bem feitas, e experiências rigorosamente deduzidas. As generalizações tendenciosas e as sínteses feitas apressadamente servem apenas para os desacreditar. «Orgulhosa na sua imensa ignorância, diz o professor Mendes Correia (1), a mentalidade humana julga a todo o instante estar na posse da verdade, da verdade única e imutável, quando afinal esta se lhe esquia sem cessar, não lhe confiando senão essas verdades modestas e fragmentares sobre as quais se edificam tantos castelos de ilusões, e que muitas vezes são apenas os erros do dia seguinte».

Comentando a IV lei de von Baer, Óscar Hertwig e Vialleton (2) dizem que os estádios hækelianos não correspondem senão metafòricamente às formas fixas que lhe são comparadas. E não é

(1) Mendes Correia — *A controvérsia transformista «Descobrimento»* — Lisboa, 1932.

(2) Vialleton — *Loc cit.*

com figuras de retórica que se pode organizar uma ciência.

Apesar de estar aberta há muito uma crise gravíssima na teoria do transformismo, ainda há autores que persistem em a defender integralmente, e até em amplificá-la com o poder da imaginação, segundo a escola de Hæckel.

Durante uma viagem de estudo que fiz em Junho passado, relacionei-me com um antropologista que me mostrou a fotografia de um caso de nevo piloso gigante, acrescentando que era um exemplar único. Fiz-lhe ver que tal não era exacto: que, havia pouco tempo, tinha eu precisamente apresentado, na *Société Anatomique* de Paris (1), observações resumidas de três casos portugueses daquela afecção cutânea. Mas, enquanto que eu me contentei, modestamente, em publicar as observações dos casos, sem quaisquer conclusões, o antropologista estrangeiro a que me refiro não hesitou em apresentar o seu exemplar como uma *menina-macaca*, cuja

(1) J. A. Pires de Lima — *Nœvi pigmentaires géants* (*Société Anatomique de Paris* — Novembre, 1931).

estranha configuração mais uma vez vinha demonstrar a origem simiana do homem...

E, como se trata de gente prática, a menina-macaca está actualmente a exhibir-se públicamente em uma casa de espectáculos. E, se eu quisesse, poderia convidar também uma das meninas portuguesas forradas de nevos pilosos a fazer companhia à *jeune-fille-guenon*, incitando-a a ganhar também, deste modo, a sua vida.

ORDEN DOS MEDICOS

ORDEM DOS MÉDICOS

IV

ORDEM DOS MÉDICOS

ORDEM DOS MÉDICOS (1)

Os *Cadernos Corporativos* publicaram dois excelentes artigos, em que se reclama a criação da Ordem dos Médicos, com o fim de disciplinar uma classe que é, ainda, uma das mais nobres e das mais cultas da sociedade portuguesa. «Acreditamos, diz o Dr. Mário Cardia, que a grande maioria dos médicos portugueses é ainda constituída por elementos sãos, de boa conduta profissional e suficiente arcaboço científico. Mas não é segredo para ninguém que, por esse país fora, há médicos indignos da carta que as Escolas, em má hora, lhes entregaram».

Efectivamente, o velho juramento hipocrático tornou-se demasiadamente *grego* para certos profissionais da arte de curar, que já não moldam as suas atitudes pelas lições e pelo exemplo austero de Sousa

(1) «Cadernos Corporativos» Lisboa 1933.

Martins, de Daniel de Matos e de Gramaxo.

«O que nos cumpre lamentar, diz o ilustre médico pontelicense Cândido da Cruz, é que as Faculdades de Medicina, em vez de fabricarem médicos *em série* e em quantidade superior às *exigências do mercado*, não tratem de seleccionar aptidões e se preocupem com a educação profissional durante todo o tirocínio, o que, salvo honrosas mas raríssimas excepções, os professores têm descurado, ocupando-se, apenas, de cultura mental e técnica».

O mal está apontado com mão de mestre; mas suponho que não estão bem indicadas as suas causas.

As portas das escolas superiores estão escancaradamente abertas a uma chusma, cada vez maior, de alunos, que procuram, ávida e ingenuamente, um diploma.

Não é a ânsia de aprender que, em regra, chama tão grande número de alunos às Universidades. Nem sempre é um ideal científico ou humanitário que arrasta tantos alunos às Faculdades de Medicina.

Se se perguntar a um aluno dos pri-

meiros anos do liceu, a um menino filho de um mercieiro que rouba no peso ou junta farinha no açúcar, se se lhe perguntar qual a carreira que vai seguir, frequentemente ele responde: «Vou para operador». Constou ao pequeno que os cirurgiões ganhavam muito dinheiro, ainda mais que os tendeiros sem escrúpulos. E então, toca a *tirar* o curso médico...

Em 1919, uma anarquia política brava investiu contra a Faculdade de Direito de Coimbra e suspendeu alguns dos seus mais brilhantes professores. Um deles, em resposta às acusações que lhe faziam, apresentou as seguintes considerações: «E quem examinasse de perto e com olhos de ver quase todo o ensino público em Portugal, não podia ter dúvidas de que nem educação intelectual se estava fazendo, mas tudo se resumia num pouco de *instrução*: conhecimentos, muitos ou poucos, às vezes descosidos e dispersos, assimilados umas vezes, outras vezes apenas exteriormente aderentes ao cérebro, para o efeito de um exame, em que se obtinha, com a passagem, o direito de esquecer. Despejado o balde, de novo se

ia encher com outros conhecimentos, e recomeçava a infindável série. No fim de tudo, ao cabo do curso, o balde estava... vasio» (1).

Por ironia do destino, o professor estúpidoamente perseguido em 1919 veio a ser o restaurador das finanças do Estado português, o reorganizador da nossa marinha de guerra, o fomentador e animador de tantas obras materiais.

Teve arte o Professor Salazar para transformar por completo a estrutura material do nosso País. Mais difícil é, certamente, dar alento às forças espirituais de Portugal. Muitas leis se têm promulgado ultimamente, acerca da nossa instrução universitária, mas nenhuma delas merece o título de reforma.

Professores e alunos se mantêm dentro da superstição dos exames e os mestres continuam a pouco mais fazer do que *encher o balde*, às vezes de água chilra.

Dizia o Dr. Paulo Marcelino, professor

(1) *António de Oliveira Salazar* — — A minha resposta no processo de sindicância à Universidade de Coimbra, 1919.

dedicado, cuja acção no ensino técnico portuense tão mal apreciada foi, que muitos professores *davam* imensa matéria aos alunos, mas não averiguavam qual era a que eles *recebiam*. Em algumas cadeiras, os rapazes são deslumbrados com programas imponentes. Mas o seu espírito estará preparado para receber tantos e tão profundos conhecimentos?

Muitas vezes não está, e, como os alunos gozam as delícias dos cursos livres, facilmente se defendem, deixando a aula às moscas. É uma maneira curiosa de fugir com... a boca ao funil da *gavage*.

O mal de que enferma a sociedade portuguesa é vasto e profundo e só pode ser atacado modificando inteiramente os nossos processos de ensino.

Temos alunos de mais, professores de menos e as escolas não possuem os elementos suficientes para cumprir a sua missão.

As doutrinas políticas que imperaram no século passado fizeram difundir, talvez demasiadamente, a instrução popular.

E essa difusão continua a dar-se cada vez mais.

Fundam-se liceus por toda a parte, e até algumas más escolas técnicas têm ultimamente sido transformadas em péssimos liceus. Por este processo, o número de alunos que pretenderão ingressar nas universidades será cada vez maior e, dentro em poucos anos, um diploma de médico, de licenciado em direito, ou de engenheiro não terá valor algum.

Ainda que se considere audacioso e reaccionário o parecer de um professor do Século XX, que reputa demasiadamente difundida a instrução popular, com a detestável orientação que o ensino médio hoje tem, não hesito em proclamar esta sincera opinião. E veremos que não estou só no campo.

Um grande cientista português do século XVIII, que muitos citam e poucos lêem, o judeu António Nunes Ribeiro Sanches, um dos oráculos consultados pelo Marquês de Pombal para realizar a sua famosa reforma de ensino, combatia o excesso de escolas de língua latina e grega, de humanidades e de língua materna, que, no seu tempo, representavam os liceus de hoje.

De cem alunos que frequentavam aquelas escolas, só a terça parte ou, quanto muito, a metade deles se habilitariam suficientemente para entrar na Universidade.

Os restantes, diz Ribeiro Sanches, (1) «ou por lhes faltar quem os sustentasse, não acabavam os seus estudos, ou por serem rudes, e de maus costumes, que não se applicaram, saíram ignorantes e incapazes de prosseguir seus estudos; sigamos a sua destinação: O rapaz que não pode aprender latim, fica impossibilitado de aprender um ofício: naquele tempo que devia aprendê-lo se costumou ao ócio nas escolas, adquiriu a soberba e a vaidade; despreza um ofício mecânico, e quer ganhar a sua vida à cavalleira. Desta origem vem aquela multidão de indivíduos sem ofício nem beneficio. Desta classe de estudantes reprovados saem os jogadores, os alborcadores, os tratantes, os que têm título de page,

(1) *Ribeiro Sanches* — Cartas sobre a educação da mocidade. Nova edição revista e prefaciada pelo DR. MAXIMIANO LEMOS. Coimbra 1922.

mestre-sala, os escreventes, os tendeiros, tanto frade leigo, e sobre tudo, tantos e tantos, que passam ultramar a buscar fortuna. São estes subditos pela maior parte perdidos para o Estado. Este é um dos menores males que causavam as escolas de latim demasiadas, e principalmente aquelas gratuitas».

Dois séculos depois de Ribeiro Sanches, Paul Bourget (1), quase com os mesmos argumentos, combate a *escola única*, sonho democrático, que tantos rios de tinta faz correr. Diz o grande escritor que a elevada cultura fornecida aos cidadãos rurais faz deles «o tipo completo do bolchevista francês, do revoltado irreductível que amaldiçoa a ordem social à qual deve essa cultura, e que vai, durante trinta anos, encarniçar-se a destruí-la, pela palavra, pela pena e, se puder, pela acção.»

É fora de dúvida que os cursos universitários devem ser limitados, de acordo com as possibilidades das escolas e com

(1) *Paul Bourget* — Au service de l'ordre. II Notes sociales, Paris. MCMXXXIII.

as necessidades da Nação. O limite do número de alunos é assunto que deve ser estudado com o maior cuidado, pois que seria injusto cortar a carreira a alunos mentalmente bem dotados, pertencentes às classes humildes.

Seria conveniente multiplicarem-se os laboratórios de orientação profissional. Ali seriam seleccionados devidamente os alunos que se destinassem a cada carreira.

A preparação dos alunos que se destinam às faculdades de medicina devia ser ampliada nas escolas secundárias: deverá voltar-se ao estudo intensivo das humanidades, para desenvolver no sentido clássico o espírito dos alunos, que devem adquirir conhecimentos suficientes de latim, grego, história, língua portuguesa e outras línguas vivas, bem como de desenho à vista, de física, química e ciências biológicas.

As faculdades de medicina, que se encontram hoje na maior penúria, sobretudo a do Porto, devem ser dotadas convenientemente de pessoal e de material.

O corpo docente dessas faculdades deve ser seleccionado com o maior rigor.

Da lista das cadeiras do curso geral de medicina deve fazer parte a História da Medicina e a Deontologia médica.

Todas estas medidas, que estou sugerindo, são, por assim dizer, profilácticas ou eugénicas, quer dizer, visam a prevenir desvios de conduta da classe médica, ou antes, tendem a formar uma classe moralmente bem dotada.

É claro que julgo indispensável a promulgação de uma lei do exercício da arte de curar. Em tempo, as três associações médicas portuguesas elaboraram um projecto de lei do exercício da nossa profissão e solicitaram a sua aprovação superior. Infelizmente o Governo não atendeu a classe.

Bom era que o referido projecto fosse de novo revisto e actualizado pelas associações, e que, em seguida, o Governo o apreciasse e decretasse, depois de lhe introduzir as modificações que entendesse. Só assim os médicos ficariam conhecendo os seus direitos e os seus deveres. Só após a promulgação de uma lei sobre o exercício de medicina é que me parecia oportuna a criação da Ordem dos Médicos.

Essa instituição devia ser previamente estudada, e os dois citados trabalhos dos doutores Mário Cardia e Cândido da Cruz fornecem preciosos elementos para a elaboração definitiva do Decreto.

Desde há muitos anos, que, em França, pensam criar a «Ordem dos Médicos» e, até hoje, ainda não foram satisfeitas as aspirações de numerosos membros da nossa classe.

Parece-me que a sua verdadeira organização não pode fazer-se sem que haja uma lei do exercício da medicina, um código deontológico oficial, e que, depois, uma Ordem dos Médicos esteja à frente da classe, para julgar o procedimento dos clínicos.

Um médico pode faltar aos seus deveres sem cometer um delito, ou um crime previsto pelo Código penal.

Cometida uma pequena infracção deontológica, às vezes mesmo sem que o médico tenha a consciência de que procedeu mal, garantido pela impunidade, pode reincidir na mesma falta, ou praticar infracções mais graves.

É, pois, indispensável um Código deon-

tológico oficial ou oficializado e uma corporação médica encarregada de fiscalizar a atitude dos membros da classe.

É claro que esta matéria é extremamente delicada, e a criação da Ordem dos Médicos deve ser precedida de sério estudo e ampla discussão.

O Conselho da Ordem, que funcionará como tribunal, será composto de homens, e, como tal, sujeito a errar, a ser movido por paixões ou por espírito de vingança.

Por esse motivo, é indispensável que o suposto prevaricador esteja cercado de garantias de defesa e possa dispor largamente do direito de recurso (1).

(1) Parecem proféticas estas palavras. Criada há tão poucos anos a «Ordem dos Médicos», já se apontam casos em que os seus corpos gerentes não procedem com a indispensável dignidade no julgamento dos colegas.

v

PRIMEIRO: VER

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL
RUA MARQUÊS DE SÃO CARLOS, 369 - MARACANÃ - RJ
12121-970

PRIMEIRO: VER (1)

«Poder explorar é, a meu ver, uma grande parte da Arte».

Este princípio, colhido no Livro III das «Epidemias» de Hipócrates, foi estampado por Laënnec no frontispício do célebre «Tratado de Auscultação Mediata».

E Eichhorst (2), no seu «Tratado de diagnóstico médico», afirma:

«Hoje, mais que nunca, é preciso proclamar a exactidão deste axioma hipocrático».

Vem, pois, de muito longe e de muito alto a definição da importância e da necessidade da observação escrupulosa dos factos.

Não obstante, ainda hoje se faz mister recomendar que, acima das sugestões dos

(1) Conferência pronunciada na Associação da Filosofia Natural, Universidade do Porto, a 6 de Dezembro de 1935.

(2) 4.ª ed. francesa — Paris, 1912.

livros, deve estar aquilo que os nossos olhos inteligentemente nos ensinam.

Creio que, já em outra oportunidade, contei este episódio, mas não será de mais repeti-lo: Estava um dia na sala de disseccões a ver trabalhar um aluno. Dissecava ele, se bem me lembro, os músculos do antebraço. Isolado um dos músculos, descrevia-o o aluno, dizendo, em voz alta, quais eram as suas inserções, segundo ele estava a observar. De repente, lembrando-se do que tinha lido no compêndio, emendou, irritado consigo próprio: «Não pode ser: Testut diz que ele se insere em tal parte...»

Outra vez, convidei um aluno a descrever o sacro, e entreguei-lhe um exemplar anómalo, formado por seis vértebras, a primeira das quais devida à sacralização da última lombar.

O rapaz, com o osso na mão, começou a dizer de cor, sem olhar para a peça: «a face anterior do sacro apresenta-nos, na linha média, uma coluna óssea constituída pela sobreposição dos corpos das cinco vértebras sagradas».

— «Ora conte-as», disse-lhe eu. E o

aluno, encarando o osso, contou: «uma, duas, tres, quatro, cinco, seis». — «Então descreva o que vê». E o estudante, mais fiado no que tinha lido do que na evidência que se lhe oferecia, repetiu maquinalmente: «O sacro é constituído pela fusão de *cinco* vértebras...»

O homem de ciência, diz Rist (1), deve colocar-se diante dos factos, para os estudar objectivamente em si próprios e nas suas relações com outros factos, sem preconceitos e sem preferências. Certamente, em ciência não deverá ser invocado o princípio de autoridade, e a dúvida metódica é um instrumento de análise, que o investigador deve ter sempre à mão. Na prática, não podemos dispensar a autoridade dos trabalhos anteriores, nem pôr em dúvida tudo aquilo que não verificamos. Mas é preciso convir que tal autoridade não é inabalável, que está sujeita a revisão. De facto, essa revisão faz-se constantemente, quer de modo insensível, quer bruscamente.

(1) E. RIST — Qu'est-ce que la Médecine? Suiivi de six autres essais. Paris, 1929.

E muitas descobertas são devidas precisamente à revisão de certos pontos admitidos como certos e que um espírito perspicaz demonstrou serem inexactos.

Antigamente chamava-se sábio a um homem que sabia: hoje, diz Rist, sábio é aquele que investiga e que, às vezes, encontra.

Para investigar, é preciso ver. Mas o sentido da visão não é peculiar ao homem. Um cavalo, uma sardonisca, um gafanhoto têm a faculdade de ver.

É preciso olhar, isto é, ver com atenção. Também os animais olham. É preciso ainda saber olhar: quer dizer, um investigador tem necessidade de educar o senso crítico.

Há alguns anos, a imprensa noticiosa de Lisboa e do Porto andou empenhada em triste campanha, defendendo uma torpe charlatanice denominada, pomposamente, asueroterapia.

Segundo essa nova *medicina*, as mais diversas doenças, como as nevralgias, as paralisias, o reumatismo, todas as moléstias, fosse qual fosse a sua causa, que provocassem perturbações da marcha,

eram radicalmente curadas, desde que se cauterizasse com um ferro em brasa a mucosa nasal.

Tão intensa foi a campanha da imprensa, que a maior parte dos portugueses ficou suggestionada e os doentes entravam em longas *bichas* para os consultórios dos médicos que aceitaram a pretensa reforma.

Até um ilustre ex-Chefe de Estado, diplomado em medicina, foi às Vascongadas receber o milagroso tratamento das mãos do próprio autor do método.

Ainda me lembro do tristemente grotesco relato que os jornais fizeram da *cura* do prestigioso estadista.

Desde o começo da campanha, enfileirei ao lado dos poucos que não acreditavam no charlatanesco Asuero.

Isso valeu-me injúrias na imprensa, insultos ignóbeis em cartas anónimas e toda a casta de incómodos.

A minha opinião era discutida azedamente nas lojas de barbeiro e nas oficinas das modistas.

Eu combatia o novo método de curar, dizia-se, porque tinha medo de perder a clínica...

Certo dia, na Praça Nova, fui abordado por um conterrâneo, que me disse, em ar de censura: «Então o Sr. Doutor não acredita no método de Asuero? Pois vá à Rua de tal, ao consultório do Dr. F. e verá entrarem doentes em muletas, de pernas a rasto e, pouco depois, vê-los-á inteiramente curados, a saltar e a dançar... Eu vi!»

Coitado do meu pobre amigo: Viu, mas não soube ver.

Contemplou o facto com os mesmos olhos esbogalhados com que um boi encara um sumptuoso edifício.

Os cientistas devem precaver-se contra certas informações que lhes são dadas, por vezes, com o fim de os ludibriar.

Há anos, exhibiu-se no Porto o chamado *Galo-fenómeno*, que apresentava dois longos cornos implantados na cabeça. Milhares de pessoas acorreram a ver o *Galo-fenómeno*, que rendeu milhares de escudos para uma casa de caridade.

Julguei-me na obrigação de ir também examinar o estranho animal; mas, à cautela, mandei adiante dois dedicados funcionários técnicos do Instituto de Ana-

tomia, que fizeram a observação sumária e fotografaram o *Galo-fenómeno* (1).

Segundo as informações colhidas, cheguei à conclusão que se tratava de um verdadeiro embuste: destacaram os esporões das patas do frango e enxertaram-nos na cabeça, aos lados da crista, de modo a semelhar verdadeiros cornos. Era um galo corpulento, amarelo escuro. Os pretendidos cornos estavam anexos à pele, sem ligação com o esqueleto (2).

Os homens de ciência a cada passo são logrados por certos espertalhões. Os arqueólogos, sobretudo, estão muito sujeitos a ser iludidos. E também os teratólogos são às vezes tentados pelos burlistas.

Le Double, o grande anatómico de Tours, segundo dizem, foi diversas vezes enganado por alunos engraçados, que lhe apresentavam anomalias musculares obtidas artificialmente.

(1) J. A. PIRES DE LIMA — Um galo-fenómeno. Precações de um teratólogista (*Civilização*, Outubro, 1931).

(2) Informou-me o Dr. Rêzende Pinto que, por várias vezes, se tem entretido a praticar enxertos desta natureza, conseguindo transplantar para a cabeça esporões de frangos.

Não são apenas os austeros homens da ciência que estão sujeitos a estes precalços. Também os empresários, coleccionadores de raridades, são, por vezes, maltratados com chalaças.

Numa detestável fita cinematográfica, há pouco exibida no Porto, na qual era escandalosamente romanceada e deturpada a biografia do célebre Barnum, havia cenas como esta: O notável empresário contratara para o seu museu de raridades uma mulher barbada. «Tem a certeza que é mulher?» perguntam-lhe. «Como se sabe que ela é mulher?» — «Os europeus dizem que é mulher, é porque é verdade», responderia ingenuamente o grande coleccionador de *fenómenos*...

Pasteur escreveu um admirável discurso, que foi lido por seu filho na cerimónia da inauguração do Instituto parisiense que tem o seu glorioso nome.

O grande sábio deu aos seus discípulos conselhos salutarés, que ainda hoje devem ser aproveitados por todos os que se dedicarem à investigação científica. Daquela discurso transcreverei os seguintes passos: «Este entusiasmo que mostrais

desde a primeira hora, conservai-o, mas dai-lhe por companheira inseparável uma verificação severa. Não assevereis nada que não possa ser demonstrado de forma simples e decisiva...

O que vos peço, rogando que transmitais estes conselhos aos vossos futuros discípulos, é o que há de mais difícil para um inventor.

Julgar que se descobriu um facto científico importante, ter a ansiedade de o anunciar e, ao mesmo tempo, ter a coragem de esperar dias, semanas, e, às vezes, anos a combater-se a si próprio, a esforçar-se por arruinar as suas próprias experiências e não proclamar a sua descoberta senão depois de ter esgotado todas as hipóteses contrárias, sim, é uma árdua tarefa.

Mas quando, depois de tantos esforços, chegamos enfim à certeza, experimentamos uma das maiores alegrias que pode sentir a alma humana; e a ideia de que se contribuiu para a honra do seu país torna esta alegria mais profunda ainda».

Infelizmente, nem sempre são seguidos os conselhos de Pasteur.

A cada passo, investigadores impacientes lançam a público a notícia de grandes descobertas, que nunca chegam a confirmar-se. E o público, que não cultivou o seu espírito crítico, aceita de boamente a veracidade das sensacionais descobertas que a imprensa noticiosa diàriamente divulga, como sejam a da cura da tuberculose, ou do cancro, ou a de radiações misteriosas de propriedades extraordinárias.

O povo tem ideias muito erróneas acerca de certos factos biológicos, por exemplo daqueles que são ligados à sexualidade.

Acredita-se piamente que os galos põem ovos quando atingem a idade de sete anos.

Um dia, o Prof. Américo Pires de Lima anunciou-me que certo amigo seu possuía um galo de casta garnizé, que punha ovos. O dono de tão curioso animal era pessoa de toda a probidade e foi tão amável que me ofereceu, para eu estudar, a extraordinária ave, assim como dois ovos, um de galinha garnizé o outro indiscutivelmente posto pelo galo. Este era amare-

lado, com pintas castanhas disseminadas e muito mais pequeno que o de galinha, que era perfeitamente branco. Enquanto que este tinha 47 milímetros de eixo maior, o *ovo de galo* apenas media 38.

Tive o animal em observação durante algumas semanas, mas ele nunca pôs. Sacrifiquei-o, por fim, e verifiquei que os seus órgãos sexuais eram perfeitamente masculinos. Não pôs ovos, nem podia pôr, pela simples razão que não possuía ovário nem oviducto.

Eu não duvido que o amável dono do galo estivesse convencido de que realmente ele punha ovos. Não duvido da sua probidade. O que verifico é que ele não tem educado o seu espírito crítico e por isso não pode ser bom observador.

Isto não quer dizer que só os homens de laboratório, com uma severa educação especial, serão capazes de bem observar.

Pelo contrário, o povo inculto traduz às vezes grandes verdades em conceitos lapidares, criados por sagaz observação.

Para não sair do campo sexual, reproduzirei aqui um gracioso adágio, que ouvi a uma pessoa do Minho:

«Mulher com fala de homem,
Homem com fala amulherada,
Muita festa para a festa...
E mais nada!»

Não se pode traduzir de maneira mais concisa e mais exacta a frigidez dos inter-sexuais.

Escolhi para divisa do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto a seguinte frase de Cícero (1): «Observatio diuturna, notandis rebus, fecit artem». Com efeito, a ciência foi constituída pela série imensa de factos acumulados pela observação continuada, durante milhares de anos.

Enquanto que as hipóteses e as teorias estão sujeitas a constantes revisões, uma observação bem feita fica permanentemente nos arquivos da ciência, desafiando o tempo.

Descreveu Aristóteles (2) os costumes curiosos dum peixe denominado siluro ou peixe-gato, que vivia na Grécia no rio Achelous.

(1) De Divinatione Liber II.

(2) SINGER — Histoire de la Biologie. Éd. française par GIDON — Paris, 1954.

Segundo o grande filósofo, a fêmea daquele peixe depositava os ovos nas águas pouco profundas, nas raízes das árvores.

Depois da postura, a fêmea abandona os ovos e o macho fica a vigiá-los, afugentando os outros peixes que se aproximam para os comer. Durante quarenta ou cinquenta dias, o macho está sempre vigilante e só abandona os filhos depois que eles têm a robustez necessária para se defenderem. Os pescadores conheciam esta dedicação paternal do curioso peixe e conseguiam apanhá-lo facilmente, puxando para a superfície da água as raízes onde os ovos estavam depositados.

Durante muitos séculos, este passo aristotélico era considerado apócrifo, e muitas vezes serviu de chacota aos críticos mal avisados. No meado do século XIX, porém, o célebre naturalista Agassiz verificou que, na América do Norte, havia uma espécie de siluro, diferente das europeias, que cuidava dos filhos exactamente como dissera Aristóteles.

E, em 1897, Agassiz mandou ir para a América alguns siluros pescados no rio

Achelous. Como aquela espécie não estava descrita pelos naturalistas modernos, Agassiz deu-lhe o nome de *Parasilurus Aristotelis*. Trabalhando vinte e dois séculos depois de Aristóteles e num continente de cuja existência ele não suspeitava, consagrou assim a lembrança das sagazes observações do grande filósofo grego.

Enquanto que Aristóteles, com um espírito crítico severo, e outros autores gregos, como Hipócrates, produziram observações que serão sempre exactas e actuais, outros filósofos e sábios de igual categoria caíram em erros crassos, por não terem perfeitamente desenvolvido o seu espírito de observação.

Descartes, por exemplo, fundamentou a sua doutrina exageradamente mecanicista, por vezes, em erros grosseiros, impróprios do seu génio. Para Descartes, os nervos seriam canais ôcos, munidos de válvulas nos pontos em que se ramificam. Essas válvulas seriam accionadas por umas fibrilas que provinham dos centros nervosos. A actividade dos nervos era também produzida por um vapor subtil

proveniente do sangue. Esse vapor passava dos nervos aos músculos, fazendo-os contrair.

Não há uma palavra de verdade nesta fantasia cartesiana, que teve imensa voga na filosofia biológica dos últimos séculos. Hoje faz-nos sorrir, tanto esta fisiologia de Descartes como a sua famosa teoria da localização da alma humana na glândula pineal...

As teorias baseadas em observações mal feitas ou insuficientes levam por vezes a fracassos que têm sido exageradamente classificados como a bancarrota da Ciência.

Sem querer desenvolver muito este ponto, desejo contudo citar alguns factos que demonstrarão o erro em que têm caído muitos cientistas, quando não dotados de uma prudência e imparcialidade irrepreensíveis.

Depois que Lamarck e Darwin, baseados em factos que observaram, estabeleceram a hipótese do transformismo, alguns seus continuadores, com Hæckel à frente, exageraram de tal modo aquela teoria, que a transformaram em verdadeiro dogma,

que não poderia ser negado, nem sequer discutido.

«Venerandos caturras» chamava Serrano (1) àqueles que não aceitassem a teoria da evolução.

O resultado de tal intransigência foi uma reacção formidável, que veio pôr em manifesta crise a doutrina da evolução.

Citarei ainda outro caso análogo. Há cerca de meio século, sob a égide de Lombroso, fundou-se a Antropologia criminal. Baseado em observações manifestamente insuficientes, Lombroso concluiu que, pelo menos em certa classe de criminosos, havia numerosos estigmas morfológicos, que distinguiam os delinquentes dos indivíduos normais:

Um trabalho posterior de cuidadosas verificações veio demonstrar que a maior parte das estatísticas de Lombroso e da sua escola não eram baseadas em número suficiente de casos e a Antropologia criminal, para não ter a sorte da frenologia, tanto em voga há cem anos, houve que

(1) SERRANO — Tratado de Osteologia humana — Lisboa, 1895.

alterar profundamente o seu programa e os seus métodos de trabalho.

A frenologia de Gall só tem lugar hoje num museu de história das Ciências e o mesmo destino levará a teoria vertebral do crânio, a lei biogenética de Hæckel e muitas outras teorias que foram estabelecidas apressadamente por cientistas que não tinham a precisa serenidade para estudar os factos imparcialmente, seleccionando-os e confrontando-os com o devido rigor, sem fazerem intervir a imaginação na análise e na interpretação desses factos.

Perante os fenómenos que desfilam pelos órgãos sensoriais, diz o grande Ramón y Cajal (1), a atitude da inteligência só pode ser verdadeiramente útil e fecunda limitando-se modestamente a observá-los, descrevê-los, compará-los e classificá-los, segundo as suas analogias e diferenças, para chegar depois, por indução, ao conhecimento das suas condições determinantes e leis empíricas.

(1) RAMÓN Y CAJAL—Reglas y consejos sobre investigación científica.

No capítulo VII do famoso livrinho de Cajal, traça o sábio histologista a marcha que deve seguir a investigação científica. Primeiro é necessário observar bem, descartando-se o observador de todas as ideias preconcebidas e das reminiscências livrescas. É preciso renovar, tanto quanto possível, aquele estado de espírito, mixto de surpresa, emoção e curiosidade vivíssima, por que passou o sábio feliz que descobriu o facto. Mas não basta examinar. É preciso contemplar. Impregne-mos de emoção e simpatia as coisas observadas, diz Cajal; façamo-las nossas, tanto pelo coração como pela inteligência. Só assim nos entregarão o seu segredo, porque o entusiasmo acrescenta e afina a nossa capacidade perceptiva.

A marcha a seguir pelo investigador, na conquista duma verdade científica, deve ser, em resumo, a seguinte, diz Ramón y Cajal:

1.º — Observação dos factos demonstrados por métodos terminantes, claros e precisos.

2.º — Experimentação, a fim de criar

novas condições na manifestação dos fenómenos.

3.º — Crítica e eliminação das hipóteses erróneas, e elaboração de uma interpretação racional dos factos, de modo que eles fiquem subordinados a uma lei geral.

4.º — Comprovação da hipótese, mediante novas observações ou experiências repetidas.

5.º — Quando a hipótese não esteja de acordo com a realidade, substitua-se por outra, que, por sua vez, será submetida a rigorosa análise objectiva.

6.º — Aplicação da hipótese, depois de convertida em verdade, a outras esferas do saber.

Para terminar este ensaio, vou agora expor a observação de um caso extremamente curioso.

A 30 de Agosto de 1934, escrevia-me o Prof. Américo Pires de Lima:

«O cartão junto é de um cavalheiro amável, proprietário de um fenómeno extraordinário (se for exacto). Nada mais nada menos do que um coelho hermafrodito *completo*, sendo *pai e mãe* de

algumas ninhadas de coelhinhos. Tenho meu receio de que seja a história do galo que punha ovos; mas o homem garante a autenticidade do facto e tem muito gosto em oferecer-te o exemplar, por amor à ciência. Põe-te em comunicação com ele e estuda o caso».

O cavalheiro amável era um inteligente proprietário rural dos subúrbios do Porto.

Imediatamente me relacionei com ele e, a 5 de Setembro, recebia as seguintes informações:

«Tenho um casal de coelhos e, duma ninhada que tiveram, escolhi uma fêmea nova, que isolei, vendendo a restante prole. Como aquela fêmea estivesse já criada, juntei-lhe o macho, pai, que a fecundou, vindo a ter quatro filhos.

Na mesma ocasião, a coelha velha, mãe, em compartimento isolado, donde tinha tirado o macho, tem também seis filhos. Voltando a fêmea nova a ser fecundada, teve um filho morto.

Depois juntei ao coelho as duas fêmeas, mãe e filha, e vi com estranheza que esta lutava com ele, e ambos exerciam as funções de macho na terceira!

Apanhando o coelho, que até aí tinha por fêmea, para observar, vi que tinha testículos muito desenvolvidos, era hermafrodito. Como lutava com o outro, separei-o com outra fêmea, que há dois meses estava isolada e só. Passado algum tempo, esta teve uma ninhada, estando agora em vésperas de outra, donde conclui que o coelho hermafrodito pare filhos e fecunda fêmeas.

Como não tenho conhecimentos nenhuns de ciência, sei no entanto que V. se dedica muito a estas investigações e portanto lembrei-me de lhe oferecer o coelho, desde que V... julgue este caso digno de qualquer estudo. »

Impressionou-me a sinceridade desta carta e, apesar de um tanto descrente, lembrei-me do passo do «Esmeraldo» (1), referente à investigação geográfica, na qual fomos os primeiros:

«A experiência que é madre das cousas nos desengana e de toda a dúvida nos tira».

(1) DUARTE PACHECO «Esmeraldo», I. 1.

Escrevi de novo ao dono do coelho e, a 9-X-34, tive a seguinte resposta: «Juntei um coelho macho ao outro que reputo hermafrodito, em harmonia com as indicações de V... Vivem em perfeita harmonia e como se fossem casal.

Conservo o coelho anormal à disposição de V..., para o mandar buscar quando quiser...»

A 17 de Novembro de 1934, procurou-me pessoalmente o inteligente lavrador, dizendo-me que o extraordinário coelho tinha cerca de dois anos e que, depois de ter tido duas ninhadas como fêmea, fecundou coelhas como macho e que, nessa altura, continuava a viver, na melhor harmonia, com um coelho macho, que todavia o não tinha fecundado.

A 19 de Novembro mandei buscar o coelho, para o observar cuidadosamente no Instituto de Anatomia.

Comecei por juntar o coelho a uma fêmea, que foi imediatamente fecundada, dando à luz, na época própria, uma ninhada de coelhinhos, que, certamente por causa do frio, nasceram todos mortos.

A 10 de Fevereiro de 1935, fecundada

pelo mesmo coelho, teve uma coelha parda nova ninhada de cinco coelhinhos, todos mortos, também por causa do frio.

A 13 de Março, com uma temperatura mais suave, a mesma coelha, fecundada pelo coelho em observação, teve uma nova ninhada de coelhinhos vivos e viáveis.

Ficou, pois, demonstrado que o exemplar em experiência é fisiologicamente macho, por fecundar normalmente uma fêmea.

Proseguindo o nosso estudo, a 22-III-35 juntei este coelho a outro macho. Assim estiveram os dois até 26 de Março, mas tive de os mandar separar, porque eles atacavam-se mutuamente, chegando a ferir-se.

A 8 de Abril juntei o animal em experiência a outro coelho macho, mas o resultado foi o mesmo: maltratavam-se cruelmente, ficando muito feridos, motivo porque os separei de novo, convencendo-me que o coelho em experiência pertencia exclusivamente ao sexo masculino.

A 13 de Novembro deste ano foi sacrificado o animal.

Era um coelho branco e muito corpulento e pesava 2, ^{kg.}375.

Era perfeitamente exórquido, e os seus órgãos genitais externos eram francamente masculinos, sendo o pénis e os testículos muito desenvolvidos.

Comecei a dissecá-lo, verificando que o pénis e a uretra eram muito desenvolvidos, terminando a uretra normalmente na bexiga.

Os testículos eram muito volumosos e foram retirados para exame histológico.

Estava, nesta altura, inteiramente convencido que se tratava de um coelho macho vulgar.

Mas abaixando a bexiga, notei que, por cima dela, se encontravam formações que pareciam órgãos genitais internos femininos atrofiados; por baixo do recto e entre o útero e a bexiga, viam-se dois longos e finos canais, que pareciam trompas, dispostas em sentido transversal, e presos por ténues ligamentos largos.

Por cima da uretra, encontrava-se um estreito canal que representaria a vagina, por cima do qual estava o recto.

Permitam-me que recorde, nesta altura,

um episódio passado na aula de clínica médica, no tempo, já tão distante, em que eu frequentava o quinto ano de medicina.

O ilustre professor A. de Azevedo Maia tinha distribuído uma doente a um meu condiscípulo, que há muito exerce a clínica, com muita distinção, em Caminha (Dr. Damião José Lourenço Júnior).

O Damião Lourenço, no dia marcado pelo mestre, apresentou a observação da doente, concluindo que se tratava de uma febre tifóide.

O Prof. Azevedo Maia, com o ar severo que lhe era peculiar, discordou do diagnóstico e afirmou que se tratava de uma tuberculose mesentérica. O meu condiscípulo, tímido, não se atreveu a contradizer o Mestre e não manteve o diagnóstico que tinha feito, aliás com o maior cuidado.

A doente morreu e, certa manhã, o Prof. Azevedo Maia praticou a autópsia, rodeado por todo o curso.

Antes de abrir a cavidade abdominal, fez uma prelecção sobre a tuberculose peritoneal e anunciou que iríamos ver o mesentério crivado de granulações.

Aberto o ventre, verificamos que nada disso aparecia: o peritoneu estava normal, inteiramente liso.

Aberto o intestino delgado, as placas de Peyer, hipertrofiadas, demonstravam que tinha havido uma infecção tifosa.

O Prof. Azevedo Maia, com uma dignidade e um aprumo dignos de Trousseau, voltou-se para o meu condiscípulo e disse-lhe: «O senhor tinha razão; a doente morreu de uma febre tifóide. A mesa de autópsias tem um sabão que é ótimo para lavar basófitas...»

O mesmo sentimento que teve Azevedo Maia ao ver as lesões dotientéricas no intestino delgado do cadáver duma doente em que diagnosticara erradamente uma peritonite tuberculosa, tive-o eu também, quando encarei com um esboço de órgãos genitais femininos num animal que reputava exclusivamente macho.

Mas não se tratava de ridícula basófia no austero Prof. Azevedo Maia, nem na minha humilde pessoa.

«Aprender até morrer», diz o ditado. E até numa idade avançada encontramos sempre ensejo para receber lições.

Sejamos, pois, sempre modestos e confiemos mais nos nossos olhos do que na nossa imaginação.

Segundo a norma de Cajal, estava realizada a observação dos factos e a experimentação, a fim de criar novas condições na manifestação dos fenómenos.

Resta agora a terceira e mais difícil operação, isto é, a crítica e eliminação das hipóteses erróneas e elaboração de uma interpretação racional dos factos.

Gastei muitos dias a pensar no assunto e devo confessar que perdi algumas horas de sono a meditar na explicação do caso.

Entretanto, a meu pedido, no Laboratório de Anatomia patológica da Faculdade de Medicina iam seguindo o exame histológico das glândulas sexuais do coelho o Prof. Amândio Tavares e o seu Assistente Dr. Salvador Júnior.

A 20 de Novembro de 1935, terminando a demorada análise histológica, informo-me o Prof. Tavares que se trata de testículos perfeitamente normais, sem qualquer formação que possa fazer pensar em *ovo-testis*.

Voltemos pacientemente à regra de

Cajal: «crítica e eliminação de hipóteses erróneas e elaboração e interpretação racional dos factos».

Voltei a observar minuciosamente a peça, confrontei-a com uma bela preparação do sistema uro-genital de coelho existente no museu do Instituto de Anatomia, sacrifiquei outro animal, para novo confronto com aquelas duas peças e revi a anatomia do coelho em tratados clássicos (1).

Depois de longos estudos, de pacientes observações e experiências, verifiquei *pessoalmente* o seguinte: No meu laboratório o coelho fecundou fêmeas. Era exórquido e possuía órgãos sexuais masculinos (pénis e testículos) muito desenvolvidos. As glândulas sexuais, submetidas a observação microscópica, mostraram que eram testículos normais, sem quaisquer vestígios de elementos femininos.

Como é sabido, no coelho existe um utrículo prostático muito desenvolvido,

(1) CHAUVEAU & ARLOING — *Traité d'Anatomie comparée des animaux domestiques*, 5^{ème} éd. Paris, 1905.

derivado dos canais de Müller, o qual os autores descrevem geralmente com o nome impróprio de vesícula seminal.

Entre o utrículo prostático e a bexiga, vêem-se dois canalículos dispostos transversalmente e que constituem a parte final dos canais deferentes, que terminam por uma ampola fusiforme, muito pronunciada e que representa um esboço da vesícula seminal, que não existe verdadeiramente no coelho.

As partes terminais dos canais deferentes estão rodeadas por uma prega muito ténue, que faz lembrar os ligamentos largos.

Como é também sabido, o útero da coelha é duplo e cada um dos úteros, no dizer de Chauveau e Arloing, tem a forma de um cilindro de 10 a 12 centímetros de comprimento, levemente flexuoso, cujo fundo de saco recebe a terminação do oviducto correspondente.

Nada disso se encontrava no nosso coelho, que não possuía, nem cavidades uterinas onde pudesse gerar filhos, nem oviductos que conduzissem óvulos para aquelas cavidades, nem tão pouco, nas

glândulas sexuais, folículos de Graaf onde amadurecessem óvulos.

Devemos pôr inteiramente de parte a observação do camponês que me ofereceu o coelho?

Já disse que certas pessoas incultas têm um grande poder de observação. Uma vez, mostrando um coelho a uma criança de quatro ou cinco anos, disse-lhe: «Olha um pato!» E ela replica imediatamente — «Não é um pato, é um coelho». — «Porquê? — «Não tem penas, não tem asas, não tem bico...»

Há dias chamei a atenção de um agricultor, inteligente, mas inculto, para as flores da *Bougainvillea*, linda trepadeira que tanto se tem vulgarizado ultimamente dos nossos jardins. Depois de um exame extremamente rápido, o lavrador teve o seguinte comentário: «Que flores tão curiosas! parecem folhas: é só diferença de côr...»

Um indivíduo que tivesse conhecimentos de botânica diria a mesma coisa nos seguintes termos: «As flores da *Bougainvillea* foram ampliadas pelas brácteas, que tomaram a côr das pétalas».

Tenho muito respeito pela opinião do amável proprietário rural, mas estou convencido que ele se tenha enganado na sua observação. Não ponho em dúvida a sua probidade e a sua perfeita boa fé.

Sem procurar explicar completamente o seu engano, posso concluir que tinha inteira razão a «Cartilha» do Abade de Salamonde, velho livrinho que, há cinquenta anos, andava nas mãos de todos os alunos de instrução primária, e que, ao enumerar os sentidos corporais, sentenciava:

Primeiro : ver (1).

(1) Esta conferência foi reeditada na revista brasileira *Imprensa Médica*, XII, 226. Rio de Janeiro, 1956.

GRANDEZA E DECADÊNCIA
DO BIGODE

VI

GRANDEZA E DECADÊNCIA
DO BIGODE

GRANDEZA E DECADÊNCIA DO BIGODE (1)

(ESTUDO DE MORFOLOGIA E DE ETNOGRAFIA)

Assistimos, neste século, a grandes transformações de todo o género: derruiu o parlamentarismo, surgiram e desapareceram nações, de forma brusca, desconhecida dos tempos antigos.

Basta algumas semanas para que se produzam factos que, outrora, levavam séculos a desenvolver-se.

Na minha qualidade de anatómico e de amador de coisas de etnografia, impressionou-me um facto, aparentemente insignificante, mas que, no meu espírito de morfologista, fez grande impressão: foi

(1) Conferência nos «Estudos Portugueses» da Câmara Municipal do Porto, 16-II-940. Repetida a 20-V-40 na «Biblioteca de Reis Quita», do «Grémio Concelhio dos Industriais Barbeiros e Cabeleireiros do Porto».

Publicada na «Medicina Contemporânea» de 4 e 11-II-1940.

a súbita mudança da fisionomia masculina, com a supressão da barba.

Quando veio a moda da barba rapada, fiquei tão perturbado, que não podia reconhecer os meus alunos, na aula, todos iguais, de face escanhoadas, como se adoptassem o uniforme duma confraria.

Dizia um meu velho professor: «Tudo é importante neste mundo, desde a queda dum átomo à queda duma república».

Permiti-me, pois, que, em breves palavras, me ocupe da derrocada do sistema capilar.

Há seis meses, dizem as «Lettres Persanes» (1), há seis meses que percorro a Espanha e Portugal e convivo com povos que, desprezando todos os outros, só aos Franceses dão a honra de odiar.

A gravidade é o carácter brilhante das duas nações; manifesta-se principalmente de duas maneiras: pelos óculos e pelo bigode.

Os óculos demonstram que quem os usa é homem consumado nas ciências, mergulhado em profundas leituras a tal

(1) *Montesquieu* — *Lettres persanes*.

ponto que enfraqueceu a vista: nariz carregado com semelhante ornato é, sem dúvida, o nariz dum sábio.

Quanto ao bigode, esse é respeitável por si próprio, e independentemente das consequências.

Apesar disso, acrescenta Montesquieu, grandes utilidades podem tirar-se dele, para o serviço do príncipe e para a honra da nação.

E cita, um tanto romanceado, o episódio de D. João de Castro, que empenhou as barbas, a fim de obter dinheiro para a reedificação de Diu.

O sábio Professor Leite de Vasconcelos ⁽¹⁾ publicou um longo estudo de etnografia comparativa acerca da barba em Portugal. Bem avisado andou ele, colhendo a tempo elementos para a sua curiosa obra. Se deixasse para agora esse trabalho, não poderia obtê-los, porque as honradas barbas dos Portugueses passaram à história.

Hoje poderia escrever-se um volume

⁽¹⁾ *Leite de Vasconcelos* — A barba em Portugal, Lisboa, 1925.

intitulado «A falta de barba nos Portugueses». E, como o povo costumava dizer — «quem não tem barba, não tem vergonha», também podia chamar-se ao livro, maliciosamente, «A falta de vergonha em Portugal».

No século áureo da nossa história, jurava-se pelas barbas honradas e não havia consideração por quem não as tivesse bem espessas, como pode ver-se no diálogo entre Pero Vaz e Vasco Afonso, a respeito do fidalgo arruinado da *Farsa dos Almocreves*, de Gil Vicente:

«Ele pôs desta maneira
A mão na barba e me jurou
De meus dinheiros pagá-los.
— Essa barba era inteira
A mesma em que te jurou,
Ou bigodezinhos ralos?»

Após a batalha de Aljubarrota, El-Rei de Castela, depois da tremenda derrota, fugiu espavorido e, como *homem tresvaliado*, maldizia o seu viver e jurava pelas barbas (1).

(1) *Fernão Lopes* — Crónica de El-Rei D João I.

Estudando a barba sob o ponto de vista antropológico, Leite de Vasconcelos diz-nos que ela é um carácter sexual secundário progressivo, pois as raças inferiores são glabras ou possuem barba rudimentar. Observando dezenas de alunos dos liceus de Lisboa, o sábio etnógrafo verificou que os estudantinhos mostravam, em regra, desde os treze anos, breve penugem, começando a barbear-se pouco depois.

Faz-nos lembrar o cântico de Mendes Leal, intitulado «Recordação», que as selectas do meu tempo divulgaram:

Ao fazer quinze anos um rapaz, seu tio considerava-o «quase um homem já» e o sobrinho pensava:

«Julguei, nesta oração toda,
Que o tal *quási* sobejava
E sondei o beijo em roda
A ver se o buço apontava».

Outrora os rapazes esperavam com grande ansiedade o aparecer da barba e, em graciosas cantigas, como esta, era anotado o facto:

«Estes rapazes de agora,
Franganitos de vintem,
Prometem dez réis às almas,
A ver se a barba lhes vem...»

Era tradicional, entre nós, o uso de grandes barbas, e parece que já os primitivos Lusitanos apreciavam esse adorno capilar, segundo refere Camões (1):

«Na primeira figura se detinha
O Catual que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.
Quem era e por que causa lhe convinha
A divisa que tem nas mãos tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sábio lhe interpreta:
Estas figuras todas que aparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos.
Antigos são, mas inda resplandecem
Co'o nome, entre os engenhos mais perfeitos.
Este que vês, é Luso, donde a Fama
O nosso Reino Lusitânia chama».

Efectivamente, em estátuas lusitanas, nota-se que, já nos tempos prè-históricos e proto-históricos, se usava a barba crescida, na Península Ibérica.

(1) Os Lusíadas de *Luis de Camões*, Canto oitavo.

Alude Leite de Vasconcelos, no capítulo II da sua obra, à *feitura da barba*, às mulheres que exercem a profissão de barbeiro na Suécia e na Alemanha. Também na Bélgica existem barbeiras, assim como antigamente na Espanha, como ficou documentado num *capricho* de Goya.

Certo dia entrei numa loja de barbeiro em Liège e sentei-me à espera de vez. Vários oficiais serviam os fregueses e, na mesma sala, uma rapariga ondulava o cabelo a uma senhora.

Terminado o serviço, retirou-se a dama e, como julgasse que aquela cadeira era reservada para pessoas do sexo feminino, não me levantei.

Foi preciso avisarem-me que tinha chegado a minha vez, para ter a sensação de ser barbeado por mãos de mulher.

Não falta quem se assuste diante da navalha do barbeiro, apesar da aliciante pergunta que ele faz sistematicamente:

— «A navalha incomoda?» — O mesmo dizem os barbeiros franceses, ao iniciar a operação: «*Fait mal?*».

Conta Cícero (1) que havia no seu tempo um certo Dionísio, que receava de tal modo as agressivas armas tonsurantes, que preferia chamuscar as próprias barbas com uma brasa a arder (*candenti carbone sibi adurebat capillum*). Como viveria hoje feliz o tímido romano, aplicando a libertadora *gillette*!

São variadíssimas as formas da barba, assunto que Leite de Vasconcelos trata no Cap. III da sua obra tão curiosa.

Lembro-me da opinião do saudoso Professor Gonçalo Sampaio, que ora usava a barba completamente rapada, ou toda inteira, sem o menor artifício. O grande botânico não admitia que a barba se distribuisse em pequenos canteiros, como os dos jardins...

Em fins do século XIX, toda a gente usava barba, das mais variadas formas: só os padres, os actores e os cocheiros a rapavam.

Leite de Vasconcelos apresenta exemplos de barba cerrada, barba à *Guise*,

(1) *De Officiis*. II-VII.

barba à Cristo, de barba à-passa-piolho, como a de Garrett.

Fala das suíças e dos tacões, que adornaram outrora as bochechas de grandes personagens, e dos imponentes bigodes, de aspectos variadíssimos, que enchiam de vaidade tantos homens ilustres.

A diminuta mosca e a pera mais ou menos espessa não são esquecidas, nas suas múltiplas combinações com o bigode e as suíças.

Fala no bigode à *Kaiser*, fartíssimo, com as guias voltadas para cima em ângulo recto, à altura das commissuras labiais. Os seus bicos eram mais pontegudos que os arrogantes espetos dos capacetes prussianos.

Alude à maneira como se mantinha outrora o aspecto marcial do bigode à *Kaiser*: de noite sustentava-se com uma *bigodeira* (*dresse-moustache* dos Franceses), tira de couro, camurça, ou seda, com fitas que se prendiam nas orelhas.

Também, para o efeito, usavam os barbeiros o ferro de frisar, que, há muito, passou inteiramente de moda, como a tal

bigodeira. Um autor do século XVIII dizia que os nossos antepassados erguiam os bigodes com ferros quentes, operação a que chamavam *levantar o bigode ao ferro*.

Em contraposição ao bigode à *Kaiser*, havia o bigode à chinesa, de guias derrubadas, e ainda o bigode horizontal de pontas enceradas, como o de Napoleão III, e o bigode encaracolado, como o do saudoso Rei D. Carlos.

Farei ainda menção dum aspecto da barba, que suponho nunca ter sido usado no nosso país: é a expansão do bigode à custa das suíças. Assim o ostentavam alguns reis da dinastia de Saboia, antepassados do actual soberano da Itália. Como é sabido, Vitor Manuel II acrescentava ao seu fartíssimo bigode duas mechas enormes de pêlos das bochechas.

«Em estética da barba, diz Leite de Vasconcelos, militares e monarcas dão com frequência a norma, pela atracção que resulta do garbo e do fulgor histórico».

Tem tido grandes vicissitudes a moda dos adornos capilares. No século XVIII, depois de D. Pedro II, usou-se muito a

cara rapada, compensando-se a falta de barba com o emprego de grandiosas cabeleiras postiças.

Ao século seguinte corresponde a renascença da barba, que tomou aspectos extremamente variados. Em geral, cada classe da sociedade usava forma especial de barba. Em certa época, todos os militares tinham bigode, e os da Guarda Municipal ostentavam, uniformemente, bigode e pera.

As suíças eram características dos camponeses. Recordo-me do escândalo que se levantou na minha terra, há cerca de meio século, quando se celebrou o casamento duma lavradeira com um rapaz, de fora da terra, que, apesar de ser da mesma profissão, tinha a audácia de usar bigode. . .

Há quinze anos dizia Leite de Vasconcelos (1): «Actualmente é raro encontrar na capital uma pessoa nova, da classe civil, que não use bigode pleno, bigode americano, ou cara rapada, frequentemente, porém com patilha.

(1) Leite de Vasconcelos — *loc. cit.*



O bigode pleno predomina no povo, por exemplo, serviçais, vendedores de cautelas, revisores de eléctricos, operários, polícias.

Barba toda ou pelo menos barba abundante, só gente de idade ou gente pobre.

Há grupos especiais, também com moda especial: por exemplo actores, toureiros, cocheiros — todos de cara rapada».

Nos Açores, por moda (que é sempre tirânica, vai-se propagando o uso de rapar a barba, e também o de trazer bigodito à americana. Do bigode americano, conclue o sábio etnógrafo, é por vezes sucedâneo o de Charlot, tão cerceado, tão microscópico, tão mísero, que, em comparação dos que imponentemente adornam os retratos de um Saldanha ou de um Bismarck, até parece que rebaixa a dignidade humana. Mais valia não usar nada!

Mal imaginaria Leite de Vasconcelos, ao escrever estas linhas, que, poucos anos depois, se daria a derrocada total do bigode.

Dentro de quinze anos, acentuou-se a sua decadência e verificou-se o seu completo desmantelamento.

Generalizou-se a moda da cara rapada, à americana ou à inglesa, e os que não quiseram fazer cair completamente o arrogante adorno capilar, começaram a atacá-lo por todos os lados. Foi uma verdadeira revolução.

Primeiro, talharam horizontalmente os pêlos que ultrapassassem o bordo da mucosa do lábio superior. Ficaram os homens com os lábios em ectrópio, que lembram os beiços dos pretos. Essa primeira falta de respeito foi o sinal para novos assaltos à integridade do bigode. Antigamente, era intangível: dizia, comovido, o meu velho barbeiro, que não era permitido outrora cortar-lhe nem sequer um pêlo!

Depois amputaram-lhe as guias e, pouco a pouco, foram-no suprimindo, de fora para dentro, até o reduzirem à ridícula proporção do bigode à *Charlot* ou à *Hitler*: uma simples mecha de pêlos, limitada ao filtro, goteira média do lábio superior, que vai da cartilagem do sub-septo ao tubérculo do beiço.

Com efeito, é nas extremidades distais do bigode que o furor anti-tricósico é mais encarniçado.

No «Gringoire», o grande hebdomadário parisiense, político e literário, de 12-X-39, encontrei uma vigorosa e significativa caricatura de Rip, a qual representa, no mesmo desenho, as enérgicas máscaras do *Kaiser* e de *Hitler*; dum lado, Guilherme II, de cabelo erguido, façanhudo bigode arrebitado, farda militar com a cruz de ferro, sulco naso-genal mais acentuado; do outro o *Führer*, de melenas caídas, minúsculo bigode à *Charlot*, casaco democrático adornado com a suástica.

Os que não têm coragem para suprimir completamente o bigode, rapam-no por igual, deixando apenas uma sombra ou espectro do antigo e opulento adorno capilar. Outros ainda espontam-no à tesoura, deixando-o como as acácias das ruas do Porto depois da poda, ou com o aspecto de uma escova de dentes, de pêlos agressivamente eriçados, como os cães denominados de pêlo de arame.

Falta mencionar uma das últimas e mais extravagantes fantasias da moda que decretou a demolição do bigode.

Em vez de o atacar dos cantos para

a linha média, a navalha do barbeiro invade-lhe os bordos superior e inferior, reduzindo-o a ténue fio, parecido com as sobranceiras das raparigas da época. Parece-me que esgotou a fantasia da moda o feitio, que se vai generalizando, e que chamarei em forma de triângulo ou antes de trapézio isósceles, cujos lados iguais vão simètricamente desde a asa do nariz à comissura dos lábios. Esses lados, na última moda, em que há influência do *Cinema*, são curvos, de concavidade voltada para cima.

Quando não é mais ou menos tosquiado como a relva dos jardins, a mutilação pode fazer-se, pois, das extremidades distais para dentro, ou a partir dos bordos, e o bigode pode ser talhado horizontal, vertical ou obliquamente.

Vi há pouco mais duas formas do torturado bigode: num deles, estando reduzido o mísero a duas vírgulas deitadas, encostadas na linha média pela parte mais grossa. E observei também bigodes rapados até meio e com grossas guias encaracoladas, que rompiam, de um lado e do outro, por baixo das asas do nariz.

Serão possíveis outras fantasias inéditas? (1)

Que triste destino o do imponente adorno, tão caro aos portugueses de antanho, e que Montesquieu considerava respeitável por si próprio!

A revolução da moda fez perder toda a consideração pela sua antiga majestade.

Sic transit gloria mundi!

Lembro-me dum negociante de Matosinhos que, não contente com os lustrosos e bem cuidados bigodes, penteava também e acariciava as suas frondosas sobranceiras hipertrícicas. Chamavam graciosamente a este indivíduo o «Pedro bis-bigodes», por ter aparência de possuir duplo bigode.

Em contraposição a este, citarei tam-

(1) Em 1943 vi o que chamarei um supra-bigode, constituído pelas vibrissas hipertrofiadas das narinas. Fez-me lembrar as mechas pilosas que um falecido médico lisbonense cultivava nos ouvidos externos.

Também vi há pouco um bigode finíssimo continuado nas bochechas com um fio de pêlos bilateral deixado pelo barbeiro. Hoje em dia o bigode perdeu toda a imponência de antanho. É um trabalho de pacientes escultores, em que o barbeiro não obedece a qualquer *canon*.

bém o caso de um estudante, que passou pelo percalço de ver cair, por motivo de doença, metade do seu bigode e que, por isso, adquiriu a alcunha de «Gode».

É deveras curioso notar como, em poucos anos, se transformou a fisionomia dos homens, que não hesitaram em sacrificar à moda o ornamento capilar, ao qual estava ligado tão alto simbolismo.

Com que ansiedade a rapaziada do meu tempo puxava pelas guias do buço, para que ele crescesse depressa, e com que presteza entregavam a cara ao barbeiro, rapando, desde a puberdade, os ténues pêlos, para que eles se multiplicassem e depressa engrossassem e, deste modo, o adolescente expusesse o seu *projecto!*

Há quarenta anos, até os rapazes que se destinavam à vida eclesiástica tinham orgulho em ostentar o seu bigodito antes da entrada no seminário, sacrificando, então, essa manifestação de vaidade, com a mesma emoção com que as noviças cortavam as tranças exuberantes ao entrar no convento.

Desapareceu o prestígio das barbas

honradas e parece que o rapazinho imberbe não tem, hoje em dia, pressa nenhuma de mostrar quaisquer sinais de virilidade. . .

Passou-se de um extremo ao outro: enquanto outrora se julgava que a barba enobrecia o rosto masculino, hoje consideram-se os pêlos da cara uma coisa fátua, indigna quase da fisionomia humana.

Já tenho visto gaiatos de ambos os sexos dirigirem remoques na rua a alguns velhotes, que teimam em manter a antiga tradição, conservando barba na cara.

E uma vez, no estrangeiro, num congresso de Anatomia, ao ver entrar na sala um colega de barbas frondosas, perguntei quem era. E o congressista vizinho, querendo insinuar malèvolamente a falta de relevo científico do barbudo anatómico, respondeu-me, com irónico desdem: — «*C'est une barbe*».

Como é sabido, o grande Afonso de Albuquerque usava comprida barba, que lhe chegava até à cinta. Terminava em aguda ponta, onde o genial fundador do Império da Índia prendia, amorosamente, um lacinho.

Confronte-se o caso com as longuís-

simas barbas dum conceituado músico da velha Guarda Municipal do Porto, o qual as agasalhava no seio, abotoando a farda por diante delas. Chamava-se António Joseph Ferreira Maudslay o músico barbilongo, que se intitulava «professor de música e de canto litúrgico, inscrito, condecorado por S. M. F. D. Luís I de saudosa memória, e premiado com diversas meda-lhas de mérito».

O Cid Campeador possuía uma longa barba branca e o célebre Romanceiro ⁽¹⁾ assim se refere a um desacato que lhe quis fazer um judeu, o qual valeu a este um grande susto :

«En Sant Pedro de Cordeña
Está el Cid embalsamado,
El vencedor no vencido
De moros ni de cristianos.
Por mando del rey Alfonso
En su escaño está asentado,
Su noble y fuerte persona
De vestidos arreados
Descubierto tiene el rostro
De grand gravedad dotado,
Su blanca barba crecida
Como de hombre estimado

.....

(1) Romancero del Cid, 109.

Estando d'esta manera
Um judio habia llegado ;
Cuidando estaba entre si
D'esta suerte razonando :
— Este es el cuerpo del Cid
Por todos tam alabado.
Y dicen que en la sua vida
Nadie à su barba ha llegado.

Quiero yo asirle d'ella
Y tomarla en la mi mano.
Que pues aqui yace muerto,
Por el no será excusado.
Yo quiero ver que fará,
Si me pondrá algun espanto. —
Tendió la mano el judio
Para hacer lo que ha pensado,
Y antes que á la barba llegue,
El buen Cid habia empuñado
A la sua espada Tizona,
Y un palmo la habia sacado.
El judio que esto vido
Muy gran pavor ha cobrado :
Tendido cayó de espaldas,
Amortecido de espanto.»

Já não há motivo para dançar o jogo de roda, registado pelo P. Firmino Martins (1), em que os adolescentes de Trás-os-Montes cantavam as graciosas quadras :

(1) *P. Firmino A. Martins* — Folklore do concelho de Vinhais, 2.º vol. Lisboa, 1939.

«A azeitona miúdinha
Que mal se pode colher :
homem que não tem barba,
que vergonha pode ter ?

Vira de lado,
Vira do outro,
nas minhas costas
namora outro.

O marmelo é boa fruta
nasce da ponta da vara ;
homem que raspa o bigode
não tem vergonha na cara.»

No cancionero algarvio, de Abel Viana, em publicação no «Diário do Alentejo», encontram-se várias quadras semelhantes, tais como :

1312 — «Oliveira pequenina
Que azeite pode render ?
Homem de pouca barba
Que palavra pode ter ?»

1313 — «Todo o moço que é bonito
No andar é conhecido :
Um chapeuzinho ao lado
E o bigode *retrocido*.»

Confronte-se a primeira com o passo vicentino atrás citado.

Apesar da sua decadência, o prestígio do bigode ainda se mantém no povo de todas as províncias portuguesas.

E não será para admirar que os marciais bigodes renasçam, qualquer dia, das próprias cinzas. Assim vai acontecendo às cabeleiras femininas, depois de passada a delirante moda do cabelo à *garçonne*.

As senhoras vão deixando, a medo, crescer o cabelo: há pouco descia até à parte inferior da nuca e hoje vai já até às espáduas. Não tardará muito que as damas se pareçam outra vez com a *formosíssima* rainha de Castela, filha do nosso D. Afonso IV, que, ao visitar o pai,

«os cabelos angélicos trazia
pelos ebúrneos ombros espalhados» (1)

Nos tempos de agora, são raros e quase heróicos os indivíduos que conservam as barbas, com o esplendor antigo. Quando acontece cruzar-me na rua com

(1) Lusíadas, Canto III.

uma pessoa dessas, quase me dá vontade de reclamar protecção contra a tesoura dos barbeiros, solicitando que as barbas frondosas sejam consideradas património do Estado, como os monumentos nacionais e as árvores notáveis...

Para terminar, vou reproduzir uma anedota, que me contaram aqui no Porto, e que tem certa relação com este assunto.

Havia em Coimbra um homem, já passante dos quarenta anos, que começou a sofrer muito do estômago. Consultou vários clínicos e ouviu até algumas sumidades especializadas na gastrologia.

Por mais drogas que tomasse e por mais severa que fosse a dieta a que se sujeitava, continuavam as dores do estômago a importuná-lo cada vez mais aflitivamente.

Então, aconselhou um amigo:—porque não vais consultar o Dr. Elísio de Moura? O Dr. Elísio de Moura? — replicou o doente; então você julga que eu estou maluco?!

Vão-se passando os dias e o doente sente-se cada vez pior.

Alarmado, decide-se, por fim, a ir consultar o Dr. Elísio de Moura.

O ilustre psiquiatra recebeu-o aborrecido e disse-lhe que não batera a boa porta, pois nunca se dedicara à clínica das doenças do estômago.

Mas, depois de muito solicitado, ouviu o doente com paciência e, no fim da consulta, desfechou-lhe o seguinte conselho:— Olhe, vá para casa, e rape o bigode!

O bom do paciente foi-se embora, e, desolado, disse à mulher:

Sempre é verdade que o Dr. Elísio de Moura, à força de lidar com os doidos, está tão bom como eles... Então não sabes o que ele me receitou contra os meus males do estômago? — Que rapasse o bigode!...

Foi passando o tempo e, como as gastralgias se tornassem cada vez mais intensas, como último recurso, e sem a menor esperança, o doente deitou abaixo o bigode. Daí em diante, com grande espanto, verificou que estava curado:

comia de tudo, e nunca mais teve o mais leve sofrimento.

Assombrado com o inexplicável resultado, encaminhou-se outra vez para o consultório do Dr. Elísio de Moura, para lhe contar a sua espantosa cura.

— Eu só queria que me dissesse que relação pode ter o bigode com uma doença de estômago. E o eminente psiquiatra, passando os dedos pela frondosa cabeleira, perguntou simplesmente ao doente:

— Que idade tem o senhor? — «Quarenta e cinco anos». «Ó filhinho, eu notei que o seu cabelo branqueava a olhos vistos e que o bigode se mantinha completamente negro. O senhor pintava-o com uma tintura venenosa e tinha o costume de estar sempre a tocar os pêlos com a língua...»

O cliente, desfazendo-se em agradecimentos, perguntou quanto devia pelo tratamento.

— Se quiser, deixe alguma coisa para o Asilo...

Assim fez o feliz cliente, despedindo-se, alegre e satisfeito, livre para sempre das suas gastralgias e do seu venerando bigode, o qual, para não se mostrar miseravelmente grisalho, tinha de ser tingido todos os dias com uma droga tóxica... (1)

(1) Não quero deixar de me referir a um caso de hipertricose descrito nas «Cartas» do P. António Vieira. «O Conde de Aveiras (Vice-rei da Índia) era muito cabeludo e barbaçudo,e tinha pelo corpo lã como um carneiro», informa Vieira.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A VELHICE (1)

VII

CONSIDERAÇÕES SOBRE A VELHICE

A velhice é uma doença, e doença incurável, para a qual os remédios são poucos e os cuidados são necessários. Se, enquanto vivos, quisermos preparar os

(1) Conferência da Associação dos Economistas Católicos do Porto de 20 de Maio de 1914, presidida por D. António de Castro e organizada pelo Sr. D. António Augusto de Castro, M. A. S. S.

(2) Conferência de 1914, no Rio de Janeiro, XV de Junho de 1914, e no Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1914.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A VELHICE (1)

O nosso ilustre poeta Eugénio de Castro teve a infeliz ideia de traduzir o antipático livrinho de Emílio Faguet *Da Velhice*, que pertence à série chamada *Os dez mandamentos*, um dos quais se intitula *Amarás os velhos*.

O douto académico francês manifesta o seu amor acumulando-lhes sobre as venerandas cabeças as mais torpes injúrias. Para Faguet não há defeito que os pobres velhos não tenham.

A velhice é uma doença, e doença incurável, para a qual os remédios aconselhados são contraproducentes. Se, enquanto válidos, queremos prevenir os

(1) Conferência na Associação dos Estudantes Católicos do Porto, 25-XI-39, sob a presidência do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo do Porto, Dom António Augusto de Castro Meireles.

Publicada na revista «Acção Médica» XV, Lisboa Janeiro de 1940; e «O Médico», VII, 3-Bastorá 1940.

maleficios da velhice, não faremos mais que antecipá-la, usando de cautelas que já lembram a invalidez ou a idade avançada.

A velhice é uma espécie de entorpecimento de todo o ser: sentidos, coração e espírito. Perde o velho o amor aos livros e, se é escritor, não produz nada de novo: apenas se repete.

O velho é egoísta e invejoso, chegando a detestar os próprios filhos e os netos, pela simples razão de serem novos.

Continuando a pintura do quadro, diz Faguet que a velhice é tristonha, por saber que é importuna. Que grande maçada é ter de aturar um velho, com as suas caturrices e os seus achaques!

Carregando mais nas cores, o acadêmico francês chega a dizer que «todo o velho é ridículo e todo o velho se sente ridículo, a menos que não seja completamente imbecil, o que é, afinal, o caso mais frequente.

O ridículo do velho, continua cruelmente, vem de que, não sendo ele já um homem, faz todos os gestos dum homem, com uma imperfeição bem manifesta e uma inabilidade que salta aos olhos».

«O velho é o macaco do homem. O homem trabalha, o velho emprega todos os esforços para fingir que trabalha: o homem fala, e nada é tão cómico como esses guinchos pelos quais o velho dá a si próprio a ilusão de palavras; o homem anda, o velho arrasta-se; o homem luta, o velho irrita-se; o homem ama, o velho excita-se; o homem quer, o velho é voluntarioso; o homem vive, o velho — com imensos esforços, pretende dissimular a impotência, revelando-a ainda mais — finge viver. A velhice é uma comédia contínua, representada por um homem que quer iludir os outros e iludir-se a si próprio, e que é cómica, sobretudo, porque é mal representada.

A velhice é rabugenta e a avareza é uma das maiores características da senilidade».

E a obra de Faguet vai até ao fim no mesmo tom agressivamente irónico e termina por estas palavras:

«Todavia, a minha última palavra sobre a velhice será, como deve ser, que desejo sobretudo que não chegueis a ela».

Vê-se que alguma pessoa idosa ofen-

deu Faguet, incitando-o a rude vingança. Parece que o escritor tomou para modelo um caso de psico-patologia.

*

Estas ideias caricaturais estão muito generalizadas, constituindo pretexto magnífico para a atitude corrente para com os velhos. Mal começam a branquear os cabelos a uma pessoa, logo a rodeiam os rapazes, empurrando-a à focinhada, para lhe herdar o lugar.

São manifestamente exagerados os traços da pintura de Emilio Faguet. Tenho, realmente, conhecido velhos com todas as más qualidades por ele citadas. Há velhos avarentos como Harpagão, hipócritas como Tartufo e invejosos como um Porco.

Mas, ao lado dessas criaturas repugnantes, quantas adoráveis figuras de velhos, respeitáveis pelas suas virtudes, tão prudentes, tão sensatos, tão fundamentalmente bons!

E que brilhantes inteligências, iluminadas pela experiência de longos anos, se encontram em muitos velhos!

Para citar apenas exemplos de casa, mencionarei os seguintes factos: numa festa portuguesa, realizada, há pouco, em Londres, tornou-se necessário apresentar um grande pianista. Pois foi-se buscar o insigne Viana da Mota, já depois do limite de idade.

Morreu há pouco, octogenário, o higienista Ricardo Jorge; pois ainda está para nascer quem possa ombrear com ele na sua especialidade.

Mais de oitenta anos tem o etnógrafo Leite de Vasconcelos; talvez nunca mais apareça em Portugal quem possa realizar uma obra tão valiosa como a dele.

Com oitenta e tantos anos, continua a ser Fernando de Sousa o mestre incontestado do jornalismo português.

É sabido que o trabalho intelectual é compatível com a longevidade e parece que até a favorece.

Viveram mais de oitenta anos os matemáticos Halley e Newton; os físicos e químicos Bunsen, Berthelot e Franklin; os biólogos van Beneden, Buffon, Fabre e Ramón y Cajal; os anatómicos Morgagni, Sappey, Cruveilhier e Waldeyer;

os filósofos Kant, Bacon, Voltaire, Spencer e Littré; os historiadores Champollion, Thiers e Mommsen; os escritores Calderón, Corneille, Goethe, Vitor Hugo e Anatole France; os pintores Miguel Ângelo, Ticiano, Madame Vigée-Lebrun e Tintoreto.

Quantos homens de idade avançadíssima não estiveram à frente dos mais transcendentos serviços do Estado, desempenhando as suas funções com um brilho de que os novos seriam incapazes!

Bastará citar Leão XIII, Bismarck, Gladstone, Clemenceau, Hindenburg e Masaryk.

Li há dias a notícia de que o célebre físico Branly, precursor da descoberta da telegrafia sem fios, fizera 95 anos; acrescentava o jornal que, perguntando-se ao grande sábio se ele não pensava em aposentar-se, ele respondera:

— Lá para quando eu fizer cem anos, para ser conta certa...

*

O mais profundo estudo sobre a velhice escreveu-o, há dois mil anos, o filósofo

Cícero, que, no dizer de Montaigne, é o mais glorioso homem do mundo. Resumamos os pensamentos que exprimiu o grande orador, aos 63 anos, pouco antes de ser vítima da sua corajosa eloquência. No *Diálogo sobre a Velhice*, pede Lélío a Catão o Velho que lhe ensine, antecipadamente, a suportar com facilidade o peso dos anos, ao que este responde: As melhores armas da velhice são as letras e a prática das virtudes «*Aptissima omnino sunt, Scipio et Laeli, arma senectutis, artes, exercitationesque virtutum.*»

A vida calma, pura e levada com elegância, conduz à velhice doce e pacífica. Tal foi, como é sabido, a de Platão, que morreu de pena na mão, na idade de oitenta e um anos.

Há quatro motivos que fazem temer a velhice: o primeiro é que ela nos proíbe o cuidado dos negócios; o segundo é porque ela enfraquece o corpo; o terceiro é a privação de quase todos os prazeres; o quarto é a aproximação da morte.

O etnógrafo Jaime Lopes Dias (Etno-

grafia da Beira—V, 1939) colheu em Monsanto, *a mais portuguesa das aldeias*, uma classificação curiosa das idades da vida humana. O homem tem quatro vidas, dizem os Monsanto:inos:

«De anjo,
de pavão,
de burro, e
de cão».

É anjo na primeira época da vida, durante a cândida inocência infantil. Chegado à adolescência, é um verdadeiro pavão, quando procura deslumbrar o sexo oposto com a vaidosa indumentária da mocidade. Na idade madura, quando se torna mais laboriosa a luta pela vida, o homem é comparado a um resignado jumento.

Por fim, vem a decrepitude, e o pobre velho só espera que lhe dêem uma côdea de pão e, às vezes, um pontapé.

A velhice proíbe-nos efectivamente de realizar funções que competem à mocidade. Mas o trabalho dos velhos pode ser utilíssimo: quantos homens de pro-vecta idade se apontam que foram gran-

des na política e na literatura! Afirmar que são inúteis os velhos, onde existem moços, é o mesmo que dizer que o piloto nada faz ao navio, porque está sentado còmodamente a manejar o leme, enquanto os outros trepam aos mastros e praticam as manobras que exigem força e agilidade.

Concordemos que os velhos não possam realizar o que fazem os rapazes: mas quanto mais importantes são as suas funções! Não é pela força e agilidade do corpo que se executam as grandes coisas, mas sim pela prudência, a autoridade, que aumentam com os anos. Não pode considerar-se inactivo o homem que já não pode cingir uma espada, mas que se atreve a ir para o Senado proclamar a necessidade de se fazer a guerra. Não pode o ancião correr, saltar, combater, de armas na mão. Mas, com a sua sabedoria e a sua experiência, pode governar os povos ou ser magistrado nos tribunais.

Percorrendo as páginas da história, ver-se-á que foram os jòvens que derrubaram as mais poderosas nações e que foram os velhos que as sustentaram e

restauraram (1). São temerários os que estão na flor da idade, e o homem só ao envelhecer se torna prudente. Diz-se que a memória enfraquece com a idade. Assim é, para quem não a exercita, ou para quem sempre a teve preguiçosa.

As forças do espírito sobrevivem aos anos, desde que não renunciemos à aplicação e ao trabalho.

Sófocles escreveu tragédias até à extrema velhice; e, como esta nobre ocupação o desviava das preocupações domésticas, os filhos requereram a sua interdição. O glorioso velho terminava neste momento o *Édipo em Colona*. Leu a célebre tragédia aos juizes, perguntando se pôderia considerar-se a obra dum imbecíl. O tribunal absolveu pura e simplesmente o grande escritor.

Sófocles, assim como Homero, Hesíodo, Pitágoras, Demócrito, Platão, e muitos outros grandes homens, conservaram a actividade do espírito enquanto durou a sua longa existência.

(1) Comparem-se os resultados das políticas de Hindenburg e de Hitler...

Dizia Solon que tinha grande honra em envelhecer, aprendendo todos os dias alguma coisa de novo.

É certo que o organismo enfraquece com a idade. Claro é que o velho não pode ter o vigor dum rapaz; mas o mancebo também não pode ter a veleiidade de possuir a força dum touro ou dum elefante.

Cada um sirva-se do que tem, e valha-se das suas forças.

Há misteres em que a idade não provoca decadência. Sucede às vezes que a voz é sonora e brilhante na velhice; mas, ainda que o não seja, a linguagem dum velho, para agradar, basta que seja calma e fácil. O homem instruído, que fala com elegância e com doçura, faz-se escutar com prazer, ainda que seja velho.

É também uma nobre missão para as pessoas idosas cercar-se de rapazes e instruí-los sobre as virtudes e a prática dos deveres.

Enquanto o ancião pode incutir aos novos bons conselhos, não deve lamentar-se, mesmo que as forças, arruinadas pela idade, o tenham abandonado. Esse

esgotamento deve, aliás, imputar-se, mais aos vícios da juventude que à própria velhice. São os rapazes intemperantes e libidinosos que fazem os velhos sem vigor.

Enquanto durar o vigor físico, goze-se tal benefício; enfraquecido ele, não o lamentemos. De contrário, teríamos de lamentar, na juventude, a perda da infância, e lamentar depois a falta da juventude, desde que ela passasse.

É regular o curso da vida, e a marcha da natureza é simples e uniforme. Cada estação da existência tem o seu lugar; e a debilidade da infância, a audácia da juventude, a gravidade da idade viril, a maturidade da velhice são outros tantos frutos que a natureza nos oferece e que devem colher-se na época própria.

Alude Cícero a um tal Massinissa, duro velho de noventa anos que, ao iniciar a pé uma caminhada, nunca montava a cavalo; se partia a cavalo, nunca mais se apeava até ao termo da jornada. Não havia chuva nem frio que o obrigasse a cobrir a cabeça. De corpo seco e bem disposto, cumpria as suas obrigações, e conservava, em idade tão provector,

alguma coisa do vigor antigo. Este retrato de Massinissa muito me faz lembrar a figura austeríssima dum clínico de aldeia, tão querido do povo de Melgaço, o Dr. Vitoriano, que, apesar da sua provecção, percorre diàriamente, a cavalo ou a pé, longuíssimas caminhadas, através das serras inóspitas do Alto Minho, entrando, esguio e aprumado, nos tugúrios de muitos pobres, semeando o bem.

Devemos lutar contra a velhice, tratando-a como uma doença. Entreguem-se os de idade avançada a um exercício moderado, tomem os alimentos necessários para reparar as forças, e abstenham-se dos excessos que as destroem. É preciso prestar tantos cuidados ao corpo como ao espírito. Não se olhando por este, apagar-se-á, como uma lâmpada sem azeite.

O exercício, que esgota a actividade do corpo, diz Cícero, pelo contrário, excita o vigor do espírito.

A chamada segunda meninice não afecta todos os velhos, mas sòmente aqueles cujo espírito não tem vigor.

Para que a velhice seja respeitada, que defenda os seus direitos, que não

sacrifique a sua independência, que domine até ao último suspiro. Deste modo, poderá envelhecer o corpo, mas não o espírito.

O terceiro ponto de acusação contra a velhice é a privação dos prazeres materiais. Ao contrário do que se pensa, devemos considerar que a idade nos favorece, libertando-nos do que há de mais terrivelmente perigoso na mocidade. Os prazeres corporais são o maior flagelo criado pela natureza. Por via deles, cometem-se os maiores crimes. Uma vez senhores do coração humano, os prazeres não deixam lugar para a moderação, e, onde reina o prazer, não pode existir a virtude.

A sensualidade é o mais funesto dos venenos e torna-se incompatível com as obras da inteligência.

A concupiscência é inimiga da razão, e cega, por assim dizer, os olhos da alma.

Só a velhice é capaz de pôr de acordo os nossos desejos com os nossos deveres.

Podem lamentar-se os velhos por não se regalarem num banquete, comendo excessivamente e esvaziando copos?

Trata-se até duma vantagem, pois não se arriscam à embriaguês, a indigestões e à insómnia.

É preciso, todavia, alguma coisa conceder à velhice.

Chamava Platão, judiciosamente, ao prazer, a *isca dos males*, porque os homens se deixavam nele prender como os peixes no anzol.

Conquanto os velhos devam ser comidos na alimentação, podem contudo assistir a banquetes frugais, em alegre colóquio com os amigos.

Tiveram razão os antigos, dando o nome de *convivas* aos amigos que se reúnem à volta da mesa. *Vivemos*, com efeito, *juntamente* com eles. Os velhos podem ter grande satisfação, durante um longo banquete, comendo e bebendo pouco e conversando muito.

Felizes são os velhos, quando substituem as paixões violentas da mocidade pelo estudo honesto e repousado.

Afirmava Solon que, ao envelhecer, adquiria cada vez mais conhecimentos.

É o mesmo conceito que o povo de hoje exprime, dizendo: «Aprender até

morrer». Os prazeres espirituais devem ocupar o primeiro lugar.

Espraia-se depois Cícero a cantar as delícias da vida campestre, que tanto convém aos velhos: a contemplação das sementeiras, da cultura da vinha. «As ceifas, os prados, os vinhedos, as árvores não são os únicos encantos da aldeia; juntem-se-lhes os jardins, os pomares, o gado, as pastagens, os enxames de abelhas e a imensa variedade de flores!»

E a alegria e a beleza da vida campestre são cantadas com entusiasmo virgiliano.

É também motivo de grande satisfação para os velhos o respeito e a consideração de que são rodeados pelas pessoas educadas.

Resta falar no quarto ponto, o que mais aflige os velhos: a proximidade da morte.

É certo que, para o ancião, a morte não pode vir longe e ele deve habituar-se a encarar essa ideia corajosamente. Mas não é só o velho que está arriscado a morrer. A morte não procura idades e, afinal de contas, morrem mais pessoas novas do que velhas.

A morte é certa, e, a este propósito,

há, diz Cícero, duas hipóteses a considerar: ou ela nos aniquila definitivamente, ou nos conduz à imortalidade.

Para que havemos de temer a morte? Na primeira hipótese, acabarão todos os infortúnios; e, na segunda, ficaremos a gozar a felicidade eterna.

Surpreende o ardor com que Cícero defende a ideia da imortalidade da alma, ideia que, pouco depois, o Cristianismo difundia pelo mundo inteiro.

O corpo, diz o maior dos oradores romanos, é, para nós, uma espécie de prisão, onde temos de cumprir a penosa tarefa que a necessidade nos impõe. A alma, precipitada das alturas do Céu, que foi o seu berço, mergulhou no lodo da terra, inimigo da natureza eterna e divina.

Mas eu creio que, se os deuses encerraram uma alma inteligente no corpo humano, foi para darem guardiões à terra, e ao céu espectadores que representassem a harmonia na regularidade da própria conduta.»

Não foi apenas o bom senso e a reflexão que levaram Cícero a pensar assim. Baseou-se também na autoridade dos

filósofos: Pitágoras e seus discípulos não duvidavam que as nossas almas fossem parcelas da inteligência divina, que move o universo.

A mesma ideia exprimiu Sócrates, o mais sábio dos homens, quando estava para morrer.

Vendo a actividade do espírito humano, esta memória imensa, esta vasta previdência, esta multidão de artes, de ciências, de descobertas, persuadi-me e tenho a convicção íntima que uma natureza dotada de tais atributos não poderá ser mortal».

E a ideia filosófica da imortalidade da alma continua a ser ardorosamente defendida pelo mais eloquente dos oradores romanos:

«Nunca pude acreditar que, depois de viver no seu invólucro mortal, a inteligência expirasse ao despojar-se dele e que a alma cessasse de pensar, no momento em que se desprende do corpo que não pensa. Sempre acreditei, pelo contrário, que ela estaria, verdadeiramente, em condições de pensar, quando, liberta de toda a mistura com a matéria, se tornasse independente e pura. Quando a morte

dissolve os elementos do nosso ser, vê-se claramente o destino das substâncias materiais: todas entram no seio das coisas donde foram tiradas. A alma é que não se mostra a nós, nem durante a sua estada no corpo, nem à partida».

E, assim, conclue Cícero, com estas belas frases, que parecem dum cristão: «Anseio por tornar a ver os pais, que tanto respeitei e tanto amei; estou impaciente por me juntar a todos aqueles que conheci, ou de quem ouvi falar, cujos actos li ou descrevi. Se um aeus me oferecesse a possibilidade de regressar aos dias da minha infância, às faixas do berço, recusaria sem hesitar, e não consentiria, no fim da carreira, o regresso ao princípio.

Não lamento o ter vivido, porque não me parece de todo inútil. Mas saio da vida como duma hospedaria, e não como se retirasse duma casa que me pertencesse. A natureza não fez da terra uma habitação fixa, mas apenas um lugar de passagem.

Assim pensando, a velhice é, para mim, não só isenta de desgosto, mas ainda cheia de encantos. Se me enganar acre-

ditando na imortalidade da alma, não me arranquem essa ilusão enquanto eu viver.»

Ficam assim expostas as ideias de Cícero, com o resumo de alguns dos passos mais salientes da obra mais notável que, em dois mil anos, se escreveu sobre a matéria: «*Cato major, seu de Senectute — Dialogus ad Titum Pomponium Atticum.*»

Depois do aparecimento desta obra prima da literatura clássica, muitos escritores abordaram o mesmo tema. Mas *De Senectute* como que esgotou o assunto. Quem veio depois, ou repisou as mesmas ideias, ou, como Faguet, tentou deslumbrar com paradoxos.

Do começo do Século XIX, citarei a famosa *Macrobotica* de Hufeland, que aconselhava a cultura das faculdades físicas e morais do Homem para favorecer o prolongamento da vida, terminando assim a sua obra, segundo a versão portuguesa: (1)

(1) Arte de prolongar a vida humana ou moderno tratado de higiene. Escrito em Alemão por Hufeland. T. II. Lisboa MDCCCXXV.

«Pelo que se acaba de referir, bem se vê qual é o grau de cultura necessário à prolongação da vida: só ela, tanto no físico como no moral, tem por alvo a maior perfeição possível das nossas faculdades, mas também ela se propõe sempre, como regra, a grande lei moral, à qual tudo no homem deve referir-se, para que sua existência seja boa, conveniente ao seu destino, e verdadeiramente benéfica».

Sob um ponto de vista curioso, encarou o assunto o escritor francês André Maurois, em conferência pronunciada no mês de Dezembro do ano passado (1). A série *Pequena filosofia da vida* terminou pela conferência *A arte de envelhecer*, que me fez lembrar o drama de Marcelino Mesquita *Envelhecer*, que há uns quarenta anos ouvi representar pela célebre Companhia Rosas e Brasão.

«Os cabelos brancos, dizia o Eduardo, a preparar o trágico desfecho, os cabelos brancos embranquecem-me a correr; mata-me essa tristeza funda, íntima, que eu

(1) ANDRÉ MAUROIS — *L'art de vieillir* (Conférence, 15-III-39).

não conhecia, da velhice, que nos torna desterrados da terra, da vida, que nos atira para o lado, para os mais passarem, rirem e amarem! Como reagir? Como lutar? A mocidade é bela e invencível! Só ela é grande na terra, a idade do amor, dos sonhos, da felicidade!...»

Na minha terra considera-se grave inferioridade a velhice; e, quando a uma pessoa de idade se chama velho, ele toma a mal, e replica, mal disposto: — Velhos são os farrapos! E, às vezes, acrescenta: — É mesmo esses têm serventia...

Certa noite, à hora do jantar, numa casa de hóspedes desta cidade, perguntaram indiscretamente, a uma senhora de idade avançadíssima, quantos anos tinha.

— Sou muito velha, respondeu a dama; ainda sou do tempo em que parecia mal perguntar a idade a uma senhora...

Quando começa a velhice, inquire Maurois?

Em amena conversa com o Dr. Eduardo Monteiro, exprimiu ele uma definição, que deve agradar sobremodo a todos os que já não são crianças. «Velho, disse o amável professor da Faculdade de Medicina

de S. Paulo, é uma pessoa que tem mais vinte anos do que nós...»

Maurois é de opinião contrária: faz antecipar, cruelmente, o começo da velhice para os cinquenta, ou até para os quarenta anos.

A velhice, como o outono, aparece gradualmente. Quando uma ventania de Novembro arranca as folhas das árvores, já elas, há muito, estão quase mortas, presas por um fio aos ramos.

O mesmo acontece com a vida humana. Quando um rapaz faz qualquer tolice, paga-a com uma dor de cabeça ou uma constipação. Tratando-se dum velho, a ventania abate-o e chama-se pneumonia, congestão cerebral...

A velhice não é só caracterizada pelos cabelos brancos e pelas rugas. O verdadeiro mal não é o enfraquecimento do corpo, mas sim a indiferença da alma.

O velho perde o entusiasmo e, pouco a pouco, por nada se interessa. — «Para que serve?» — diz constantemente o ancião, limitando cada vez mais o ambiente da sua vida.

«Para que serve lutar?» dirá um dia.

Passado tempo, dirá: «Para que serve sair de casa?» E depois: «Para que serve sair do quarto?» E depois: «Para que serve sair da cama?» E por fim: «Para que serve viver?»

E, assim, ficam abertas as portas da morte.

Tirando os organismos simples que escapam à morte, pela divisão em indivíduos novos, todos os seres, mais tarde ou mais cedo, entram na velhice. Porque será que certas borboletas não vivem mais que duas horas, enquanto que o Papagaio e a Tartaruga podem viver dois séculos? Porque será que Deus concede trezentos anos de vida a certos Peixes, enquanto que Byron e Mozart não passaram dos trinta?

A estas perguntas, diz Maurois, não podemos dar resposta. Com os progressos da higiene, a média da vida humana tem aumentado consideravelmente e é verdade que, por este andar, se não houvesse guerras nem revoluções, o homem atingiria os cem anos, normalmente.

Não é só nas sociedades civilizadas que os velhos são maltratados pelos

ardentes moços, que lhes querem tomar o lugar.

Conta um viajante de África que encontrou, certo dia, um velho negro, aterrado, que lhe suplicou — «Dê-me uma tintura para os meus cabelos; se eles vêm que os tenho a branquear, matam-me!»

São muitas as histórias que se contam a propósito do mau tratamento dado aos velhos. Todos conhecem a anedota do velho pai posto pela porta fora pelos filhos, com uma manta às costas e uma escudela na mão.

Não é só a espécie humana que se mostra assim cruel para com os velhos. Até os lobos dão cabo dos companheiros mais idosos, quando os seus dentes já não são aptos para agarrar a presa...

Em caso de guerra, mal vai aos velhos. Nas revoluções, é certa a vitória da mocidade, pela sua decisão pronta, pela sua maior facilidade a adaptar-se a novos costumes.

Lembro-me bem do que sucedeu há anos, numa das nossas mutações revolucionárias. Depois de cruelmente afastados os velhos, foram-se buscar à cadeia

jovens audaciosos, que treparam sem esforço para as cadeiras do poder ou para as cátedras universitárias.

Nas sociedades tradicionais, era comum o respeito pelos velhos. André Maurois transcreve os seguintes conselhos, dum livro de leitura usado outrora nas escolas primárias do velho Império chinês:

«No verão todos devem conservar-se junto de seus pais, agitando um leque, para os livrar do calor, das moscas e dos mosquitos. No inverno, reparem os filhos se há bastantes cobertores na cama de seus pais, e se há lenha no fogão. É preciso livrá-los das correntes de ar, fechando bem as portas e janelas, e vigiar que, todo o dia, estejam contentes e felizes.»

Na China moderna, varrida pela torrente revolucionária, as atenções pelos velhos desapareceram. Estabeleceu-se a força audaciosa dos novos, que transformou o tradicional império num montão de ruínas, à mercê do estrangeiro.

Nas mutações rápidas, triunfa a mocidade; a estabilidade e a vida tradicional só podem existir com o prestígio da ve-

lhice, diz o acadêmico francês, que acrescenta: «A melhor política é talvez a dos guerreiros de Homero: no comando activo das tropas, alguns moços heróicos, e, perto deles, o sábio Nestor, ministro de Estado».

São grandes os malefícios da velhice, mas podem atenuar-se. Um corpo que envelhece é uma espécie de motor fatigado. Pode ainda prestar serviços, se for cuidadosamente reparado a tempo. Mas, enfim, não volta a ser o que foi e não lhe podem exigir grandes esforços.

A decadência intelectual não é completa para toda a gente, e tem havido artistas que, até à morte, se mantiveram senhores do seu talento. Voltaire tinha 65 anos quando escreveu *Candide*; Vitor Hugo compôs belos versos na extrema velhice; Goethe também já era muito velho quando escreveu o admirável final do *Segundo Fausto*, e Wagner tinha 69 anos quando acabou a partitura do *Par-sifal*.

Enumera Maurois os defeitos dos velhos, fraquezas que já tive ocasião de mencionar. Começa pelas grotescas pai-

xões amorosas de alguns velhos, assunto já versado, com muita graça, pelo nosso Gil Vicente, no *Velho da Horta* e na *Floresta de Enganos*.

Nesta obra vicentina, o Doutor Justiça Maior do Reino, velho namorador, diz, requebradamente, a uma rapariga:

«Yo no quiero
De vos plata ni dinero,
Mas privar con vos por cierto
En lugar mucho secreto
Por deciros quanto os quiero».

A par das paixões amorosas senís, de que não puderam libertar-se grandes homens, como Goethe, e Vitor Hugo, para quem o coração jamais tinha rugas, apresentam-se outros vícios que já mencionei como o egoísmo e a avareza, que tornam deveras antipáticos certos velhos, assim como a vaidade e a impertinência.

Todos estes defeitos fazem afastar os moços, e muitos velhos acabam por viver na mais completa solidão.

Será possível não envelhecer? — pergunta André Maurois. «Assim como uma árvore não pode impedir que lhe caiam as folhas no Outono, também o homem não

pode fazer com que o cabelo lhe não comece a branquear nas fontes, e a mulher tem de resignar-se ao aparecimento dos *pés-de-galinha* nos cantos externos dos olhos.

Mas se a mulher não pode evitar a aproximação da velhice, encontrou, todavia, meios para a encobrir o mais possível. A mulher idosa enfeita-se com muitas joias. Põe um colar de pérolas ao pescoço, para não deixar ver as cordoveias senís. Enche de anéis os dedos, para não se dar fé das mãos descarnadas; usa brincos de brilhantes, para que a vista distraída não possa contar as rugas que lhe franzem a cara.

A política da moda consiste em tentar conseguir que não se distinga a juventude da idade avançada. Para isso, inventou-se o pó de arroz, a tinta vermelha para os lábios e o lindo vèuzinho que encobre tantas imperfeições. . . »

Todas estas práticas para pouco mais servem do que para se enganarem a si próprias, pois que é inexorável a marcha da vida, com todas as suas manifestações de decadência.

Os biólogos, em meticulosas experiências, têm conseguido rejuvenescer animais de espécies inferiores, injectando-lhes hormonas, ou enxertando-lhes glândulas de animais novos.

Mas o verdadeiro rejuvenescimento não pôde ainda obter-se perfeitamente para o Homem, pois que as tentativas do famoso Voronoff são, por enquanto, bastante precárias.

Mas será possível, ao menos, retardar a velhice e diminuir os seus efeitos? — pergunta Maurois.

Com o exercício, pode manter-se a destreza e a graça por largo tempo; muitos septuagenários praticam diariamente esgrima e jogam o *tenis*, nadam e remam com o desembaraço dum rapaz. Vi em Londres, nas festas dum Congresso, muitas pessoas de avançada idade, de ambos os sexos, dançar animadamente.

Não pode interromper-se a velhice, desde que ela começa a manifestar-se. O que é preciso é reagir a tempo, e não nos deixarmos apoderar do desânimo. Pudéssemos todos cumprir tão salutares indicações!

Nada de renúncia prematura, nem renúncia física nem sentimental.

O coração, tal qual como o corpo, diz o escritor francês, têm necessidade de exercício.

É costume acharem-se ridículas as paixões amorosas dos velhos. Contudo, nada mais respeitável do que ver-se um velho casal dar-se bem; as atenções, a ternura, o affecto, a admiração recíproca podem manifestar-se em qualquer idade.

Morre o ciúme com a mocidade e a violência extingue-se com a força; mas, com o resto de duas mocidades tempestuosas, podem fazer-se duas velhices encantadoras, pois o amor dos velhos pode ser tão sincero como o dos novos. A vida sentimental não é feita apenas de manifestações amorosas. A afeição dedicada pelos velhos a seus filhos e netos pode preencher completamente a sua vida, tornando-a perfeitamente feliz.

São lapidares estes pensamentos e conselhos do velho Hanotaux: «Tudo acontece; tudo se esquece; tudo se arranja.» «Ninguém entende nada de nada.» «Se todos soubessem o que todos

dizem de todos, ninguém falaria a ninguém». Com 85 anos, o notável historiador, longe de cair no desespero, adquiriu serenidade e confiança, exprimindo notáveis conceitos como aqueles.

Poderia supor-se que uma vida agitada, grandes emoções, lutas, estudos, investigações, fatigam e gastam as pessoas. O que é verdade é que sucede exactamente o contrário.

Clemenceau e Gladstone, assim como os outros que já citei, aos 80 anos espantavam pelo seu vigor.

Envelhecer, afirma André Maurois, é apenas um mau hábito; quem têm muito que fazer, não tem tempo para o adquirir.

E o célebre escritor terminou o seu estudo da mesma forma que Cícero finalizou o seu, há vinte séculos, aconselhando aos velhos a vida calma e despreocupada no campo, enquanto não vem a morte, que deve encarar-se com os olhos da fé.

O último capítulo da conferência de Maurois intitula-se *A arte de morrer*, e é curioso notar que este epílogo é singularmente parecido com o de *De Senectute*.

«Há duas maneiras de morrer: — diz

Maurois — a do epicurista, para o qual a morte não é nada, e a do cristão, para quem ela é tudo.»

Briosos mancebos! Pus-vos diante dos olhos o quadro da velhice, conforme ela foi considerada, através dos séculos, por grandes pensadores. Estou a ouvir a vossa réplica: — «Que temos nós com isso? O nosso corpo está cheio de vigor, plena de esperanças está a nossa alma. Portanto, para que pensar na velhice?»

Estais enganados. A mocidade passa como um relâmpago e não tardará o tempo em que começareis sentindo o declinar da força física e das energias morais.

A arte é longa, a vida é breve, proclamou o venerando Pai da medicina. E ficai sabendo que as misérias da velhice são criadas pelos vícios da mocidade.

Eu pertenci a uma geração pervertida por muitos vícios. Os rapazes do meu tempo viviam completamente envolvidos nos males da gula e da luxúria. A embriaguês era vício muito comum na rapaziada do meu tempo e quase todos aspiravam a ser tão libidinosos como sátiros.

Os resultados desta vida depravada, ainda os cheguei a ver: quantos rapazes esperançosos morreram prematuramente, quantos arrastam hoje uma velhice plena de achaques, por causa da má vida que levaram na juventude?!

Ainda bem que, nos últimos tempos, tudo mudou. É com a maior satisfação que vejo a mocidade de hoje acolher-se, tão salutarmente, ao seio desta benemérita agremiação, onde bebem os sãos princípios da espiritualidade católica.

Se cuidardes da formação moral e religiosa, tereis uma velhice calma e feliz.

E vou concluir, servindo-me, mais uma vez, das palavras de Cícero:

«Eis o que posso dizer-vos sobre a velhice. Oxalá que a ela chegueis todos, e que a experiência confirme a veracidade das minhas palavras».

Não suponhais que elas são inoportunas.

O sonho da mocidade depressa se esvai e, segundo o alto pensamento de Afonso Lopes Vieira,

A noite cai, mal amanhece!



ÍNDICE

	PÁGS.
DEDICATÓRIA	5
PREFÁCIO	7
I — Cortejo fúnebre :	
António de Azevedo Maia	11
Sousa Oliveira	17
João Monteiro de Meyra	23
Roberto Frias	27
Maximiano Lemos	31
Ilídio do Vale	41
Tiago de Almeida	47
Ricardo Jorge	53
Leite de Vasconcelos	59
José Caldas	65
II — Recordações :	
Froilano de Melo	71
Camilo e os Médicos	75
No Centenário da Universidade de Coimbra	79
No Congresso de Ciências da População	85
O Santo Missionário João de Brito	91
A Ti' Maria Caldas	97
Troças académicas	105
Trabalhadores portugueses em França	109
No Congresso luso-espanhol para o progresso das ciências	113
A questão Calmon	120
III — Lei biogenética fundamental	125
IV — Oriem dos Médicos	143
V — Primeiro : Ver	158
VI — Grandeza e decadência do bigode	191
VII — Considerações sobre a velhice	219



DEPOSITÁRIO:
MANUEL BARREIRA
LIVRARIA SIMÕES LOPES
RUA DO ALMADA, 119 — PORTO



EFG0003045855

S